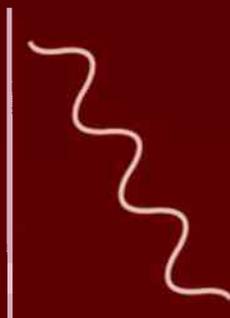


Oswaldo Chaves



Encolhiam-se
EXÍGUAS

as sombras com o sol a pino
(Ovídio - Met III, 50)

POESIAS

3ª edição

Sobral- Ceará
2016

A poesia é substantiva, vive em si mesma. As outras chamadas bela-artes, porém, não poderiam existir sem ela. A poesia, alma de todas as manifestações artísticas, utiliza a plasticidade de todas as artes: os traços e a policromia da pintura, o ritmo e a melodia da música, o escultural da estatuária, a unidade harmoniosa da arquitetura.

"Exíguas" é obra poética no sentido pleno da palavra, porque foi inspirada e estruturada em simbiose perfeita com todas as belas-artes.

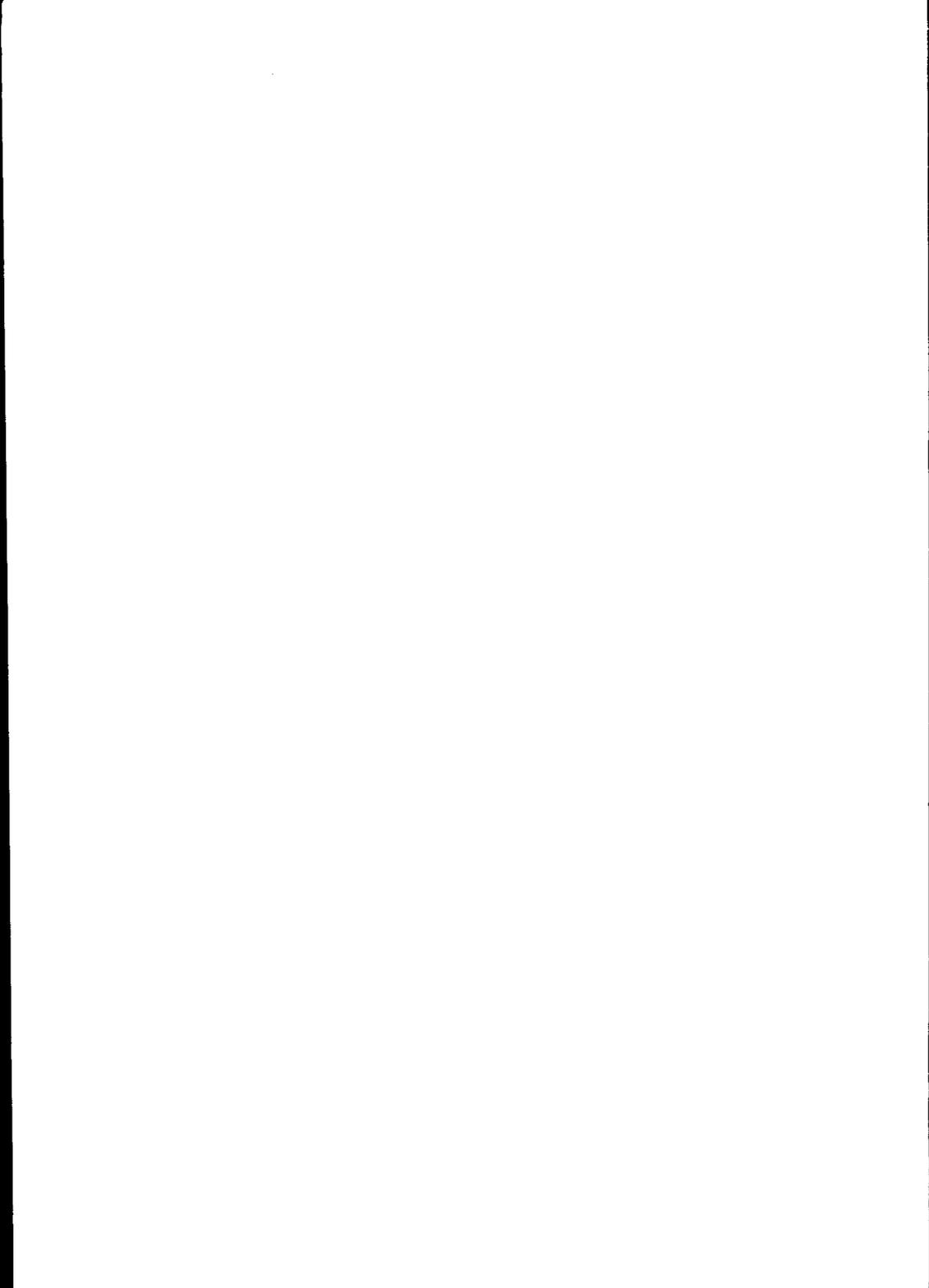
Em consequência, o poeta sente "os olhos sequiosos de policromias" e tenta reavivar as cores da "Bandeira Nacional"; pede cantos para seus "ouvidos famintos de música" e emociona-se com a voz dos sinos; diz que em sua pele "arde o desejo de produzir formas esculturas" e canta Francisco de Assis como "escultor existencial"; decifra em Sonho Medieval "a linguagem das ogivas e dos vitrais das grandes catedrais" e o poema mudo das "duas torres magras da Prainha - dois poetas hirtos, absortos no infinito, cismando à beira-mar!".

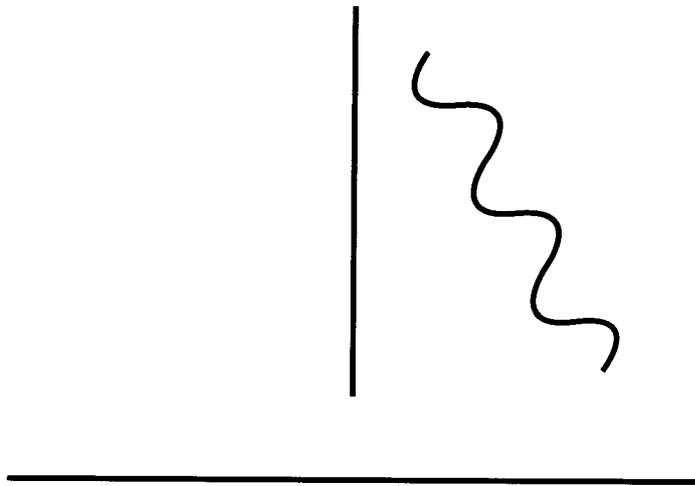
Minha apresentação não passa de uma sintomia de reflexões que me vieram à mente, depois de uma rápida leitura intuitiva, e não analítica, dos poemas que compõem esta obra de estreia. O livro do Pe. Osvaldo Carneiro Chaves está a exigir um estudo mais aprofundado, o que espero seja feito pela crítica especializada que certamente prestar-lhe-á a merecida atenção.

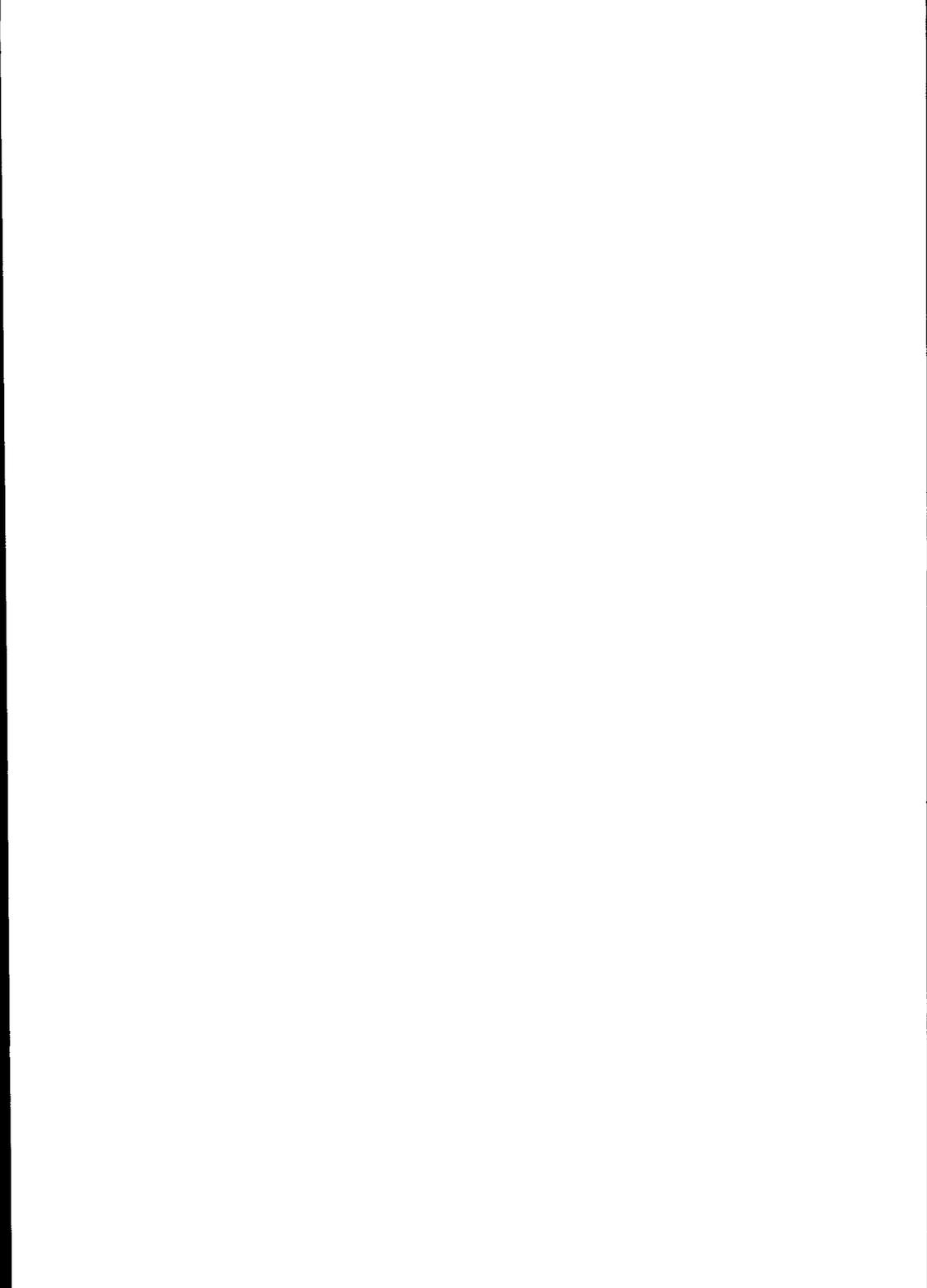
De mim, o saúdo como um marco na história da literatura cearense, pois nos coloca na presença de um impressionante poeta que pode estar entre os seus bons artífices do verso.

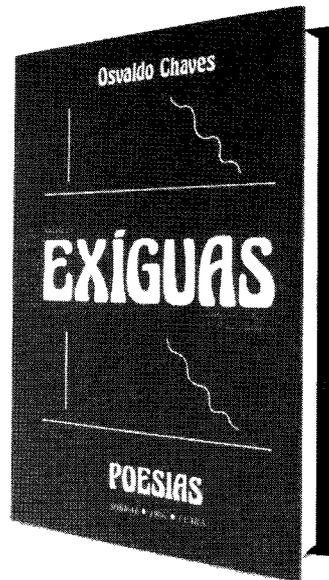
Francisco Sadoc de Araújo

EXÍGUAS

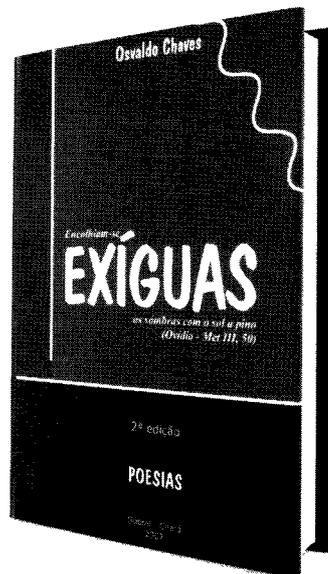




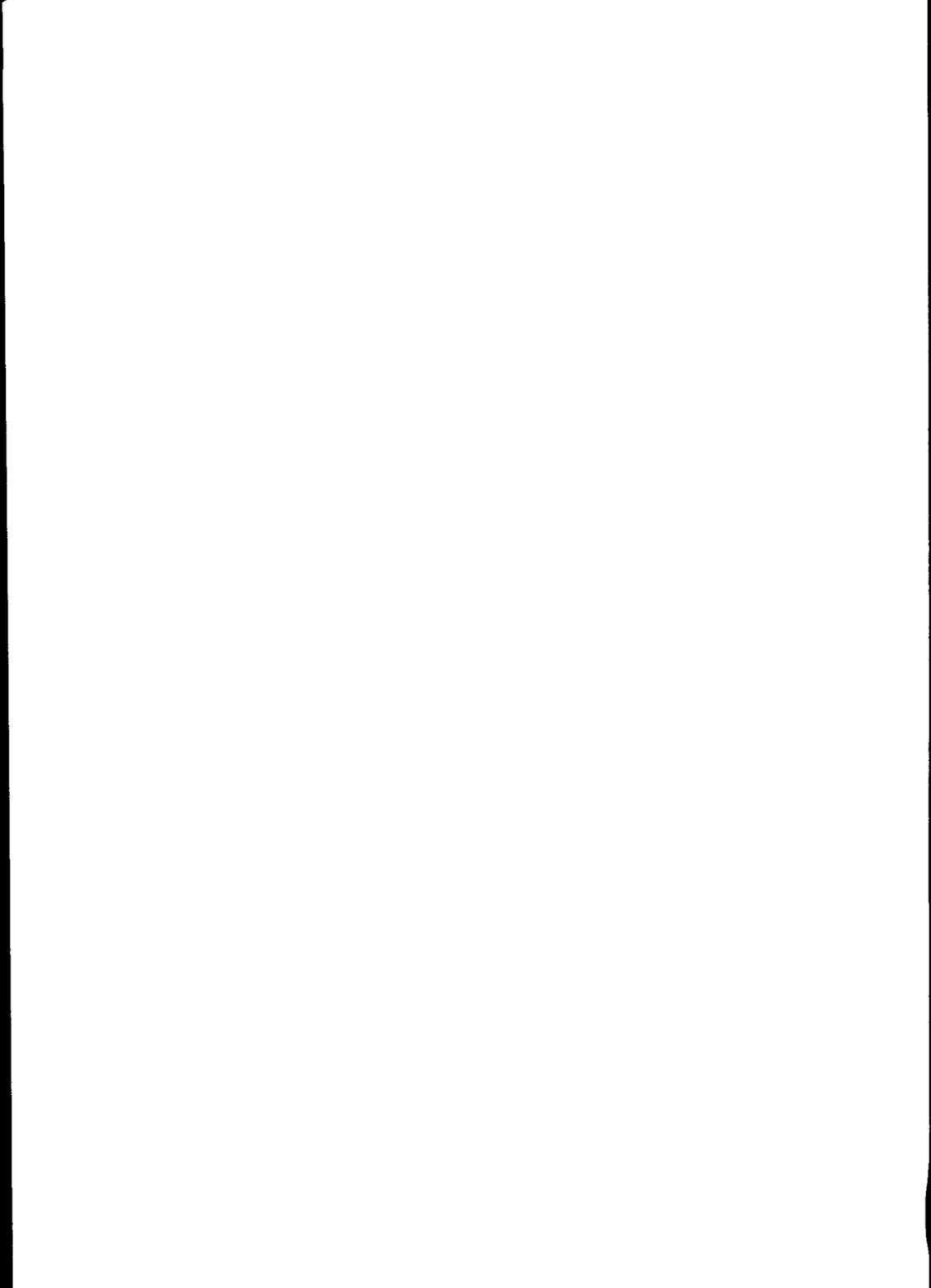




Capa da
1ª Edição



Capa da
2ª Edição



PE. OSVALDO CHAVES

Encolhiam-se
EXÍGUAS

as sombras com o sol a pino
(Ovídio – Met III, 50)

3ª Edição

POESIAS

Sográfica
Sobral-CE
2016

© 2016 Copyright by Padre Osvaldo Carneiro Chaves

Impresso no Brasil / Printed in Brazil

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte desta obra pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito do autor.

Capa

Sobral Gráfica e Editora

Digitação, Diagramação e Revisão

Sobral Gráfica e Editora

Impressão

Sobral Gráfica e Editora

Catálogo na Publicação (CIP)
Ficha Catalográfica feita pela Editora

C512e Chaves, Osvaldo Carneiro, Pe., 1923-
Exíguas / Pe. Osvaldo Carneiro Chaves.- So-
bral: Sobral Gráfica e Editora, 2016.
240 p.; 21 cm.

ISBN: 978-85-60474-30-1

1. Literatura Brasileira - Poesia. I. Título

CDD: B869.1

CDU: 82-1/821.134-3

A publicação desta obra tornou-se possível graças ao apoio da Sobral Gráfica e Editora.



Para
Francisco Sadoc de Araújo
e os outros cérebros



Para
Norma Silvia Linhares Martins Brito e
Davi Helder de Vasconcelos
e os outros a quem devo esta edição.



Para

José Linhares Ponte,
João Evangelista da Ponte,
Sérgio Carneiro, Jacó de Araújo,
Marialva Mont'Alverne Frota,
Gerardo Cristino Filho e
os outros do coração.

Leda Benevides Magalhães, Anísia Rocha
e as outras mulheres queridas.

Juarez Leitão, Loyola Rodrigues,
Luciano Maia,
e os outros poetas que eu respeito.

Lucimar e Zizi, Zita, Albanita, Diva, Vanda
Ivonete, Nady, Regina, José Osmar,
Cleomar e Verônica,
e os outros Carneiro Chaves.



Vivos na memória

Manuel Chaves, Maria e Osmar,
Dom José Tupinambá da Frota,
José Prado Ponte, Guarani Mont'Alverne,
Joaquim Arnóbio de Andrade,
R. Cleano Moreira, Tito Guedes Cavalcante,
Walfrido Teixeira Vieira,
Austregésilo de Mesquita, Luís Ximenes,
Estela, Dacy, Francisco da Ponte Lopes
e os outros queridos que não voltam mais.



SUMÁRIO

Dados biográficos do autor	29
----------------------------------	----

PREFÁCIO

Exíguas	33
Credo estético	34

RETA HORIZONTAL

Terra cearense	37
Fortaleza	40
Sonho medieval	43
A granja dos séculos	46
Angelim intacto	51
Filme social	53
Os pobrezinhos de Jó	57
Canção comunitária	60
A bandeira do Brasil	63
Aleluia da raça	67
Pátria incompreendida	69
Chove em janeiro	71
Floresta virgem	72
A um poeta	76
A curva do teu caminho	78
Partida	79
Quando é possível	81
Lucídia	82
Finados	85
Essência	87

RETA VERTICAL

In aeternum	91
Vinho, água e luz	94
A mão que me elevou	96
Íntimo	99
Autogestação	100
Descendo e subindo	102
Testemunho salutar	103
Cântico nupcial	105
Divino imperativo	107
A minha paz	109
A equação eterna	112
Salmo do deserto	114
Canção de Rilke à pobreza verdadeira	116
Laudes pascais	118
Ânsia	120
Ideal	121
Amor consciente	123
Os dois triângulos	126
Pó e cinza, falarei ao Senhor	127
Esponsais	128
Peregrinos	129
Plenitude	132
Céu azul e amarelo	133
A brisa do meu crepúsculo	134

SINUOSA OBLÍQUA

Poema da guerra mundial	139
Tia Rosa morreu	140
O enterro	142
"Nunca, Senhor!"	145
O sino da Aparecida	146
Sinos de páscoa	148
Música brasileira	149

Que coisa	151
Que sucesso	152
Adeus, astro saudoso	153
A musa do careca	154
A honra dos maridonos	155
Luxo é relativo	156
Por quem choram os sinos?.....	157
Defunto pobre	158

ESTUDOS

À terra granjense	161
Serrana	162
Velho seminário	163
Padre Antônio Tomás	164
A Dom Lustosa	165
Ao papa	166
Escultor existencial	171
Alcíone do bem	172
Heróis	173
O vaqueiro	174
Beijo de luz	177
Amanhecer	178
Sinfonia negra	179
No sertão	180
Anjo mendigo	181
A primavera de Gautier	182
Eros em flor	184
No jardim	185
Sonho de glória	186
Gênesis	187
Antigênesis	188
Fluxo e refluxo	189
Liberdade	190
Deus Criador	191
Fornax ardens	192
Estrada de luz	195

EXÍGUAS 2

Divinos	199
Humano	200
Não preciso viajar	201
Brasil 500	202
Onze de setembro	203
Dante	204
Martim Lutero	205
A um jumento	206
A glória de servir	207
Já e ainda não	209
Dezoito para sempre	210
Misellus passer	211
Amada ausente	212
Amizade	213
Essa grande mulher	214
A nutricionista	216
Sete maravilhas	217
Culto de Ricardo Reis	218
Poder do dinheiro	219
Monumentos	220
Honra ao mérito	221
Nascuntur poetae	222
Jurema preta, espinheiro de Joatão	223
Não desça	224
Mais cedo é melhor	225
Gangorra, meu açude	226
Guêras e thánatos	227
Doce e breve	228

EXÍGUAS 3

Nós somos ricos	231
Resgatando dívidas.....	232
Amor à vida.....	234
Trio maternal	235
O grande sono	236
Granja e Lívio	237
Numa urna	238

APRESENTAÇÃO

Pe. Francisco Sadoc de Araújo
Da Academia Cearense de Letras

Não é de hoje que os versos do Pe. Osvaldo Carneiro Chaves me encantam. Minha alma, mais do que os sentidos, sempre experimentou o deleite puro da beleza, ao lê-los com os meus olhos ou ao ouvi-los declamados. Meu espírito enamorou-se de sua poesia desde os tempos da adolescência, no convívio íntimo da solidão do seminário. Depois, com o amadurecimento da idade, esta minha admiração não fez senão crescer e aprofundar raízes.

Nunca entendi por que motivo seus poemas não eram publicados, para poder estar, em todas as livrarias e bibliotecas, à mão de quantos ainda possuem a sensibilidade do belo e buscam encontrar-se com algum primor de arte.

De alguns anos para cá, resolvi interpelar pessoalmente o poeta a respeito desse seu grave pecado de omissão. De início, encontrei forte recusa que percebi firmemente presa no peso da humildade. Pouco a pouco, nas sucessivas investidas, tive a alegria de observar que as resistências começavam a ceder à força da evidência, pois as obras dos grandes talentos são patrimônio da comunidade.

Recentemente, para surpresa e contentamento meus, o poeta me entrega os originais de "Exíguas", em forma de livro, para que eu o apresente ao público. *Enfin Malherbe vint...*

Ao folhear, com emotiva curiosidade, o tesouro escrito confiado aos meus cuidados, percebi que tinha em mãos, não apenas uma coletânea de poemas superpostos, mas uma verdadeira obra poética harmoniosamente estruturada em quatro partes.

Por que "Exíguas"? — O autor foi buscar o título em um mergulho nas profundezas das "Metamorfoses" de Ovídio.

O poeta de Sulmona chama de "exíguas" as sombras do meio-dia, pois quando o sol está a pino, reduzem-se elas à mínima projeção. (Metamorfoses, 3, 50)

O poeta da Granja percebe a perene beleza da Poesia como um sol reluzente que deslumbra e embriaga o espírito. E imagina poder atingi-la para comunicá-la ao mundo. Para tanto, coloca-se em sonho sob o seu zênite, e o resultado são os versos que escreveu, exíguas sombras meridianas projetadas no papel.

Se o adjetivo comum sugere pequenez e humildade, sua etimologia denota o que foi reduzido ao essencial ou o rigorosamente medido. É neste sentido radical que sinto a exiguidade destes versos.

Em verdade, a poesia é expressão da beleza por meio da palavra – a casa do ser – sujeita ao rigor do ritmo artístico a exigir reta medida e ajustada cadência. Com tal conotação são realmente exíguas suas composições poéticas enastradas em maravilhoso quadro literário.

"Exíguas" são sombras, sim. E crescentes com o descer e minguantes com o subir da fonte da luz de onde emanam. Assim os versos do poeta que aspira a atingir o ideal luminoso da poesia pura.

Nas duas primeiras partes o poeta Osvaldo Chaves, como sacerdote, enxerga a natureza e a história com os olhos de fé e, por isso, percebe que também a existência humana caminha, com sombras, da aurora ao crepúsculo da vida, mas como uma comunhão reparadora da sombra crescente da morte, que desce, com a minguante sombra da ressurreição, que sobe, no afã de alcançar a luz perene, onde residem as duas filhas da beleza transcendental: a Poesia pura e a Mística cristã.

Na missa que a poesia celebra sobre o altar do mundo, comunga sob as duas espécies inseparáveis da geometria que o sustenta: a "reta horizontal" da deriva do universo e do esforço humano (pão) e a "reta vertical" da sublimação e da mística (vinho), buscando atingir o êxtase estético da mais alta consumação em Deus. E os versos, que espontaneamente brotam dessa liturgia cósmica, pa-

recem repetir, em cantochão solene, a prece que Teilhard de Chardin coloca nos lábios do mundo: "Senhor, não basta que eu morra comungando. Ensina-me a comungar morrendo". E se a oração for atendida em termos coletivos, pela segunda vez, na história, o homem terá descoberto o fogo... *Fornax ardens!*

Se fica assegurada à Vida a possibilidade de romper os grilhões da sua prisão terrestre e o homem toma consciência de que não habita em um beco sem saída, então vamos cantar o êxito e celebrar a ascensão interminável. Afinal de contas, ninguém se alegra senão subindo.

E como há certeza de que as retas verticais não podem desviar-se, e de que Deus escreve certo por linhas tortas, então a vida horizontal da convivência humana pode metamorfosear-se em festa, o homem pode sorrir e o poeta se encher de humor, satirizar ou brincar de dança poética em "sinuosa oblíqua". O humor também é arte, faz parte da sabedoria humana e produz obras-primas de literatura, como o genial "Dom Quixote" de Cervantes. É o que faz o autor na terceira parte: descreve com graça a religiosidade popular, ridiculariza o pranto fingido no enterro burguês, fustiga os falsos intelectuais, escarnece as nações beligerantes, graceja com a música brasileira.

Um dos objetivos da Poesia é acrescentar um novo mundo ao mundo, descobrir ou provocar o encanto da beleza onde quer que ela esteja. Por isso, o seu campo é infinito, abraça todo o universo existente e todos os mundos possíveis que a imaginação possa criar. Daí porque o poeta é também vidente e profeta, intérprete e porta-voz das multidões. Cabe também a ele desmascarar atitudes pedantes, o farisaísmo, a injustiça social, a hipocrisia, a violação dos direitos humanos e toda uma vasta gama de mazelas - objeto de uma "gaia ciência", não no sentido demolidor de Nietzsche, mas na linha da denúncia faceta e jovial expressa com a beleza do dizer.

A espontaneidade é a fonte nutriz da poesia, já que produto livre da imaginação criadora, mas é também suprema expressão da arte. Daí ser necessário que a razão

dirija-lhe o voo, sem lhe cortar as asas. Para tanto, é imprescindível que os caprichos da fantasia sejam orientados na tentativa de manifestar o belo pelas melhores palavras na melhor ordem possível. É bem verdade que a linguagem, na arte poética, é apenas um veículo de transmissão, pois em si mesma a poesia é imaterial e a metrificação não lhe é essencial. No entanto, os versos não comunicarão beleza se não obedecem a um plano de unidade na variedade, ensejando vários graus de perfeição.

Para galgar o ideal, é preciso aprendizagem. O autor empreendeu tal esforço na procura de obter o melhor equilíbrio entre fundo e forma na técnica da versificação. É o que apresenta em "Estudos", quarta parte da obra.

Ao contrário da prosa, a poesia é pluridimensional, tendo o símbolo como predominância na forma alusiva e elusiva do dizer. Inspira invenção, fogoso arrebatamento, surpreendente originalidade, elevação do espírito, esquisita emoção, indefinível encanto. Sugere outro espaço e outro tempo, em contínua tensão dialética entre a ausência e a presença, entre a palavra e o silêncio. Satisfaz uma necessidade da natureza humana e fala diretamente à alma. Tudo isso é despertado no leitor quando entra em contacto profundo com os poemas deste livro.

A poesia é substantiva, vive em si mesma. As outras chamadas belas-artes, porém, não poderiam existir sem ela. A poesia, alma de todas as manifestações artísticas, utiliza a plasticidade de todas as artes: os traços e a policromia da pintura, o ritmo e a melodia da música, o escultural da estatuária, a unidade harmoniosa da arquitetura.

"Exíguas" é obra poética no sentido pleno da palavra, porque foi inspirada e estruturada em simbiose perfeita com todas as belas-artes.

Em consequência, o poeta sente "os olhos sequiosos de policromias" e tenta reavivar as cores da "Bandeira Nacional"; pede cantos para seus "ouvidos famintos de música" e emociona-se com a voz dos sinos; diz que em sua pele "arde o desejo de produzir formas esculturais" e canta Francisco de Assis como "escultor existencial"; decifra em

Sonho Medieval “a linguagem das ogivas e dos vitrais das grandes catedrais” e o poema mudo das “duas torres magras da Prainha – dois poetas hirtos, absortos no infinito, cismando à beira-mar!”

Minha apresentação não passa de uma sintomia das reflexões que me vieram à mente, depois de uma rápida leitura intuitiva, e não analítica, dos poemas que compõem esta obra de estreia. O livro do Pe. Osvaldo Carneiro Chaves está a exigir um estudo mais aprofundado, o que espero seja feito pela crítica especializada que certamente prestar-lhe-á a merecida atenção.

De mim, o saúdo como um marco na história da literatura cearense, pois nos coloca na presença de um impressionante poeta que pode estar entre os seus bons artífices do verso.

Sobral, noite de Natal de 1985.



DADOS BIOGRÁFICOS DO AUTOR

- 1923** - 21 de outubro – Nasce no sítio Angelim, distrito de Sambaíba, município da Granja, Ceará. Filho primogênito de Manuel Chaves Fernandes e Maria Carneiro Chaves, casados a 30 de novembro de 1922.
- 1924** - Abril – É acometido de poliomielite, com atrofia da perna esquerda.
- 1929** - Aprende o alfabeto e a soletrar a Carta do ABC, com sua mãe.
- 1933** - Junho – Lê "Coração", de Edmondo de Amicis, despertando-lhe o gosto pelas belas-letas.
- 1935** - Seu pai lhe dá de presente o "Dicionário Prático Ilustrado", de Jaime de Séguier, obra que passa mais a ler do que simplesmente a consultar, e com grande interesse.
- 1939** - Matricula-se no Ginásio Lívio Barreto, da Granja, cujo epônimo, poeta da terra, desperta-lhe o gosto pela poesia.
- 1940** - 8 de fevereiro – Ingressa no Seminário Menor de Sobral.
- 1941** - O Pe. Antônio Tomás dedica-lhe o soneto "Desencanto", em resposta a um outro que lhe fora dedicado pelo esperançoso seminarista.
- 1942** - Aprimora os estudos de língua vernácula e literatura, lendo os poetas e prosadores clássicos. Traduz poemas franceses e éclogas de Virgílio. Reúne seus poemas em forma de livro, a que deu o título de "Heliotrópios", que não foi publicado.
- 1945** - Lê a obra de Cassiano Ricardo, o poeta que mais influência exerceu sobre suas criações.
- 1946** - Fevereiro – Matricula-se no curso de Filosofia do Seminário Maior de Fortaleza.
- 1948** - Fevereiro – Inicia o curso de Teologia no mesmo Seminário de Fortaleza.
- 1951** - 8 de dezembro – Na Catedral de Sobral é ordenado sacerdote por Dom José Tupinambá da Frota.

- 1952** - Inicia o magistério no Seminário de Sobral, como professor de Português, Francês e Música.
- 1955** - Participa de curso de aperfeiçoamento em Francês com o professor Lucien Brosse, em Fortaleza.
- 1956** - Exerce as funções de vigário cooperador de Crateús onde leciona em escola secundária.
- 1957** - É transferido para a paróquia de Acaraú. Aí leciona Latim e Inglês.
- 1959** - Transfere-se para a paróquia de São Benedito, em cuja Escola Normal leciona Pedagogia, Latim e Francês.
- 1960** - Junho - Passa a residir definitivamente em Sobral. Retorna ao magistério do Seminário, como mestre de Português, Latim e Grego. Aprofunda-se na leitura dos grandes poetas da literatura universal.
- 1961** - Inicia o magistério, em nível superior, na Faculdade de Filosofia Dom José, como professor titular de Português e Literatura Luso-brasileira. Aí permaneceu durante treze anos.
- 1969** - Frequenta curso de aperfeiçoamento em Língua Portuguesa, na Universidade Federal do Ceará.
- 1971** - Conclui a Licenciatura em Filosofia Pura, na Universidade Federal do Piauí.
- 1972** - Recebe o título honorífico de Cidadão de Sobral.
- 1981** - Aposenta-se por tempo de serviço no magistério: trinta anos.
- 1984** - Relê os clássicos latinos no original, a começar de Virgílio, Horácio, Ovídio e Cícero.
- 1985** - Dezembro - Resolve permitir a publicação de suas produções poéticas em livro intitulado "Exíguas".
- 1986** - Publica a 1ª edição do livro "Exíguas".
- 2007** - Publica a 2ª edição do livro "Exíguas".
- 2011** - Recebe o diploma de "Sócio Honorário" da Academia Sobralense de Estudos e Letras (ASEL).
- 2012** - Recebe o "Título de Doutor *Honoris Causa*" da UVA.
- 2016** - Publica a 3ª edição do livro "Exíguas".

PREFÁCIO



EXÍGUAS

Eu vi surgir no sonho do Universo
A Beleza perene.
Brilhou para mim no céu a sua estrela.
Maravilhado
Coloquei-me debaixo do seu zênite.
Deslumbramento e embriaguez,
O encanto da sua luz no meu espírito:
Ânsia de traduzir o que senti,
Sonho de comunicar ao mundo
O êxtase que me arrebatou.

Mas foi demais o brilho dessa estrela,
Grande demais o sol
Que me ofuscou os olhos de sonâmbulo.
Acordo e vejo estéreis minhas ânsias,
Vão — todo o esforço de exprimir beleza:
Sonhei ao meio-dia,
E a expressão dos meus sonhos
É pobre como as sombras
Que os mais altos edifícios
Projetam nessas horas.
Era grande o esplendor da beleza que eu vi,
Mas, quanta mágoa:
Mesmo as lembranças do que vi mais belo
São exíguas
Como sombras ao meio-dia.

Fortaleza, novembro de 1947.

CREDO ESTÉTICO

Eu tenho sede,
A sede estética
Da beleza colhida na fonte:
De poemas que surgiram
Como exigências de paz
E de saúde;
De árias que nasceram
Para que antes da hora não morresse
O criador;
De melodias simples,
Suaves, naturais,
Onde há pássaros gorjeando,
Regatos rumorejando,
E brisas ciciando em arrozais.

Eu tenho o coração desidratado,
Assim,
Com a sede estética
Da Simplicidade
De onde vim.

Fortaleza, 2 de setembro de 1949.

RETA HORIZONTAL



TERRA CEARENSE

— Boa terra do meu Ceará,
Onde está a fresca folhagem
Que devia cobrir o esqueleto
De tuas ásperas caatingas?
Para onde foram as verdes franças
Que deviam encher os braços descarnados
De tuas árvores que gemem
E se contorcem de dor
Sob o látigo de fogo
Dos ventos e dos redemoinhos?

Porventura negou-te a natureza
O esplendor de verdura e de beleza
Em que vivem as outras regiões,
Orgulhosas de prados e florestas,
Ébrias de amor, perpetuamente em festas?

— Não, meu nobre cantor.
A natureza deu-me ainda muito mais:
Deu-me frescor e deu-me doçura;
Deu água de cristal para as minhas fontes,
Deu frondes de esmeralda para as minhas árvores
E nelas colocou frutos de ouro e frutos de rubi
Correndo mel, vazando aroma em ondas ao redor.

Eu era o palácio da Beleza,
A obra-prima, talvez, da Natureza,
Talvez o Paraíso.
E então na verde primavera,
Quando vaidosa ostentava
A floração da acácia e da bonina
E derramava nos cabelos de azeviche
O perfume dos castos amores,
Não havia quem me visse
E de encantado não caísse
Aos meus pés de joelhos.

E foi por isso que me vendo assim, um dia,
Começou o próprio sol a namorar comigo.
E encantado comigo,
Não tirou nunca mais os seus olhos de mim
E ainda, para estar sempre me vendo,
Não consentiu mais
Que as nuvens, como outrora, me cobrissem
E nem, de ciumento, me acariciassem
Com as abundantes e frequentes chuvas
De outrora.
E nunca, nunca mais deixou de me fitar..

Eu era frágil demais
Para o calor
De seu amor:
Ele devia namorar a lua,
Ou as estrelas que são sóis como ele.
Mas amou-me tanto,
E tanto e tanto se ocupou comigo,
Que até esqueceu as regiões polares
Só para poder me olhar.

E foi daí que os polos começaram a gelar,
E eu a decair e a definhar.
As minhas árvores murcharam,
As minhas fontes secaram,
Os meus filhos sofreram,
E a flor do meu encanto original
Murchou, caiu, secou, estorricou, pulverizou-se.
E o vento apanhou esse punhado de pó,
Soprou e o levou ao Criador
Que fizera de mim o altar do seu amor.

Fiquei pobre e desolada.
No entanto,
A cegueira do sol era tão grande,
Que nunca mais tirou o olhar do meu semblante.
E foi por isso que eu fiquei assim:

Saudade só,
Saudade, mais do que beleza.
Tenho saudade dos frondosos bosques
Em cujos ramos floridos
Gorjeavam passarinhos.
Hoje, no meio do sertão maninho,
Vejo com mágoa os tristes mocozaís
Em cujos pedregulhos frouxos ouço a cada instante
A venerosa cascavel que silva e que chocalha.
Outrora cada prado e cada fonte
Eram ninhos de amor
Donde se evolavam idílios meigos,
E onde passeavam declamando
Os poemas do beijo
Ledos casais de namorados.

Hoje, pelas várzeas poeirentas,
Pelas estradas sangrentas
Que me recortam,
Com fome e sede, escaveirados,
Quase nus,
De vez em quando vão meus pobres filhos,
Pobres flagelados.

Contudo,
Meu povo é heroico e não maldiz.
Ainda há sorrisos, e se ama aqui...
Choveu que seja, ergue altiva a cerviz
E em desafios e toadas,
Ou cantando ao violão modinhas arrastadas
É o povo mais feliz.

Sobral, agosto de 1940.

FORTALEZA

A Natureza

Tem um sorriso singular para a minha terra
Em Fortaleza.

Fortaleza que à luz dos seus luares cor-de-rosa,
Curiosa, procura escutar
As palavras do vento
Cochichadas com as ondas do mar.
Ondas dengosas que choram de ciúme
Porque o vento vem
Afagar Fortaleza também.

Fortaleza das noites tropicais

Cheias de rebuliços, de cochichos e de feitiços,
Boêmia pela rua
Respirando poeira de lua.

Fortaleza dos dias de calor

Ramalhando árvores frondosas
Com braços verdes cheios de sombra
Para vestir a nudez das soalheiras.
Coqueiros prestáveis, garçons gigantescos,
Com os ombros vergados de frutos,
Oferecendo refrescos...

Palmeiras obsequiosas ventalorando leques

Em mãos canoras,
Para espantar a canícula
Que ameaça rescaldar as horas...

Fortaleza.

Fortaleza dos espalhafatos,
Embromações, manobras e tapeações
De galegos e mascates.
O doce-gelado canta
A monotonia dum oferecimento...

E as notícias correm
Desfiando o seu intérmino rosário,
Aos gritos, aos pinotes:
Correio! O Povo! Gazeta! Unitário!
E o progresso dispara pelas ruas,
Como um alucinado,
Apitando, buzinando, fonfonando,
Ofegante,
Raspando trilhos gritantes...
Súbito, porém, tem! tem! tem! tem! tem! tem! tem!
Passou ligeiro!
Olhei, quase não vi mais ninguém:
Que violência!
Mas, que tanta pressa é esta?
Era todo branquinho
Com um pelo-sinal de sangue na testa...
O carro da Assistência.

E o progresso continua pela rua:
Corre de automóvel, rebola-se de caminhão,
Arrasta-se de bonde e voa de avião...
Fala, grita, oferece, reclama;
Conversa com o Brasil inteiro,
Pelos fios,
E conversa com o estrangeiro
Pelo cabograma.
E entra e sai das lojas comprando e vendendo;
Vira-se, mexe-se, roda e desroda
E fica nas vitrines
Mostrando os artigos da última moda...
Só não fica é parado!
Que barulho danado!

O Excélsior levantou-se
Deu um pulo e foi ficar
No oitavo andar.
O São Luís botou mais um acréscimo:
Ajeitou-se,

Deu doze pinotes sobre si mesmo
E foi ficar no duodécimo,
Lá em cima!
Com medo de ser atropelado,
Com medo de ser pisado,
Pela bota do progresso!!
Minha terra progride...
A civilização também
Teve um sorriso para a minha terra...

E Fortaleza mimosa
De luares cor-de-rosa
Vai crescendo,
Vai subindo,
A galão,
De roldão,
A borbotão
Para ver de lá de cima
O desfile glorioso da civilização

Fortaleza, março de 1946.

SONHO MEDIEVAL

Véspera de São José. Em Fortaleza. No Ceará.
As duas torres magras da Prainha
Estiram os pescoços para cima:
Duas garrafas brancas cheias de luar!
São dois poetas hirtos, absortos no infinito,
Cismando à beira-mar!

E com os olhos perdidos na luz rala
Sonham o sonho medieval
Das grandes catedrais,
Essas catedrais monumentais
Que falando a linguagem
Das ogivas e dos vitrais
Só elas falavam;
Porque naquele tempo o homem
Só ouvia,
Só podia
Entender
O que falasse do grandioso,
Do que há de sublime
No ideal religioso.

E a Prainha está sonhando,
Tão satisfeita por julgar que abriga
O coração da Idade-Média orando!
E as sombras vão cada vez mais baixando...
E a igreja, tão linda,
Sonha ainda.

E no sonho levanta um dos seus dedos góticos
Cheios de escamas batidas pelo malho do luar:
Um dedo colegial, tãful,
Borrado de tinta azul.

Um dedo sonâmbulo
Que ela põe na boca da noite de asas de jaçanã
Para ao mar reclamar
Um momento de pausa no seu rataplã!
E o mar se cala
Para ouvir a sua fala...
Então diante do silêncio sentinela,
Do silêncio vespertino,
Ela começa dando a palavra
Ao badalo solene dum grande sino,
O Centenário
Que entoia o hino
Milenário
Do universo cristão;
Assim
Para o coração
Da Idade-Média ouvir:
"Adágio, andante, allegro, largo, maestoso..."
E lentamente as badaladas pelo espaço lá se vão...
"Marziale" agora, "prestíssimo, scherzo, molto piano",
Vão também muito além do sentimento humano,
Lá para onde os sinos,
Minúsculos,
Franzinos,
Da humana razão em vão badalarão!

Este além, porém, aonde elas vão
É a fé que tem o coração cristão
E a melodia que os ares corta, num frenesi,
São acordes sem nomes,
Alguma coisa de Carlos Gomes
No prelúdio do Guarani!

E o Centenário continua,
À luz da lua,
Dobrando, badalando, bimbalhando,
Desmanchando-se em hinos
Ao sonzinho infantil de mais três sinos

Argentinos,
Cristalinos,
Que pulam, pinotam, saracoteiam
Em torno de si mesmos
De boca aberta, gritando,
Assombrados com o Centenário
Virando e revirando!

De fato
É tão grande o aparato
Daquele declamador de badaladas,
Que quando recita os seus poemas de bronze
Parece com uma boca escancarada
Que engoliu ferozmente o próprio corpo;
Uma boca enorme, colossal,
Cuja língua secou de tanto badalar
Contra os rígidos beijos de metal!

E a Prainha acordou do sonho medieval,
No dia seguinte,
Cheinha de fiéis do século vinte.

Fortaleza, março de 1946.

A GRANJA DOS SÉCULOS

A Natureza, enamorada, um dia,
Pôs um beijo de amor e simpatia
Na face do sertão.
E esse beijo fecundo fez brotar
Entre as brisas do mar e o fogo do deserto
— Granja — o pátrio rincão.

E hoje, a fim de observá-la,
Detenho o passo, absorto viajor:
A terra é boa. A natureza é bela.
Contemplo-a em derredor:
O rio!...
Olha também:
Também o rio
Represou na Barragem para vê-la.
Mas vê-la é enamorá-la, e o rio não sabia.
É vassalo, é escravo do oceano,
Não pode demorar-se.
Fita-a por um momento.
E, de despeito,
Precipita-se do alto da parede,
Como o rio do poeta, e cai desfeito
Em vísceras de espuma e de arco-íris.
Um escravo não desposa uma rainha:
Na dor da frustração, em ondas multifárias,
Tristonho e saudoso vai seguindo
Seu destino de águas tributárias...
Para a rainha — um rei!
O mar é um rei.
Mas, feroz e sombrio,
Um tigre de ciúmes,
Tem ciúmes do rio.
Por isso,
Desde mais de dois séculos, vem,
Sorrateiramente,

Duas vezes por dia impreterivelmente,
Para ver a cidade dos seus sonhos.
E, na doce viagem,
Traz-lhe sal, e traz peixe, e traz conchinhas,
E um abraço de posse, largo, de oceano...
E a cidade, tão meiga e conjugal,
Sorri-se ao mar.
E em resposta aos carinhos
Cochicha-lhe, talvez, uma promessa em segredo.
E o mar vai-se de novo, e ela pensa no mar...

Pensa... Mas pensa mais nos seus filhos,
Vive mais para eles.
E, se um deles morreu,
Silente e lacrimosa sobe a sepultá-lo
Ali perto, bem alto, numa esplanada de outeiro,
Porque quer vê-lo já perto do céu.

E eu vejo agora a Granja do passado,
Redivivo, glorioso, retratado
Num cenário de sonho.
Silêncio.
A noite é tropical. O luar é lindo.
E a cidade parece
Uma virgem de mármore dormindo.
O espírito de Lívio vagueia
A vigiar-lhe o sono.
Eternizado em seus vinte e seis anos
Lívio Barreto, pálido, romântico,
Passeia pelas ruas
Vendo em cada janela os cravos brancos
Que as mãos dolentes da prateada lua
Derramam em profusão.

E o poeta vai clamando...
Eu o ouço ainda clamando:
Umbelina! Umbelina! Estela, Estela!

Sonho de adolescente, sonho vão...
Agora,
Somente agora é que o poeta colhe
Os seus "brancos soluços de alvorada,
Os cravos brancos que plantou no coração."
Silêncio para dor.
Meu poeta, silêncio: a Imortalidade
É a tua Verônica...
Há um sussurro de notas, um tropel de acordes,
Trêmulo, soluçante, irradiando
Das paredes que foram Filarmônica.
A lua
Continua
Como prata.

O vento,
Sonolento,
Açoita e zine.
O espírito melódico de Ciarlini
Pulverizou-se em luz, pulverizou-se em sons,
Encheu de fosforescência a alma desta terra,
E Granja adora a música.
Beethoven, Rubinstein, Debussy
E Tchaikovsky ainda agora
Têm cultores aqui.
O frêmito dos teclados dos pianos
É uma mediunização.
O saxofone lânguido da esquina,
Com o boêmio violão das serenatas,
É vida, é organismo, é evolução.

E os tamarindos velhos, ah! Se eles falassem!
Recordações
De infâncias dos tempos que volveram
Trepam-lhes pelos galhos
E enroscam-se nos troncos
Que as brisas livres dos séculos enegreceram.
O nosso avô menino...

O nosso bisavô...
Paula Pessoa, o Senador...

E o Pessoa Anta
Brincando à sombra deles aguçava
Os instintos de libertação da grande Raça
Para a Confederação do Equador:
"Soldados, apontar! Certeiro ao coração!"
E Granja ia escrevendo a pátria História,
E o Padre Mororó, rolando no Passeio,
Contava para a glória
Um companheiro igual.
Maior que isto, ó Granja, só o grande ideal
De tua religião.
Retas como a verdade,
As torres da Matriz são dois braços alçados:
Um marcando o tempo
E o outro nos apontando a eternidade.
São as torres dois braços levantados
Para o céu,
Em prece vertical.
E o sino badalando é uma grande harpa eólia,
Um tenor de metal.
Um badalo sorrindo
Diz adeus a um anjinho.

Um badalo chorando
Anuncia angustiado:
Era pai e morreu. Era mãe e morreu.
Era irmão, era filho, era esposo e morreu...
Bem... muito além... Bem... muito além...
No céu nos veremos, no céu nos veremos...
Um badalo cantando,
Um badalo chorando,
Um badalo chamando
Para os pêsames,
Para a prece,
Para o amor

E para as núpcias.
Noitários, procissões e a alvorada das bandas...
Vejo o padre Galvão e Vicente Martins:
Almas de impávidas Vestais, almas irmãs,
Guardam o fogo sagrado
De cultura e de fé das gerações cristãs
De cem e mais cem anos.

Granja de um,
Granja de dois,
Granja dos séculos!
Debaixo deste céu tão azul e tão puro,
A minha musa ingênua de criança
É hoje uma canção de inteira confiança
No teu futuro!
Boa terra,
Minha musa criança é hoje um hino
De gratidão a ti:
Granja dos carnaubais, Granja de São José,
Foi no teu seio que eu primeiro
Amei a terra, reconheci a Raça e exercitei a Fé.

Granja de gente boa,
Foi em ti que aprendi a confiar no Povo
Cuja voz de trovão reboará em ecos
Dentro da História, eternos, no porvir.
Granja no Brasil
E a Pátria pelos séculos!

Granja, 30 de agosto de 1957.

ANGELIM INTACTO

A casa velha do Angelim,
Desfeita há muitos anos,
Resiste ao tempo, intacta, na memória.

O alpendre soma sombra
Com os cajueiros e o jenipapeiro,
Olhando ao sul o córrego da baixa.
Agora o quarto, com balcão e prateleiras,
Onde Gonçalo Pompe negociou.
A sala da varanda, a banca do oratório
Com São Gonçalo tosco esculpido em madeira.
O corredor e à esquerda a camarinha,
Alcova de uma porta só por onde muitas vezes,
Menina e moça, minha mãe passou:
E um dia, em 23, entrou para eu nascer.
E, depois da cozinha,
Os oito limoeiros que plantou
Julgando que os desejos de limão
Iriam muito além de nove meses.

O juazeiro ao poente e o chiqueiro das cabras.
Os pelos encerados dos caprinos,
E o forte cheiro hircino
Misturado com o cheiro doce de melosas.
Cabritinhos robustos chiqueirados.
E as fêmeas de cria, em trêmulo, sofridas
Gemendo a dor do leite
Em úberes de tetas fartas apoiando.

Cheiro bom de cajueiros carregados,
E o delírio dos pássaros no gozo
Da safra dos cajú e das goiabas.
A música das canas na vazante,
E junto ao engenho e à fornalha dos tachos
O cheiro do bagaço e do caldo e do mel.

O aroma dos jenipapos,
Moles de tão maduros,
Vazando suco e contra o chão se espatifando.

Fartura de água boa no verão,
Água abundante mesmo, à flor do chão.
Tudo verde em redor das cacimbas
Em pleno mês de outubro
E novembro e dezembro:

Cacimba Velha, Cacimbinha
E Cacimba das Carnaúbas,
Abertas, a falar das grandes secas:
A seca de Novecentos
Do Quinze e do Dezenove.
O cheiro das ervas verdes,
Dos juncos, dos aguapés;
E o cheiro verde do lodo,
O suave buquê das algas das águas boas...

Nem tudo morre, muita coisa fica,
Intacta:
O aroma, o gosto, o som, a imagem e o contacto
São a alma imortal das coisas transitórias.

Depois de morto o olfato,
É vida, na memória, o aroma das coisas.
Apagada a visão,
É vida a imagem, o relevo e a cor.
Morta a audição, ficam vivos os sons
Gravados
Nos microssulcos do íntimo do espírito.

Sobral, setembro de 1985.

FILME SOCIAL

Operário,
A justiça de Deus filmou o teu romance,
A justiça de Deus filmou essa tragédia
Que vens representando através dos séculos
Para a indiferença glacial
Da burguesia nédia!
E as séries desse filme social
Têm atraído para a tela
Da tua condição de injustiçado
Os olhos do interesse universal.

Assim, neste momento de surpresas, quando
O mundo todo se preocupa com o teu nome,
A película dos séculos vai-se desenrolando,
Vai passando aos meus olhos, infindável,
Como se viesse de infinito:

Passam Caim, Abel, operários da Palestina...
Passam os operários do Egito
Construindo a Pirâmide Miquerina.
Operários construindo o Colosso de Rodes...

Operários da Índia, operários da China
Plantando arroz, colhendo chá, erigindo pagodes.
Homens sombrios da Idade-Média
Construindo catedrais monumentais...
Operários quebrando o Bojador
E o cabo das Tormentas
Buscando em "mares nunca dantes navegados"
Caminhos para a noz-moscada e para a pimenta.

E eles vão passando...
O olho mongol,
E o judeu de olhar profundo;
O prognata queimado de sol,

E o Sancho Pança do Soviet,
Governador da maior
Baratária do mundo.
O homem-minhoca das minas da Inglaterra,
O alemão super-homem esperando guerra,
E o plantador de arranha-céus
Tecendo intrigas entre os átomos
Para fazer a paz do mundo.
Vão passando...
Operários livres, operários cativos,
Vão passando...
E a película dos séculos vai-se desenrolando,
Num crescendo acelerado,
Para traduzir em ritmo de desenho animado
O drama social que se está precipitando!
Passa...
Passa...
Passam operários de todas as raças,
De todos os perfis,
Desde o perfil urbano ao rústico perfil...
Até que entre todos aparece
O operário do Brasil.
O do após-guerra,
O de minha cidade e minha região,
Lá do meu canto do sertão,
Com a enxada às costas, despreocupado,
Palmilhando o caminho do roçado.

É o caboclo simples e pacato,
O vaqueiro de chapéu de couro
Que não ouviu falar em sindicato.
É o sertanejo forte, que Euclides da Cunha viu,
Que luta de sol a sol
Para fazer o prato do Brasil!

Passa o operário de minha cidade,
O que trabalha
Na fábrica do bairro onde eu moro.

Passa o operário modernista
Que é sócio do sindicato,
Já sabe aderir a greves
E assiste ao comício socialista.
Onde tu, pobre operário,
Poderás ser enganado
Pelo agente caviloso
Que zomba de tua pobreza
E procura roubar o que ainda tens
De mais precioso,
A luz que no teu mar de dores ainda brilha:
A fé cristã e as tuas tradições
De família.

Olha o Monstro Vermelho,
O Mercenário de fecunda astúcia!
Ele quer roubar-te a Pátria impingindo-te,
Pelo nosso pendão auriverde,
Um retângulo de pano
Tinto com o sangue que manou
Das pústulas da Rússia!
E em lugar da esfera azul
E do losango amarelo,
Num canto do retângulo,
Ele cruzou como num símbolo de morte
Uma foice e um martelo!

O Monstro celerado
Cruzou os braços do progresso
Ante o Criador do universo
Para mais materialmente
Adorar o deus Estado.

O Monstro cruzou os braços
Diante de Deus!
O progresso animalizado
Repta pelo solo
De costas voltadas para os céus,

Para o Deus que adoro.
E o Monstro quer devorar
O operário do bairro onde eu moro...

Agora eu vejo
Que os primeiros operários do mundo
Ainda não morreram:
Caim não morreu, Abel não poderá morrer!
Misérias sempre as houve,
E os homens quase sempre contenderam,
Porque ambição e discórdia
São quase tão antigas quanto o céu.
Caim sempre existiu
E enquanto existe é sufocando Abel.

Assim foi, assim é, mas não será no fim:
Abel justo, Abel manso, humilde Abel,
Nem sempre vencerá o irmão Caim!
Por isso deixa, operário cristão,
O tumulto do comício:
Volta à paz do teu lar, à paz do teu ofício!
Da Pátria atende aos destinos,
Atende aos destinos teus!
Cabe a ti retomar a frente do progresso,
Desencruzar-lhe os braços
E de mãos dadas levá-lo
A serviço do irmão e a serviço de Deus.

Fortaleza, maio de 1946.

OS POBREZINHOS DE JÓ

Debruçado à janela do momento
Eu enxergo dois mundos de uma vez:
O mundo da pobreza combalida
E a aridez dos desertos, comprimida,
No coração dormente do burguês.

Já tive mesmo ocasião de ver:
O coração do homem burguês
É feito de penhascos.
É como aqueles pedregais maninhos
Que a torta garrancheira dos carrascos
Arregaçou à beira dos caminhos,
Por onde passam, sem intermitência,
Caravanas de molambos
Levantando a poeira da indignância,
Chorando pelos poros
O pranto quente dos cansaços bambos.
Mas, se acaso um desses peregrinos empoeirados,
Pela fome vencido,
Vai distraído
Bater à porta do burguês gelado,
Só o faz por distração,
Pois o coração
Do homem burguês,
Como o lajedo,
É de uma dureza sem nome:
Não tem sombra para os cansados,
Nem água para os que têm sede,
Nem pão para os que têm fome.

Porém o homem rico ainda não morreu:
— Vive —
Vive dentro de si, como num templo,
Em adoração perpétua do seu eu,
A divindade insaciável

A quem imola, em holocausto,
Direitos de viver e ser feliz
De um meio mundo
Faminto e miserável.
O homem rico não conhece amor:
Nem a si mesmo pode crer que ama...
Não ama, ceva-se no seu egoísmo
Como a alimária na pior das lamas.
O coração do homem rico é um vácuo
De amor fraternal
No regaço da Natureza mãe,
Na atmosfera do amor universal.

Homem rico do coração de penhasco,
Por que olhas assim com tanto asco
Para essa pobreza inválida,
Órfãos, viúvas, uma procissão
De gente escaveirada, face esquelada,
Que te pede a justiça dum pedaço de pão?

O homem rico pensa
Que o seu desprezo e indiferença
Põe termo ao pauperismo
E resolve o problema social.
E com isso fica odiando a pobreza,
Enxotando a pobreza...
E a pobreza aumentando,
E aumentando a pobreza...
Porque ele odeia o mal,
Mas favorece o mal!

Homem rico, homem louco,
Tu não te lembras que daqui a pouco
Chegará a tua vez
Serás mais pobre que o menor dos pobres
A que odiou teu coração burguês:
Baixarás à terra
Onde os vermes, em guerra,
Te reduzirão a pó!
Então, mais uma vez,

Acabrunhadas de cansaços bambos
Passarão as caravanas de molambos
Pisando,
Indiferentes,
O teu pó...
Com os seus pés de pobres,
Com os seus passos de indigentes,
Os pobrezinhos de Jó...

Fortaleza, abril de 1946.

CANÇÃO COMUNITÁRIA

Água — que é ubíqua na vida
Como Deus na criação,
Água é do rico e do pobre:
Água de parto ao nascer,
Água de pranto na morte.

Ar — cálix da comunhão
De todo ser que respira:
É o ar do beijo no amor,
É o ar, suspiro, ao morrer.

E o pão — não só, mas pão nosso:
Pão só — é meia palavra,
Pão nosso é que é o nome todo,
Sempre nosso em cada dia,
Vínculo da eterna família,
A eterna comunidade:
Planta — Bicho — Humanidade.

Pão só — é mutilação:
Pão é nosso, ou não é pão!
Nosso, como é nossa a vida,
Nossa a luta e a morte nossa.
E, pão nosso, não mais nosso,
Mas tão nosso quanto pão.

O que faz o pão ser nosso
É o tomá-lo pra comer.
Não tem dono o pão que amasso:
Antes de usar-se é de todos,
Quando usado é que é de um só.

Não é só o suor do rosto
Que dá o pão que se come:
Também o espasmo da fome
Faz nosso o pão que outro fez.

Porque o pão não é pra ser,
Não é pra ter, nem guardar..
O nosso pão vai voltar
De novo a ser de comer!

E o ar? E a água? Que vejo,
Que ouço na água e no ar?
Vejo sangue? Ouço gemidos?
Escuto a morte passar?

Este ar tão bom, tão de todos,
Será de todos ainda
O cálix de comunhão?
De comunhão, sim, será,
Mas comunhão de violências,
De todas as inclemências,
Que traz a Revolução!

E esta água, ubíqua na vida,
Tão comum, comunitária,
Já não será a cristalina
Água da bilha e da fonte,
Mas água cor do horizonte
Que um pôr de sol menstruou.

Esta água comunitária
Continuará a ser de todos,
Mas tingida de encarnado:
Em águas de novos partos,
Em olhos de moribundos..
Com a mesma tinta do pão!

Como Israel no Egito
Só teve lar de homem livre
Quando com sangue marcado,
Assim só conhecerão
Que o pão nosso é nosso pão
Quando o tivermos mudado
Na cor, no cheiro e sabor:

Vermelho, cheirando a fogo,
Molhado, sujo de terra,
Com gosto de morte e guerra,
Pão nosso de lutador!

Sobral, julho de 1963.

A BANDEIRA DO BRASIL

Eu queria um poema
Para eu mesmo dizer em voz bem alta...
Um poema assim que falasse por mil,
Cujos versos falassem bem mais alto
Que todas as cachoeiras do Brasil!
Seria então a zoadá delas pouca
Para o Brasil inteiro ouvir de minha boca
O que eu tenho a dizer para o Brasil inteiro!

Escuta, brasileiro:
Nossa bandeira está perdendo cor...
O azul empalidece,
O seu branco escurece,
O seu ouro esmaece,
O verde desbotou,
E por isso é que eu quero um poema com verde,
Um verde sem igual,
Uma condensação assim do verde todo
Dos verdes mares bravios de minha terra natal...
Eu desejo um poema com um verde
Arrancado da terra,
Cheirando a chão e trescalando argila;
Trazido das matas, das grandes florestas,
Destilando seiva,
Pingando clorofila!
Uma clorofila grossa, dum verde total
Para dar mais vida ao verde
Da bandeira nacional!
Quero apanhar depois as luzes verdes
Dos fogos encantados
Que brincam de mistérios
Nos matos assombrados.
Quero apanhar fosforescências verdes
Nas grandes matas da Amazônia inteira,
Para alumiar,

Para iluminar,
De verde o verde
Da bandeira brasileira.

Ó verde verde
Cheio de constelações!
Bandeira rica,
Quanto mais verde tens, mais brasileira ficas!
Bandeira do Brasil,
Eu quisera juntar o calor moço
De cada coração, de cada peito,
Para o ouro fundir do teu losango
E moldá-lo talvez de um outro jeito...
Concentrar o calor das almas jovens
Para me consumir e incinerar,
Reduzir a pó meus próprios ossos
E com eles polir, deixar brilhando
A face de ouro do teu losango.

Quisera em minhas mãos os ideais
De todos os jovens do Norte e do Sul
Para pintar no centro do losango
A esfera do Ideal, divinamente azul.
Depois disso eu quisera,
No equador dessa esfera,
Estender a Via-Láctea da paz cristã
Para a noite dos ódios e rancores
Que possa advir aos corações hoje e amanhã.
A Via-Láctea de um céu assim tão puro
Eu deixaria em branco,
Para tornar possível a cada um
Gravar os grandes sonhos do futuro.

E assim a bandeira brasileira,
Panejando no ar, alvissareira,
Ao sopro do Ideal que a desfralda,
É a tocha de safira, de ouro e de esmeralda
Que o Brasil preparou

Para acesa brilhar na grande festa
Do seu feliz porvir que já principiou!

Quando ela assim quadricolor drapeja
Olhando o seu Brasil que progride aos galões
É uma língua de fogo que peleja
Para envolver os nossos corações,
Ferver, acrisolar e temperar
O sangue dos heróis com que iremos contar.

É uma língua de fogo, é uma língua real
Em que se encarna a da Pátria
Falando a todas as índoles,
A todos os credos e a todas as raças
Nos campos, nos lares,
Nas fábricas, nas praças;
Falando à Nacionalidade
Num só idioma — o universal da Liberdade.

Falando aos vivos, falando aos mortos,
Falando aos velhos, falando aos jovens,
Aos ardorosos, aos inativos,
Aos vivos que já morreram.
E aos mortos que ainda andam vivos...
Falando uma só língua, a ideal:
Alegria da vida e amor universal!

Bandeira linda,
Triunfante,
Fala, assim,
Drapejando, panejando, farfalhando
Sobre mim!
À verde sombra de tuas dobras verdes
Eu quero luz, eu quero sonho:
Eu quero luz
Pra minha eterna sede de verdade;
Eu quero sonho,
O pão substancial da mocidade!

Bandeira brasileira,
Sobre nós, sempre assim alvissareira,
Como uma bênção, nós queremos ver-te:
Traze-nos em tuas dobras Paz e Liberdade
Para o nosso Brasil
Azul e branco e de ouro puro e verde!

Fortaleza, maio de 1946.

ALELUIA DA RAÇA

Brasileiros, levantai-vos, alegrai-vos!
Voltou do exílio
O sementeiro de luzes e ideais.
E a Pátria lhe estendeu, em festa, os braços
Pra mostrar que lhe quer cada vez mais.

— Salve, Pátria!
Foi o brado inaugural
Do seu hálito fecundo.
E, em troca, num segundo,
O hálito da terra perfumou-lhe a face
Acariciando o filho que renasce,
Orgulho redivivo da Mãe Pátria.

As árvores se curvam
Ao Libertador que passa.
E os dois hálitos
Que se fundiram num estalar de beijo
Unem-se em coro ao aleluia da Raça:
— Ó grande Pátria, salve!
— Salve, Libertador!

— Ó Brasil, sacode o luto,
Ressurge da tua dor!
E a voz do grande chefe repercute
Como um grito de sol acordando a manhã,
Como um grito de fogo entesando nas almas
Os tambores da Raça: Pampã, rataplã!...
Rataplã, rataplã!...

Grande chefe, a Pátria espera,
O povo tem fome e sede
Da tua voz de comando.
Eia! Vamos, estanca-nos a sede!
Ou preferes que morra a Pátria te esperando?

Fala!
O ferro das nossas minas responderá tinindo.
Exige!
O ouro dos nossos rios responderá luzindo.
Age!
As águas das cachoeiras estão aí rolando...
Ordena!
Os corações dos jovens te apoiarão vibrando.
Canta!
E o azul do céu profundo te aplaudirá sorrindo.
O Brasil está pronto, ó Chefe venerando.
E uma coisa somente se exige de ti:
A tua voz de comando!

Olha estas serras!
Olha estes campos,
Olha estes mares:
Com que ardor
Os verdes mares, os campos verdes,
As verdes serras de esmeraldas gritam:
— Libertador!

Fortaleza, agosto de 1946.

PÁTRIA INCOMPREENDIDA

Pátria,
Só tu não tens direito de ser tu?
Eras a Pátria surda, eras a Pátria muda,
Porém ao éfeta que sobre ti foi proferido
Os teus ouvidos se abriram,
Desprendeu-se a tua língua num momento...
E por que foi que nesse mesmo instante
Puseram racionamento
Às palavras que havias de dizer?

Creio no teu valor, ó Pátria, creio muito,
Mesmo te vendo assim impossibilitada
De te ergueres,
Quando os teus falsos filhos que te prendem
Pesam, iguais a parasitas cheios.

Querem que as tuas árvores só deem
Frutos vermelhos;
Que nos teus campos desabrochem flores
Somente rubras;
E que à praia os teus mares não atirem
Espumas de leite,
Mas só de sangue,
Que os seus olhos de possessos
São injetados de sangue!

Só porque não são vermelhos
Eles te obrigam a esconder teus campos,
Teus bosques, tuas matas e teus mares
Com um triste recato de coisas pudendas...
E calas o atributo de tuas matas
De teus mares, de tua geografia
Como se fosse uma pornografia...

A Rússia é pátria em tuas praças públicas,
A América do Norte em tua indústria,
Em teu comércio e em teu consumo.
É pátria a Alemanha nos teus pampas,
A Itália na zona cafeeira...
Só tu, Brasil, não poderás ser pátria
Em terra brasileira?

Pátria cristã!
Ó meu Brasil cristão,
Espoliado assim dos teus direitos,
Assim de braços abertos,
No pelourinho da incompreensão,
Como és bem a figura do teu Cristo nu!

Brasil!
Levanta a pedra tumular da glória,
Tu também tens direito de ser tu!

Fortaleza, agosto de 1946.

CHOVE EM JANEIRO

Ferve janeiro,
Ferve, no fogaréu da tarde.
Riscam no céu de cinza
Um fósforo de luz enorme,
Procurando acender a lamparina da noite.
Mas o vento sopra rijo
E não deixa acender a lamparina.

Passam no céu, baixinho,
Umhas nuvens pesadas
Lembrando a pele escura de um carneiro.
Passam no céu pertinho,
Umhas nuvens maneiras
Como pastas de algodão batido,
Alvinhas
Como pastas de algodão para fiar.

Riscam de novo no céu roxo
O fósforo de luz enorme:
É luz viva,
É um dragão pegando fogo
E que vai cair rosnando
Detrás da nuvem de algodão
Como enorme leão de juba ruiva:
O fósforo falhou,
E o ruído que ficou,
Detrás da nuvem,
É alguém batendo o algodão do céu,
É o fuso de Deus fiando chuva...

Granja, janeiro de 1946.

FLORESTA VIRGEM

Uma nuvem no céu fiou pernas de chuva
Em decilhões de jardas,
E Eloim, de repente,
Atadas a cada fio
Sacudiu na terra
As primeiras de todas as sementes.

Em seguida Eloim, da esfera derradeira,
Gritou assim à sua sementeira:
"Sentido!"
Pausa na imobilidade geral.
"Ordinário, marcha!"
E aos clarins luminosos dos relâmpagos
E ao tantã dos trovões batendo bombo
O esquadrão da floresta levantou-se,
Assim em passo ordinário,
Iniciando a marcha multimilenar
Do seu itinerário:
De célula em célula,
De fibra em fibra,
De tronco em tronco,
De galho em galho,
De folha em folha...
E lá se vai a erguer-se no ar a mata bruta:
Troncos recurvos, braços retorcidos,
Comas desgrenhadas,
Através de milênios desafiando
A inércia da matéria para a luta...
E que luta sem igual que não é esta!

E foi assim que um dia eu vi uma floresta:
Soldados negros levantando aos céus
Músculos de lenha.
Pernas robustas de gigantes
Plantando-se no chão.

Em cólera a rugir,
Heróis tombando de roldão.
Algazarra de galhos, oceano de verdura,
Perfumes em rebuliço,
Lianas e cipós enroscados com os galhos
Treinando jiu-jitsu...
Galhos estrangulados, em gritos de vencidos:
Laocoontes pretos de porte descomunal
Amarrados de cipós,

Carnes rijas de tortura
Sulcadas em espiral...
E Joes Louises, campeões de boxe,
Arrebentando narizes
Em cada flor encarnada...
Um pugilato infernal!

E o esquadrão florestal,
No mesmo esforço, continua:
Acotovela-se estralando,
Brame, referve, deblatera, estua,
Para afinal erguer aos céus
As franças altaneiras,
Exuberantes de glória,
Onde o sorriso da flor
É hino de vitória...
A vitória da vida sobre a inércia da matéria!

A poeira da batalha envolve a flora toda.
E poeira dessa luta encarniçada
É a sombra
Que do alto de cada fronde
Cai no chão pulverizada.
E o perfume das flores
E o pólen das flores todas
Que referve nos ares é poeira também.
A poeira desta
Guerra que nunca termina
Porque é de fato a própria vida da floresta.

De súbito, porém,
Instantânea parada
No estertor da refrega.
Longo suspiro esvai-se de folha em folha:
O pulmão verde da floresta resfolega...
Sacode o monstro a cabeleira enorme,
Um suor cheiroso de resina escorre-lhe
Pelos passantes membros
E cai em pingos fiapentos pelo chão.
Há uns gritos de luz descompassados
Pelas clareiras microscópicas da selva.
Há uns gritos de sol quase morrendo,
A tremerem quebrados contra a relva...
E ainda há pelos desvãos da mata
Aquela poeira densa,
Aquela poeira imensa:
A poeira da sombra, doce, misteriosa,
A cair do alto das frondes
Sobre o lodo das pétalas defuntas,
Sobre o cadáver dos frutos,
A saudade das coisas desditosas...

Depois,
Parada universal de todos os ruídos.
É imóvel a paisagem
Como um instantâneo de Nova Iorque;
E todos os movimentos
Em posição de sentido!
Somente arquejam os bilhões de alvéolos
Do grande pulmão verde florestal,
Como se respirassem em surdina
Para não perturbar a paz universal...
Silêncio de guerreiros que se estereotiparam
Em catedral enorme, sem estilo,
De milhares de torres, naves e colunas,
Arcos, vitrais, rosaças de milhões de estilos.
Templo sagrado onde eu, sozinho àquela hora,
Como uma druida adorava
O gênio da beleza vegetal.

Senti-me, nesse instante, desaparecer
Desfeito no silêncio verde da oblação.
Senti-me dissolver como espiral de incenso
Unindo-me à alma vegetal daquela selva.
Comecei a sentir, pelas artérias,
Da seiva elaborada a pulsação viscosa.
Em minha pele ardiam como queimaduras
Mistérios de química e de fotossíntese.
Ferviam-me no coração
Ânsias de produzir açúcares e essências,
Maravilhas de cor e de escultura,
Para atrair a mim todas as gentes
E me espalhar pelo universo todo.

Senti naquele instante a glória de vencer
A matéria brutal,
Porque eu era em verdade a alma vegetativa
Organizando em substância viva
A inércia mineral!

Tocou-me ali a emoção estética
Da arquitetura gigantesca,
Senti em mim vibrar inteira a natureza:
Eu era o cérebro
Daquela enorme cabeleira verde,
A lúcida consciência
De sua própria beleza.

Fortaleza, abril de 1947.

A UM POETA

Ó meu poeta, ó meu diamante negro,
Conta-me ao ouvido
As histórias das águas profundas.
Transmite-me, à tua luz de encanto e de magia,
A história das regiões
Que dormem no seio das águas abissais,
A história das regiões que te viram nascer;
Das gupiaras e das pepitas que assistiram
À gestação multimilenar
Do teu carbono puro...

E canta para os meus ouvidos
Famintos de música:
A tua voz é como as vibrações de um cristal.
E brilha para os meus olhos
Sequiosos de policromias:
A tua luz é como perfume de âmbar
Na atmosfera morna dum deserto...

Ó meu diamante negro,
És a luz que as estrelas derramaram
No coração das águas;
A cristalização da luz
Que os astros todos irradiaram
Sobre o espelho dos nossos rios caudalosos.
Luz que as entranhas do abismo iam guardando
Com ânsia inominável de avarento.
Pareces um bloco de espessa noite,
Mas és um bloco espesso
De relâmpagos concentrados,
Uma concentração de raios, negra de impaciência,
Pedindo espaços,
Reclamando a amplidão do céu profundo
Para brilhar,
Para deslumbrar,
E abalar o alicerce do mundo!

Ó meu diamante negro,
Canta, ao clarão original de tua luz,
Os grandes pensamentos dos rios
Que vêm de longe;
O desespero das cascatas
Que se quebram de encontro às rochas;
A delicadeza da espuma
Que desdobra os mistérios da luz
No encanto e na magia do arco-íris.
Canta as grandes ideias:
Elas arrebatam
Quando são grandes por si mesmas,
Canta as ideias microscópicas:
Elas embriagam
Quando assim nos aparecem na simplicidade nativa.

Canta,
Ó meu diamante negro,
Uma canção
Como o reflexo de um espelho plano,
O reflexo do céu
Nas águas de um lago tranquilo...
Derrama tua alma sobre o mundo
Como um vaso entornado
Deixa esvaír-se a essência de que estava cheio.
Quero ouvir-te falar
Da beleza universal que te possui,
Como nos falaríamos de ternura
As nossas mães,
Se ainda pudéssemos dormir em seu regaço...
Canta,
Para delícia dos meus ouvidos,
Uma canção
Como o reflexo de um espelho plano...
Assim,
Ó meu diamante negro,
Canta
Sempre e sempre assim.

Fortaleza, outubro de 1948.

A CURVA DO TEU CAMINHO

O conselho insondável dos destinos
Fez dos nossos caminhos
Duas paralelas.
Dois caminhos
Que ainda embora em diferentes planos
Há muito tempo já, há vários anos
Vêm correndo juntos.

Hoje, porém, inesperada curva
Contorce o teu caminho
Envolvendo-o aos meus olhos
Em brumas de saudade e de tristeza.

Pouco mistério no mundo
Parece mais profundo
Que o mistério da curva dos caminhos...
Torceu-se o teu caminho
Sem desvio, talvez, em tua meta.
É mistério divino:
Pois, muitas vezes, pervagando ao léu...
O mais das vezes é fazendo curvas
Que se vai mais direito ao seu destino:
A acha de lenha tortuosa e rude
Dá sempre chama
Em linha reta demandando o céu.

Podes partir. Já agora
Não falo em solidão:
Quem fica com saudade
Nunca pode dizer que ficou só.

Fortaleza, 20 de maio de 1950.

PARTIDA

Com música de Antônio Carneiro Magalhães

Adeus, meus pais, adeus, flores,
Irmãs do meu coração!
Adeus, meus ternos amores,
Adeus, adeus, meu sertão!!

Chegou a hora, afinal
De deixar as delícias do ninho
Onde em ternura porfiam
Meus Pais, meus irmãos
Me fazendo carinho.

Oh! saudade...
Ó meu Deus, que pesar
Me causou na partida
O olhar de minha Mãe!

Doce imagem de santa,
Eu te evoco:
Esta valsa é oração
Que eu te faço a cantar.

Vinde, lembranças saudosas
Dos entes que lá ficaram:
Dizei se após a partida
Eles por mim não choraram.

Vinde, saudosas lembranças
De meu Pai, de minha Mãe sempre amados:
Vinde trazer-me esperanças
De os ver outra vez
Como sempre adorados.

Oh! saudade...
Ó meu Deus, que pesar

Sinto agora distante
Dos mimos do lar!

Quero orar,
Mas a voz enlanguesce...
Esta valsa é a prece,
E o meu peito, o altar.

Carnaubal do Salgado, dezembro de 1943.

QUANDO É POSSÍVEL

Quando é possível ver Papai e Mamãe,
A gente volta a ser o que é pra ser.
Muitos dos meus amigos podem vê-los
Seis vezes por semana.
Seis vezes por semana, infelizmente,
Eu sou do outro número:
Beijo outras mãos (de pais que não têm filhos).
Levo de encontro aos lábios outras veias
Com sangue de estrangeiros, sangue alheio...
E continuo só.
Eu sou o enfeitado das distâncias!

E às vezes que, por dia, lá em casa,
Minha mãe tem vontade de me ver!
Pela manhã, ao levantar-se o sol,
Para saber se amanheci feliz...
Minha mãe tem vontade de me ver
Depois do meio-dia
Para saber se eu almocei bastante.

Minha mãe tem vontade de me ver
À noite quando todos vão pra cama...
Quando todos, à noite, vão pra cama,
Temendo que me falte alguma coisa,
Minha mãe perde sono
Pensando em mim, sozinha, horas a fio.
E eu continuo só.
Nem sei quando verei os que me amam.

Quando é possível ver Papai e Mamãe,
A gente volta a ser o que é pra ser.
Mas, por enquanto,
Eu sou o enfeitado das distâncias.

Fortaleza, 11 de maio de 1949.

LUCÍDIA

Ó Lucília! Lucília!
Ajudem a procurar
Lucília pela praia...
Lucília pelo mar,
Porque é mesmo nas ondas,
Porque é mesmo na praia
Que o corpo de Lucília deve estar.

O vento... Escuto o vento:
Soluça e não responde
O canto em que se esconde
O corpo de Lucília.

E assim, dentro da noite,
O vento não se cala,
Uivando como um cão
Hipócrita
Que sabe
Onde está a menina
E finge inquietação
E angústia em procurá-la.

As ondas se sucedem,
E um só sinal não há
Da morte de Lucília,
Não há outro, sequer,
Senão a sua ausência...

— Esteve?
— Esteve aqui!
Pisou com os pés na areia,
Brincou,
Brincou na praia.
Não, não, ó gente, não...
Lucília não morreu:
Lucília diluiu-se

— Viva — no panorama...
Vem cá, Lucília, vem,
Teu pai, teu pai te chama!
Estou a ver Lucília
No céu, no mar, na areia...
A areia, a espuma branca
— Lucília era bem alva —
É a cor do rosto dela!

E o perpassar das ondas,
Que se arqueiam redondas
Enfeitando o mar,
É a graça de Lucília,
Bonitinha e tão pura
E simples no andar...

Olho para o nascente,
Olho para o poente,
Olho de norte a sul:
A alma de Lucília,
Tão grande e virginal,
Tingiu, de ponta a ponta,
O céu,
Todo de azul!

Ó Lucília! Lucília!
Ajudem a procurar
Lucília viva, assim,
Banhando-se na praia,
Brincando com o mar.
Mas, teimam em dizer:
"Coitada, já morreu...
Eu vi seu corpo frio
Que o mar jogou na areia"!

Ó mar!
Lucília era tão boa,
Lucília era tão pura...
Tu mataste Lucília, ó mar cruel!

E o mar me respondeu:
"Lucília não morreu,
Lucília está no céu."

Acaraú, setembro de 1957.

FINADOS

Naquela noite, ó Centenário, quando
Tu, badalando, me evocavas
O espírito cristão da Idade-Média,
Sino saudoso, tu lembravas,
E eu sonhei...

Naquela noite, Ó Centenário, quando
Tu, badalando, te alegravas,
Sino saudoso, tu cantavas,
E eu te cantei...

Hoje tu planges compassadamente,
E os outros sinos, num soluço ardente,
Choram contigo as almas dos finados.
Sinos tristonhos, que chorais assim,
Dizei por quem chorais.
Sinos aflitos, vós plangeis chorando
Meio mundo cristão que já morreu...
Sinos tristonhos, que chorais vidas finadas,
Chorai, chorai, levando em vossas badaladas
As almas dos meus mortos para o céu!

Naquela noite, ó sinos tristes, quando
Badalando exultáveis e cantáveis,
Sinos saudosos e suaves,
Eu sonhei...
E convosco exultando e jubilando
Vos cantei...

Sinos alegres,
Sinos saudosos,
Sinos tristonhos,
Sempre cantei, sempre lembrei convosco.

E agora, ó sinos tristes, que chorais

As almas dos meus mortos,
Chorai, chorai, que eu chorarei convosco!
Naquela noite, ó Centenário, quando
Tu, badalando, te alegravas,
Sino saudoso, tu lembravas,
E eu te cantei.
Hoje tu planges compassadamente,
E os outros sinos, num soluço ardente,
Choram contigo as almas dos finados.
Sinos tristonhos, que chorais vidas finadas,
Chorai, chorai, levando em vossas badaladas
Meu pranto ardente,
Em vossas badaladas,
Para consolo às almas dos meus mortos.

Ó sinos tristes, que chorais assim,
Assim plangendo, badalando,
Quando,
Quando eu morrer vós chorareis por mim?

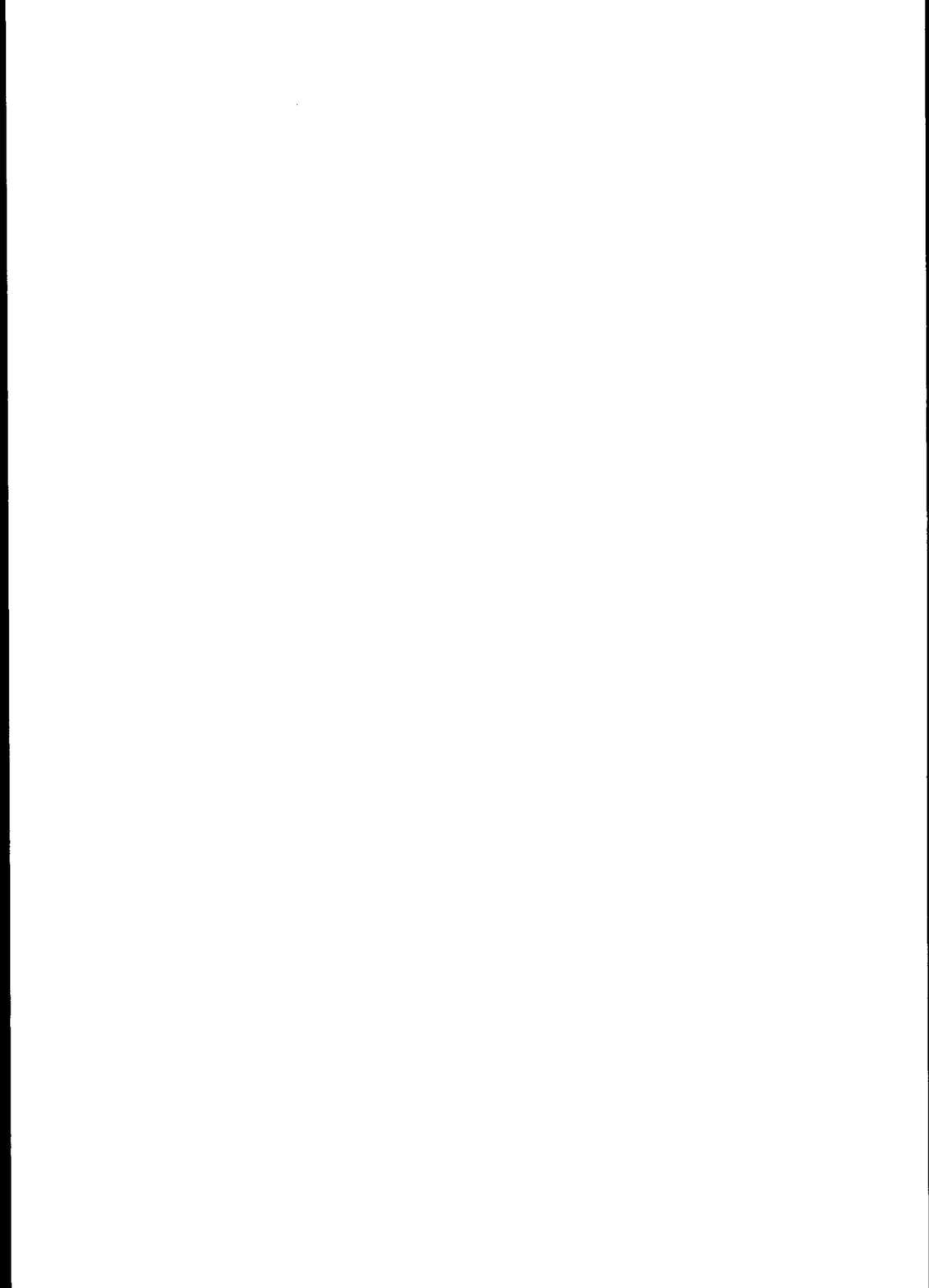
Sinos aflitos, que chorais assim,
Ajudai-me a ascensão para a outra vida:
Chorai, ó sinos, soluçai por mim...

Fortaleza, 2 de novembro de 1946.

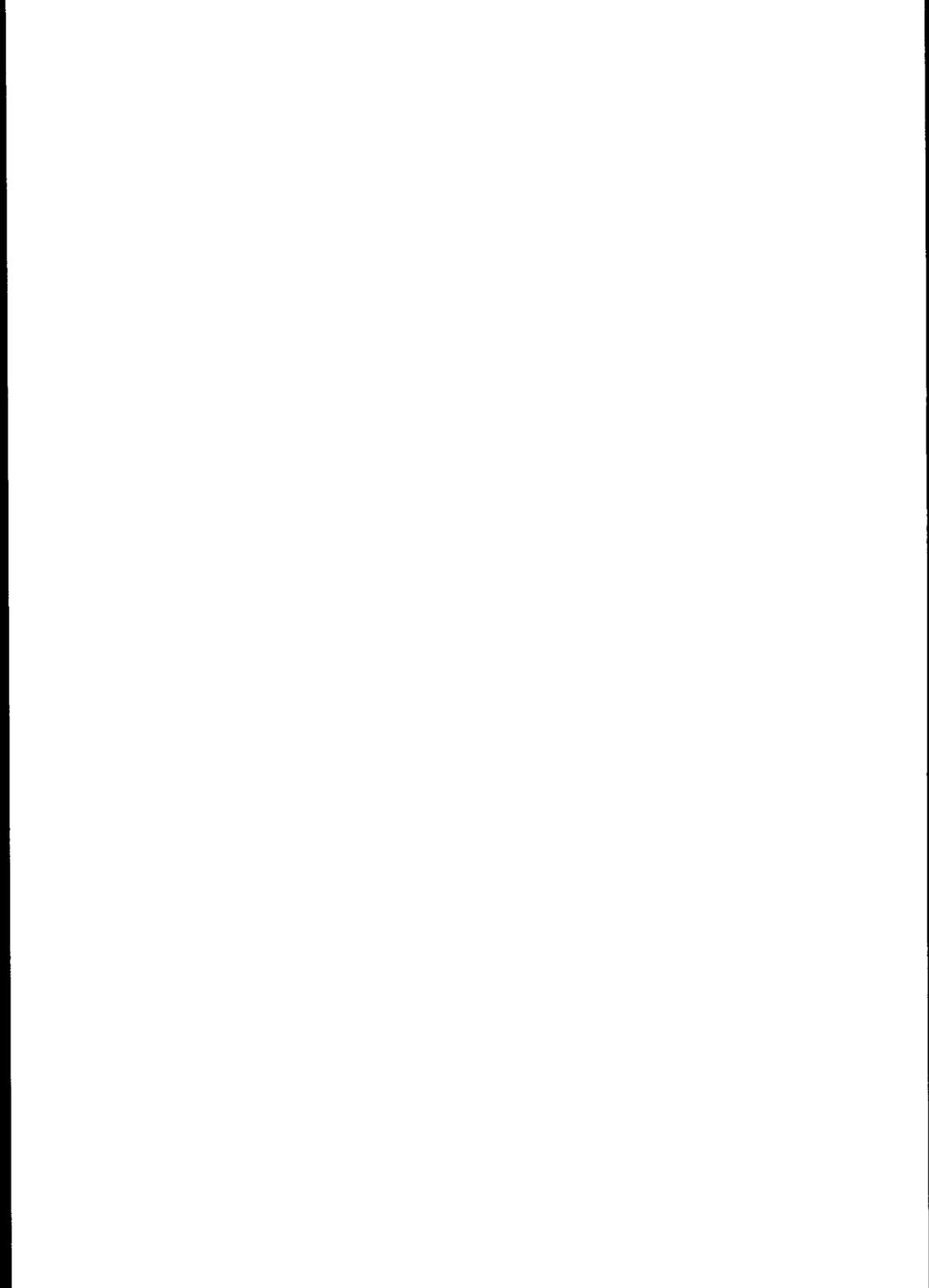
ESSÊNCIA

A água, o ar, o fogo, o pão, a imagem,
O som, a sombra, o amigo, a paz.
Repouso.
Movimento.
A saúde, a beleza, a graça natural.
A esperança e o tempo.
O pensamento,
O meu limite
E a vida.

Sobral, 18 de junho de 1962.



RETA VERTICAL



IN AETERNUM

Sou sacerdote, deixem-me passar!
Levo nas mãos de apóstolo e de Deus
As forças eternizadoras do óleo que é poder
Para a perpetuação de tudo o que tocar!

Os puros de coração, os castos se aproximem
Podem-me tocar as mãos unguidas de vida eterna:
As minhas palmas eternizarão as suas carnes puras.
Os lábios que se conjugarem num beijo
Sobre as minhas mãos de Cristo
Hão de ter um beijo eterno
Para os afagar um dia
Nas alturas.

Abram caminho agora os maus,
Abram caminho,
Porque entre os maus eu quero caminhar sozinho!
O coração perverso não me odiará,
Para que o seu ódio não se torne eterno.
Os passos mal-intencionados não me enfrentarão,
Não hão de me ofender os braços agressores,

Para que em suas carnes polutas
Não se eternize a sacrilégio da agressão...
Pois tudo o que me toca se eterniza!
Abram caminho agora os maus! Abram caminho,
Sou sacerdote, deixem-me passar!
Mas entre os maus eu quero caminhar sozinho...

Quero seguir a minha rota
Como um astro em combustão:
Que se abraze, que se queime,
Mas ilumine a escuridão!
Os bons me favorecem,
Os maus não me haverão de intimidar.

Levo brasas nos meus lábios
E chamas no meu olhar.
A treva não me apavora:
Eu tomarei do fogo que me inflama,
Da chama que me devora
E inflamarei o carvão brutíssimo das trevas
Para aquecer a luz da crença,
Tropicalizar os polos
Da indiferença...
Então as trevas,
Então o mundo da sombra fria
Resplandecerá fervendo
Como o sol que nos aquece ao meio-dia.

Eu levo nos lábios trêmulos
O odor quente do sangue de Cristo:
Quero que o mundo possa reencontrar Jesus!
Para isto entre os homens deslumbrados
Passarei como um bólido ainda não visto,
Me desfazendo em luz,
Me desmanchando em luz,
Me diluindo em luz...
Meu corpo de novo Cristo
É um poder mágico de eternização:
Onde os meus lábios pousam,
Os meus dedos tocam
E os meus olhos dão,
Onde os meus pés de apóstolo pisam...
Todas as coisas em que eu toco se eternizam!
Eterno
É o sacerdócio de que me revisto.

O vinho que vou tomar
Se torna sangue de Deus eterno,
O pão que toco se transforma em Cristo.
E o pagãozinho que eu batizo
É um anjo arrancado do lodo,
É um semideus que eu eternizo.

Tudo que eu toco liberta-se do nada,
Tudo que eu pego é substância eternizada!
O próprio agonizante
Que expira sob a cruz da absolvição que eu traço
Não morre:
É um espírito feliz
Cuja eternidade eu faço.
Eu sou o nada provocando a eternidade:
Levo na boca o alfa e o ômega
E, entre o princípio e o fim,
O poder de eternizar.

Levo na frente a poderosa senha:
O mal não me atrapalhe, o bem não me detenha,
Sou sacerdote, deixem-me passar!
Como um raio rasgando o furacão,
Levo a resposta a todos os dilemas,
A solução de todos os problemas:
As leis de Cristo eu levo em cada mão!
Minha cabeça é um ninho de poemas,
Um incêndio de Ideal meu coração!

Fortaleza, agosto de 1946.

VINHO, ÁGUA E LUZ

Em meio à treva densa,
Em meio à chuva fria,
Em meio ao furacão
Ferindo-me de encontro
Às pedras ásperas da estrada
Eu levo um círio ardente alçado em minha mão:
Fogo azul, mistério trêmulo,
Desfeito ao vendaval
Como a cabeleira de um gênio
Ao sopro do ideal!
Eu levo em minha mão o fogo azul,
A chama redutora
Que irá tornar minha alma leve
Para a subida que encetei.

Círio ardente!
Não me assombram as pedras do caminho...
Círio ardente!
Nem a grande noite
Impermeável ao meu olhar.
Nem o cansaço armando ciladas
A cada passo que eu tentar marcar:
Levo água refrigerante
E vinho restaurador!
Água para a sede dos músculos,
Vinho para a sede das artérias...
Nada faltará, portanto, ao Sangue Regenerador.
E assim nem mesmo poderá faltar
O ímpeto de Ação de Graças
Que é a sístole e a diástole
Do coração que nos anima.
E sempre, sempre hão de estar cheias nossas taças
Transbordando as nossas taças
Entre nuvens de incenso a subir de céu acima!

A chama do meu círio
Queimou minha alma jovem!
Todos os que meu círio alumia,
Os que se sentem bem à sua luz,
Saibam todos que a minha alma está queimada.
E as queimaduras ardem, ressequidas,
Sedentas do óleo santo que me espera
No alto da montanha iluminada.
De lá, então,
Depois de ungida a pele causticada,
Descerei pelas encostas
Mostrando a quantos encontrar
Que também o óleo santo,
O óleo me queimou como um ferrete em brasa,
E as chagas que ele abriu não cicatrizam mais.

Descerei a montanha...
E as pedras,
As próprias pedras
Hão de comover-se ante os meus ais!

Hão de fazer as pazes comigo
A treva densa, a chuva fria, o furacão.
Hão de fazer as pazes comigo
Os espinhos agudos do sertão;
As pedras do caminho espalhadas ao léu
E até mesmo os rochedos...
Distribuirei asas com os rochedos,
Levarei as montanhas para o Céu!

Fortaleza, 25 de março de 1950.

A MÃO QUE ME ELEVOU

Não precisei de ajuda material da Obra das Vocações Sacerdotais. A mão que me elevou foi a de meu pai – Manuel Chaves Fernandes. (Nota do autor)

Levanta-te, segura a luz divina
Acesa em tua mão.
Guarda-a dos ventos, contra a escuridão,
Vai firme no teu passo,
Vai ter à multidão!

Foi o Cristo Jesus que assim falou.
O meu Senhor mandou que eu procurasse
Com todo o afã por entre a turba ingente
A mão que me elevou:
Mão generosa, mão de amor, mão de clemência
Que da planície humilde à eminência
Elevou-me do Templo do Senhor.

E eu saí dia e noite a procurar,
Pressuroso, entre as gentes numerosas,
Aquela mão cujos sinais sensíveis
Jesus não me quis dar.

Então era preciso que eu tomasse
Todas as mãos com que me deparasse
Para ver se encontrava a que me deu
O apoio material e se perdeu
Na multidão imensa,
Com receio talvez de ser notada,
A fim talvez de assegurar melhor
Uma outra recompensa...

Entre os meus dedos
Tomei muitas mãozinhas de crianças,
Abençoando-as por Cristo.
Juntei depois as mãos de muitos noivos:
Jovens felizes... Virgens, ruborizadas,

Como se as suas faces refletissem
O despontar de novas alvoradas...

Tive ao depois que apertar em minhas mãos
As mãos de muitos pobres combalidos,
Pelo insucesso, talvez,
Por falta de um olhar de compreensão,
Talvez, vencidos.

Ungi depois as mãos de muitos moribundos,
Com firmeza apertei-as na saída,
Deixando-lhes no peito uma esperança,
Nos lábios um sorriso de criança
Para a hora suprema da agonia.

Tomei enfim as mãos de todos que encontrei
Pela minha excursão.
Cumprimentei a todos com calor
E não achei a mão que me elevou,
Não vi, Senhor Jesus, aquela mão!

Por certo, Senhor Deus,
A mão que me elevou é a mão direita,
Aquela dos teus santos Evangelhos,
Caridosa, modesta, que se esconde
Contra o olhar indiscreto da esquerda...
É por isso que nunca a encontrei.

Clamei por onde fui, clamei, gritei:
Onde está, onde está quem me amparou?
Como outrora a Moisés ao monte do Sinai
Quem me elevou?

Passei naquele monte doze anos:
Não tive fome, não tive sede
E o frio não senti dos desenganos...
Por que é que não encontro a mão que me amparou?
Entre sarças ardentes vi Jesus
Dar-me todo o poder, a graça e a luz

Da sua santa lei.
Mas onde achar na terra aquela mão,
Por mais que a procure é tudo em vão...
Não sei mesmo, não sei!
De uma coisa somente estou seguro:
O que essa mão me deu foi dado a juro
Ao Céu, e lá, somente lá, eu pagarei.

Parece-me estar vendo a viúva pobre,
De expressões evangélicas,
Trêmula a mão, deitar com gesto nobre.
Maior talvez do que o de Salomão,
A pedra de um novo Templo!

Vejo filhas do povo,
Gente humilde, coração afável,
Repartir numa oferta o indispensável
Para o custeio de uma nova vinda
Do Salvador ao mundo.

Também vejo o operário cristão,
Num gesto bem dos seus, próprio de bravos,
Tirar do bem-estar dos próprios filhos
Os minguados centavos...
Vejo-o, com os olhos da imaginação,
Como o bom semeador dos Evangelhos
Plantando a Redenção.

Porém não sei, não sei como encontrá-lo...
Quem me dera, Senhor, apertar essa mão!
Que ela exista, meu Deus, eu sei que existe:
Eis-me aqui como prova!
Do contrário, como é que eu poderia
Ter condições para chegar um dia
Aonde cheguei pregando a Boa Nova?
Se tu queres, Jesus, recompensar
O que ela te emprestou,
Sou eu, Senhor, a letra desse empréstimo:
Paga com juro a mão que me elevou!

Fortaleza, novembro de 1947.

ÍNTIMO

Acho que o Criador fez a gente de barro,
Porque vejo o homem transformar-se em pó.
Mas sinto que não sou apenas lodo.
Porque dentro de mim palpita alguma coisa
Que de argila somente não será.

Parece-me isto feito de partículas
De cada um dos elementos
Da Natureza, refletida em mim
Como num espelho mágico:

Chispas de sol ardente, pérolas de orvalho,
Átomos de luz, poeira densa de trevas...
Silêncio de dunas no deserto
E confusão de sons em mata virgem.
Paz de sepulcros, convulsões de oceanos,
Turturinar de rolas, guinchos de aves de rapina,
Uivar de lobos e balir de ovelhas,
Maciez de pétalas e pungir de espinhos...
Por isso eu creio
Que sol, orvalho, ventos, calmarias,
Luz e trevas,
Mares, florestas, cólera e doçura,
Espinho e rosa,
A Natureza toda, pressurosa,
Concorreu com elementos para formar
Isto que vibra dentro de mim,
E foi Deus quem me deu,
E pensa, e fala, e sofre, e ama,
E se afirma: "Sou eu!"

Sobral, maio de 1942.

AUTOGESTAÇÃO

*Quos iterum parturio, donec formetur
Christus in vobis. (Gal 4,19)*

Eu sou um feto
Livre no ventre que me concebeu
No amor do Pai Celestial.
Apenas estou sujeito
Às leis de gravitação do útero que me retém.
Sou um feto a quem deu Nosso Senhor
O poder de autogestação.
Por isso tenho o direito
De modelar a minha compleição,
Meus próprios traços de fisionomia
Pelo que me aprouver.
Eu sou, portanto, livre
No meu poder de autogestação.

Antes dessa descoberta,
Me encontrei com muitas cruzes,
Porém somente agora
Encontrei o que olhar
Na magreza da cruz:
No tronco rijo,
Nos braços resignadamente abertos,
No topo erecto, imperturbável...

Ah! Eu queria modelar-me assim:
Carnes — somente o indispensável
Para aturar a dor que me faria rijo;
Suster os braços abertos
Para abraçar meu irmão;
Levantar a cabeça para os Céus,
A Deus em oração.

E assim eu cresceria
Até chegar o dia
Em que de minha mãe o ventre se abrirá

Para o parto feliz que me dará
À luz da Vida Eterna.

Fortaleza, abril de 1947.

DESCENDO E SUBINDO

Eu mergulhava na viagem boa.
Gostava das estradas
Que ladeavam os flancos dos outeiros,
Porque ali as paisagens mais encantadoras,
Sem que fosse preciso eu me mover,
Corriam ao encontro dos meus olhos
Famintos e sequiosos de policromias.

As estradas corriam
Deslizando em meus pés,
E me era sempre doce a impossibilidade
De parar na descida da colina...

Súbito, dezessete arcanjos dão um grito!
Voltei-me para ver:
Topei com uns olhos negros virginais
Cheios do desconhecido,
Me fitando.
E me atordoando.
Trovecei nesses olhos virginais
E caí de joelhos,
Prisioneiro da luz que ali havia,
Dentro da sua noite de beleza.

E as estradas
Que ladeavam os flancos dos outeiros
Pararam de repente nos meus pés,
Para, dali em diante,
Deslizarem numa outra direção.

E, desde então,
A ascensão para a colina
Começa a se fazer de onde eu caíra...

Fortaleza, maio de 1947.

TESTEMUNHO SALUTAR

Tu não viste o que eu vi,
Não viste, certamente,
O que eu vi:
Nuvem negra pairando sobre mim,
Preta, plúmbea, pesada,
Concentração de pez,
Pairando sobre mim.
E como um peso fluido
Invadiu minhas moléculas.

Nuvem negra, dentes finos, puas terebrantes,
Brasa ardente, inseto escorpião
E lama do Scheol.
E lama do Scheol depois,
E lama do Scheol.

Tu não viste o que eu vi,
Não viste, certamente,
O que eu vi.
Certamente.
Nem antes, nem depois.
Nem antes — a nuvem negra.
Nem depois — o brilho do sol criança.

E eu disse:
Contarei tudo
A quem primeiro me puder ouvir.

.....
Acho que lhe narrei tudo,
E ele juntou minha alma triturada,
Como um oleiro que amassasse
A argila feita pó:
Moldou um vaso artístico

De proporções geniais,
Onde se refletia o sol, um grande sol
Quase em plenitude...
Era o meu testemunho.

Fortaleza, 10 de outubro de 1949.

CÂNTICO NUPCIAL

Eu me precipitarei
Nos braços de meu Deus.
Eu me unirei
Ao coração do Senhor
E não temerei as chamas
Do seu amor misericordioso.

Senhor, tu vieste trazer fogo à terra,
E tua vontade é que esse fogo abra-se
Tudo o que tocar:
Senhor,
Faça-se em mim segundo a tua vontade!

Que o teu amor me envolva num incêndio
Universal.
E que o meu ser, incinerado, tombe
Aos teus pés em finíssima poeira...
Aos teus pés eu me derrame
E me espalhe em redor de tua majestade
Como um jato de poeira arremessado ao vento.

Então, sobre a pobreza desta cinza,
Por certo, o anjo do Altíssimo
Seus olhos lançará ainda insatisfeito,
E as mãos intransigentes
Retirarão o que é próprio de mim mesmo
E o lançarão no fogo exterior.
Restarão, bem visíveis, espaços vazios,
Assim como os sinais que o nosso dedo
Riscou sobre a poeira que recobre os móveis.

Depois teus olhos volverás Senhor,
Sobre mim,
E a tua misericórdia
Há de ler, que é bem legível,

Em minha cinza feliz:
"Eterna glória ao Amor,
Hosanas para sempre ao Criador!"

Fortaleza, outubro de 1947.

DIVINO IMPERATIVO

Era no céu a corte angelical.
Era na terra a fauna e as matas virgens.
Foi no princípio,
Quando
Tu ligaste, Senhor, um tigre a um querubim.
E o primeiro homem habitou na terra.

Então, por via de origem,
Foi-lhe inscrito no imo da alma
Um mandamento vivo
Para a justiça e para a retidão.
Se bem que mais depois fosse preciso
Demonstrasses que as pedras do Sinai
São mais sensíveis à impressão
Da letra da tua Lei...

A lei da pureza da alma
Tem força de imperativo
E é uma lição da própria Natureza:
Ensina-nos o sol que pra brilhar
É preciso girar num céu de agosto.

O firmamento diz que é preciso ser puro
Para ser profundo.
E a noite, por sua vez: "Necessito ser limpa
Quando quero contar milhões de estrelas."
E as águas: "Precisamos ser como cristal
Para inspirar a todos confiança."
E enfim os Céus,
Abertos sobre a terra em voz de abismo:
"Felizes os que têm coração puro
Porque verão a Deus!"
E ficaram reboando assim como um trovão
Longínquo,
Nas galerias abissais
Dos séculos sem fim...

Vejo em tudo, gravadas como a fogo,
As marcas fundas desse imperativo:
Minha própria mão direita,
Entre o índice e o polegar abertos,
Mostra-me o algarismo — seis,
Como a lembrar o sexto mandamento...
O mesmo arábico seis
Que eu vejo invertido em — nove
Nas mãos que o outro me estende,
Falando de garantia
De um legítimo direito,
O do nono mandamento!

Ó Deus, a santidade é uma força!
É um imperativo suave e forte
Como a grande lição
Do sol de estio,
Do céu profundo,
Das noites limpas
E das águas claras.
É um desejo teu, claro, evidente,
Como esses mundos luminosos que se agitam
Pelo espaço além.

Fortaleza, fevereiro de 1948.

A MINHA PAZ

No céu profundo os astros cintilavam,
Tranquilos, na constância dos milênios.
E eu lhes pedi: — Dai-me paz!
— A paz que temos chega apenas para girarmos
Sem riscos de recíproca ruína.
Deixa-nos, não nos perturbes.

Longo tempo esperei que os mares se aquietassem
— Dai-me paz! Supliquei-lhes.
— A paz que temos é tão curta,
Que apenas faz que seja descontínua
A nossa agitação.
Larga-nos!
Não detones a fúria dos ventos
Sobre nós.

Mergulhado nas neves aguardei
O momento em que os bosques e as florestas todas
Sorriam:
— Dai-me paz! Supliquei-lhes.
— A paz que temos é brevíssima, e, sem ela,
Colher-nos-ia o outono
Sem a fecundação de nossas flores,
Sem a maturação de nossos frutos...
Deixa-nos, não perturbes nosso amor.

Esperei no deserto o momento de fôlego
Das dunas erradias
E pedi a cada um dos grãos de areia:
— Dai-me paz!
— A paz que nos é dada é tão mesquinha,
Que mal o derradeiro a recebeu,
Já o primeiro ninguém sabe onde vai
Nas asas da ventania.
Vai-te, respeita o cansaço
Destes milhões de pobres peregrinos.

Os ventos loucos esperei falassem
Num tom mais baixo do que o dos meus gritos,
E pedi-lhes: — Dai-me paz!
— A paz a que por vezes somos condenados
É-nos tão odiosa
Como o pavor de retornar ao nada...
Não nos perturbes a alegria de existir.

Desci então aos mais profundos vales.
Esperei que a caverna mais profunda
Dissesse-me — já chega! —
Ao desejo de entrar de chão adentro.
E caí de joelhos
Com o rosto entre as mãos de pedra fria
Com que a cripta barrava a minha sede
E a minha fome de descer abismos:
— Dá-me paz! Supliquei-lhe.
— A paz que tenho terminou comigo.
Deixa-me na tortura do limite...
A paz que tu procuras não se encontra
Pelas alturas em que nos achamos...
Importa descer ainda:
Tua paz está dentro de ti mesmo!

Voltei-me então sobre este labirinto
E mergulhei no abismo do meu ser:
O deserto! Era o vácuo... O nirvana, talvez...
Chacais famintos ao redor de mim
Antegozavam a delícia dos meus ossos.
Desci. E desci mais.
Desci ainda e não pisei o fim.
Porém lá longe, lá donde é impossível
Descer um passo a mais,
Quase a cair eu vi o pão
Que a minha eterna fome de quietude
Desejou.

Eu vi um vinho rubro, trescalante,
Glorificando a Deus no mais alto dos Céus
E oferecendo paz na terra
Aos filhos seus amados.
Era assim como sangue fumegante
O vinho,
E — vivo — o pão, lembrando carne palpitante.

Fez-me recobrar as forças
O cheiro quente do vinho.
E as minhas fibras vitais,
Refeitas com o novo pão,
Vibraram possuídas de alegria
E exultação como a dos pés dum náufrago
Tocando terra.

Vontade, inteligência e sensação
Ali presentes — os três reis da região —
De joelhos em frente à nova Epifania.
Uma luz doce enchia o abismo todo,
E um leve sopro de brisa
Distraía-se com as árvores,
Naquele instante,
Suave assim como o semblante
De uma criança que adormeceu.

Fortaleza, abril de 1948.

A EQUAÇÃO ETERNA

O roxo do crepúsculo envolve as serras
Tateando, cauteloso,
Os cocurutos dos montes,
Assustados com os abismos,
Com os vales rasos de sombra...

Os filhos dos gigantes perambulam
Pela terra que os pés dos homens retalharam
Em caminhos exaustivos, sem destino.

Lá no topo da montanha
Eu diviso a silhueta de um dos peregrinos:
Braços corridos para o chão,
Mãos estáticas,
No mesmo gesto em que as surpreendeu
A exaustão de lidar com a areia e o lodo:
Buscava pelos caminhos
O endereço de sua raça,
O cansaço, porém, o prosternou no pó.
Neste momento, sobre a montanha
Triste,
Como saudosa do dia,
Eu lhe distingo a silhueta magra,
Tal como um sinal menos entre o céu e a terra:
O homem exausto de lidar como o lodo
É igual
À terra menos o céu.

Os filhos dos gigantes morrem esgotados
Sem encontrar a solução do seu problema...
Até que um dia apareceu a incógnita:
No quadro-negro da noite,
Como um astro nunca visto,
Brilhou o xis da equação,
Não para os filhos dos gigantes
Que de há muito estavam mortos,
Porém para os pequenos que se uniram

Com o Homem das Dores.
E agora na montanha onde repousa
A caveira dos gigantes,
Eu vejo o Filho do Homem,
O Pastor Ferido,
Braços abertos entre o céu e a terra,
Formando um sinal mais, o sinal da adição,
Entre a fundura do vácuo
E a altura imensa, cheia do que existe.

Ele mesmo é que trouxe até ali,
Nos ombros, o sinal da grande soma.
E desde então, ali, quem quiser pode ver:
A terra somada ao céu!
E o total da operação
Causa assombros ao gênio calculista
Da noite eterna

Onde dormem os filhos dos gigantes.
No alto da montanha silenciosa
Brilha ainda e sempre brilhará,
Como dois longos cometas
Que se cruzaram no espaço,
O misterioso sinal
Fazendo a soma de frações e infinitésimos
Ao infinito do Uno na Trindade.

Achei o xis da equação,
O endereço encontrei de minha raça,
É com certeza o meu!
Comigo rejubilam-se as florestas

Fremem as frondes das árvores
De entusiasmo e alegria.
Vibram comigo as entranhas
Misteriosas das sombras,
Porque eu achei a Unidade!

Fortaleza, março de 1948.

SALMO DO DESERTO

Senhor, o meu espírito secou:
E a minha alma sequiosa vos deseja
Com a sede universal dos grãos de areia
No deserto.
Meu coração é um campo
Cuja relva crestada pelo sol
Confundi-se com o borralho
Da poeira efervescente:
Retiraram os céus de sobre mim
A carícia das nuvens e do orvalho.
O meu amor fechou sua janela.

Senhor,
Vós vos quereis fazer comigo de criança?
Quereis que vos procure?
Mas, sois uma criança, assim tão grande,
Que encheis o céu e a terra!
Encheis tudo,
Embora às vezes me deixeis vazio...
Vazio, assim
Como a campânula da máquina pneumática.

Senhor, como vos hei de procurar?
Onde estais, meu Senhor?
Com efeito,
O que eu ouço dos ventos sem destino
Poderia até mesmo ser o timbre
Do seu assobio:
Mas em minha alma explodem tempestades
Que assobiam também com tanta força...

Senhor, onde vos hei de procurar?
Na verdade, parece-me o seu dorso
O que eu vejo por vezes
Na suave ondulação dos louros arrozais:

Mas, no oceano de dunas, em minha alma,
Os furacões também levantam ondas
Que rivalizam com montanhas...

Não sei mesmo, Senhor, aonde vá a procurar-vos.
Ficarei por aqui vos esperando,
Com o meu grande desejo de encontrar-vos.

Só eu e este desejo,
Ânsia de pára-quedista
A cem metros do chão
Tendo ainda fechado o pára-quedas!

Meu coração é um campo cuja relva
Confundi-se com o borralho
Da poeira efervescente:
Retiraram os céus de sobre mim
A carícia das nuvens e do orvalho.

Fortaleza, abril de 1948.

CANÇÃO DE RILKE À POBREZA VERDADEIRA

Pobres,
Eles não são pobres.
São somente os não ricos,
Deserdados de opção e sem espaço livre,
Marcados com o sinal das angústias extremas,
Por toda a parte tristes e desfigurados.

Como as pedras da rua,
Sobre eles se acumula a poeira das cidades...
Contudo são mais puros do que as pedras puras.

Tais como o animalzinho,
Cego,
Ainda em gestação,
Cheios de simplicidade
E infinitamente ao teu dispor
Eles não exigem nada
E só uma coisa pedem:
O direito de ser tão pobres,
Como na realidade o são.
Porque a pobreza é um grande brilho interior.

Pobre,
Tu és pobre:
Assim como uma chuva de primavera
Que docemente cai sobre as telhas do lar.

Pobre
Como os sonhos que sonha o triste prisioneiro
Numa pequena cela,
Eterna,
Fora do convívio humano.
E assim como os doentes que no leito
Mudam de posição
E são felizes.

Pobre
Como pobres flores que desabrocharam
Junto aos trilhos do trem,
Tão tristemente pobres
No vento louco das viagens.

Pobre
Tal-qualmente
A mão com que se cobre o rosto pra chorar,
Assim tão pobre...

A habitação do pobre é como um tabernáculo
Onde o eterno se muda em alimento;
Onde ao cair da tarde ele vem, docemente,
Por um longo rodeio à borda de si mesmo
E, cheio de ecos,
Entra dentro de si, bem lenta, lentamente...

Tal como a terra, é a habitação do pobre:
O brilho de algum futuro cristal,
Ora luz, ora noite, em fuga vertical.
Casa pobre.

Pobre
Como a pobreza quente dum estábulo,
Contudo,
Noites há em que essa casa é tudo,
E todas as estrelas saem dela.

Sobral, 7 de outubro de 1953.

LAUDES PASCAIS

Louvamos-te, Senhor,
Por esse transbordar de júbilo febril:
Por teus prados, por tuas flores,
Por teus pássaros em festa
Na ramaria densa da floresta
Aleluiando o alvorecer.
Pela canção dos carrilhões de Páscoa,
Pela doce canção primaveril
Dos corações despertos para o amor:
Louvamos-te, Senhor.

Louvamos-te, Senhor, por esta primavera
Do mundo
Renovado
No sangue dum Judeu ressuscitado.
Isto é, pelo teu Sol e por meu Sol, teu Cristo
Que em pouco subirá ao Céu, como foi visto
Por onze galileus...
Louvamos-te, bom Deus!

E pelas capelinhas solitárias dos sertões
Que cantam Páscoas para os rudes corações
Do vale e da montanha.
E pelas grandes catedrais cascadeantes
De ouro e de esplendor..
Sobretudo a primeira das primeiras,
Tua Catedral de Roma,
Onde é meu Chefe o teu representante,
Louvamos-te, Senhor!

Pelas almas dos santos que vivem para amar-te
E que são tuas flores magníficas.
E pela pobre alma, pobre e pequenina,
Do meu irmão menor que faz a Páscoa.

E também
Pela alma ainda mais pobre:
A alma do pecador
Que vai e vem,
Timidamente, em busca de encontrar-te...
E pelas pobres folhas murchas do verão,
E pela sede imensa de restauração
Do caniço que os ventos fachearam,
Louvamos-te, Senhor!

Sobral, 8 de maio de 1955.

ÂNSIA

Há em minha alma um clima de manhã
Parada
No céu de minha existência.
Arde em minha pele o desejo
De produzir formas esculturais.
E o desejo de segregar açúcares
E destilar essências
Arde no meu sangue...
Arde assim,
Como para atrair a mim todas as gentes:
Sou um desejo vivo
De reunir todo o mundo num só corpo
E me espalhar na alegria de cada um
Pelo universo todo!
Ventos indômitos
Que soprais de todos os quadrantes,
Eu quero ser forte,
Eu quero vencer!

.....
Olho as árvores no seio da floresta grande:
É o amor de sustentar os ramos
Quem robustece os troncos...
Os troncos robustos que me dizem:
"Precisas amparar nos próprios ombros
O cansaço do mundo;
E apoiar nas próprias mãos
A ânsia dos que desejam subir.
É preciso ouvir com a resignação das raízes
O grito de vitória dos que triunfam,
Dos que brilham acima de nós outros."

Olho as árvores:
É o amor de sustentar os ramos
Quem fortifica as células dos caules,
Quem multiplica o diâmetro dos troncos...

Fortaleza, abril de 1948.

IDEAL

A sede que matou o Autor da Vida
Me devora as entranhas:
Quero ver felicidade
No rosto de meus irmãos!

Pequeno, devotado e afetuoso,
Eu quero aos meus instintos
Aplicar a divina fórmula,
Embora eu desapareça
Na reação dos elementos antagônicos.
Eu quero o esquecimento de mim mesmo,
Única lei de afinidade
A regular essa divina química.

Muita lição de Evangelho
Aprende-se até mesmo de um sapato velho:
Ah! Quem me dera ser assim, pois não,
Cômodo,
Bem cômodo pra os pés do meu irmão!

Como um sapato usado,
Tão humilde,
Que suportasse os pés do meu irmão
Sem lhe ofender os calos.
Que não quisesse ser lançado fora,
Não por doer-lhe o abandono,
Porém pela despesa que o seu dono
Poderia evitar.

Eu olho as árvores do meu quintal
E tenho inveja delas.
Invejo as mangueiras
Carregadas de frutas amarelas:
Foi o desejo de espalhar por todo o mundo
Sombra e agasalho,

Conforto e alegria
Quem revestiu cada uma das sementes
Com a polpa gostosa das mangas maduras.
Também quisera transformar-me
No que houvesse de melhor
Ao gosto dos espíritos
E no íntimo encerrar deste meu novo ser
O Espírito de Deus, a semente da Vida,
Para distribuí-la a cada um dos irmãos,
Que têm, como eu, o direito
De ser felizes.

Quisera ser para o meu próximo
Como a Luz do Evangelho quer que eu seja:
Divinamente bom!
"Sede perfeitos
Como é perfeito o vosso Pai do céu."

O olho nunca se fartou de ver:
E eu quisera ser tudo para ter
Felizes os que vivem junto a mim.
Quisera mesmo ser como um sapato velho,
Humilde e cômodo, pois não,
Sobretudo bem cômodo
Para os pés do meu irmão.

Fortaleza, 11 de outubro de 1949.

AMOR CONSCIENTE

Sou jovem — no vigor
Do espírito imortal que jamais envelhece.
E — homem —
Cheio da vida que transcende os céus,
Uma organização completa para o amor.

Sinto, por toda a parte,
O sopro cáldo da vida
Enchendo o coração das moléculas inertes.
Anda no ar, a ferver,
Uma respiração estuante de seiva
Atiçando nas vísceras dos átomos
A fome de viver.

E este sopro de vida, e esta respiração seivosa
Que enche o céu e enche o mar, estuante e buliçosa
Norte, sul, leste, oeste, zênite, nadir,
É a suma lei do amor que rege tudo,
É o nervo do devir.
Tudo é amor — supremo elã vital de tudo!
É o amor pelo céu,
Por mar e terra se alastrando, a esmo,
Como em perpétua luta,
Buscando a consciência de si mesmo.

E é de ver
Que à tona dos abismos de minha alma
Irrompe a natureza, em dor, num grande brado:
É o clamor veemente
De toda a natureza, que está cheia
Do amor que quer fazer-se consciente.

Se não vejo, adivinho,
Na expressão universal de singular carinho
Com que tudo sorri-se em frente ao homem,

Se não vejo, adivinho
As ânsias da matéria inanimada.
E assim,
Por onde quer que passe a minha estrada,
As árvores me dão fruta,
Os animais me oferecem viandas...
Parece que o destino da matéria bruta
Em tudo é, simplesmente,

Transformar-se no ser capaz de amor consciente:
Talvez por isso as brisas têm perfumes,
É por isso talvez que os ares têm canções,
Existem pássaros, existem flores
Para alegria dos sentidos
E delícia dos corações.

E tudo ao meu dispor!
Nas alturas do céu, nas profundas da terra,
Por sobre a terra inteira e nas águas do mar...
E nada está faltando:
Tudo o que existe é em função do amor!

Nada me falta,
Porque sou eu o ser capaz deste amor soberano,
O amor-consciência,
Selo de perfeição do ato humano.

Eu quero o amor consciente,
Antes de tudo, espiritual:
Quero alargar para a natureza
Os limites da consciência universal.
Tudo, em torno de mim, tudo ama e é tudo amor:

Grãos de pólen, sem rumo, espalhados pelo ar,
Sonham com gineceus que devem fecundar;
Gorjeios de passarinhos
Descem do céu sobre as árvores
Concretizados em ninhos...

Por toda a parte — amor:
Em risadas, em danças, em farândolas...
Não esse amor apenas fisiológico,
Simples “mentira das glândulas”,
Pura ilusão de endocrinologia,
Mas o amor racional, tão belo e puro
Como um raio de sol ao meio-dia.

Não me serve uma ilusão:
Só me serve o amor-verdade,
Evangelho de luz
Para o meu coração.

Meu amor é o desejo das colinas:
O que há de viver sobre as ruínas
Do que existe e de tudo o que ainda está por vir.
Minerais, vegetais,
Rebanhos pelos campos a pastar,
Aves do céu, peixes do mar,
Deixai-me por enquanto, é já bem tarde...
Eu vou ao meu Amor:
Tenho um presente para lhe ofertar.

Fortaleza, 16 de março de 1949.

OS DOIS TRIÂNGULOS

No princípio
Criou Deus todas as coisas.
E todas as criaturas
Eram cheias de Deus:
O ato do Onipotente estava em todas elas.
Tudo é portanto, desde então, cheio de Deus.

Somente o nosso coração,
Vazio,
Conserva em cada fibra esta inscrição:
"Deo implendum — a se encher de Deus."
Pois que no mundo nada o pode encher:
A terra, a lua, o sol, o próprio céu,
Por causa de sua forma geométrica.
Quase redonda é a terra que habitamos;
A lua, além do mais, é inconstante:
Se agora tem o que dar,
Dentro em pouco mal tem o que mostrar
No firmamento...
O sol não passa de uma bola imensa,
Um incêndio esférico;
O próprio firmamento, o céu, não passa
De um grande par de abóbadas
Que se encontraram...

Assim, devido à sua forma cônica,
Sua forma de triângulo,
O nosso coração somente com Deus Trino
Terá a plenitude.

Só Deus em três Pessoas
Enche necessariamente,
Da base ao vértice,
Este universo
Triangular!

Fortaleza, outubro de 1947.

PÓ E CINZA, FALAREI AO SENHOR

Graças a Deus por me ter feito
Pó e cinza,
Pois que assim poderei me derramar
Junto aos seus pés.

Espalhando-me ali,
Assim tão pouco,
Assim um quase nada,
Sobre o pó do que eu fui se escreverá:
"Glória a Deus nas alturas,
Louvor eterno ao Criador!"

Fortaleza, outubro de 1947.

ESPONSAIS

Na fronde da palmeira o pombo roxo
Voa impaciente a gemer de palma em palma.
E a outra margem do rio,
Arenosa e verdejante,
Sorri-se tão deslumbrante,
Que a margem da palmeira, triste e desolada,
Lembra um castigo imerecido...

Sopra um hálito de forno ardente
Da margem da palmeira
À outra margem do rio.
E vem de lá a sensação
De gotículas de orvalho,
De perfumes esquisitos
Nas asas da viração.

Porém na fronde da palmeira o pombo roxo
Voa impaciente a gemer de palma em palma
Noite e dia a sonhar com a outra margem...
A outra margem do rio
Onde bancos de areia,
Alvos de doer na vista,
Se estendem como altares de esponsais...
E o pombo roxo, impaciente, na palmeira,
Turturina, palpita, arrulha, anseia,
Vendo as asas sutis da sua amada
Como desejos brancos sobre a areia...

E a bela desejada
Compreendeu a ânsia do cativo:
Ânsias, arrulhos, tatarar de asas,
Frontes geladas, corações em brasas,
Saltam, agora, os dois, de palma em palma:
Dois corações de amantes num só peito,
Duas vidas de amor — uma só alma!

Fortaleza, outubro de 1946.

PEREGRINOS

Tu vais cansada, eu vou ardendo em febre.
Há, porém, um convite,
Parado,
No olhar inquieto das estrelas
Que nos impele ao fim da peregrinação.

Tu vais cansada, sim, e eu vou ardendo em febre,
Mas o convite das estrelas
É impertinente como um chuvisco,
E são milhares as estrelas
Que choviscam olhares de convite.
É-nos, pois, impossível repousar aqui.

Vamos!
Se estás cansada, apóia-te ao meu peito
E beija-me na testa:
Põe em chamas
A minha frente abrasada!
Apoia-te a mim,
Como eu quisera me apoiar a ti...

Dá-me, pois a sensação,
Pelo menos fingida,
De ir apoiado a alguém,
Embora vás cansada e sejas
A fragilidade mesma.
Apoia-te ao meu peito e beija-me na testa:
Preciso de conforto...
Quero enxergar o caminho
À claridade de minha própria luz!

São sem conta as estrelas.
Todas são guias de peregrinos,
Estrelas multicores que se erguem do pólo,
E cuja maior parte morre nos caminhos...

Estás cansada,
Tens certamente os pés feridos,
E os teus braços macios estão mais cansados
Do que dispostos a fazer carinhos:
Mas o meu coração está em chagas
Do atrito de teu corpo que apoiei.
Tenho os olhos em brasas e a cabeça em chamas...
Companheira,
Limpa numa carícia de tuas mãos
O suor de minha fronte iluminada!
E vamos.

Prossigamos em busca da grande manhã.
Qual será a nossa estrela?
Qual será a nossa estrada?
Os pés dos homens retalharam a terra,
E os caminhos sangram
Uma poeira sem destino...
Cruzam-se, numerosas, as estradas
Emaranhadas
Aos nossos pés bamboleantes
Como as malhas sutis duma tarrafa enorme.
Que importa?
Todas as estradas levam para diante,
Todas as estradas levam para trás.

Vamos.
Não tarda a grande alvorada.
Não vês que já no céu as estrelas rareiam?
Já não se elevam mais tantas estrelas,
Guias de peregrinos.
E as raras que ainda surgem
Morrem pelos caminhos.
As estrelas polares escasseiam,
Fanam-se, desaparecem,
Antes de alcançar o porto
O peregrino que conduziam.

Tu vens cansada, e ardendo em febre eu venho.
Repousarás, enfim:
Surgiu a grande manhã!
Eu vou mais além...

Há, no céu, uma só, uma única estrela,
Grande, luminosa,
Fazendo pedestal para um cruzeiro...
Eu vou mais além.

Fortaleza, setembro de 1946.

PLENITUDE

Nós te louvamos, ó Deus,
Pela nossa carne,
Irmã da que o teu Verbo assumiu.
Nós te louvamos, ó Deus,
Pela plenitude dos tempos.

Porque encheste o vácuo imenso
Do tempo cosmológico.
A glória do teu Filho,
Cheia de graça e verdade,
É a plenitude dos tempos,
Dos tempos, que ainda hoje
Poderiam estar vazios.

Nós te louvamos, ó Deus,
Pela nossa carne irmã
Da que teu Verbo assumiu.

Fortaleza, 15 de setembro de 1949.

CÉU AZUL E AMARELO

A minha insatisfação
Pintou o céu total de amarelo.
Ó soluços do crepúsculo,
Folhas emocionadas do outono,
Onde estão os meus óculos azuis?

As minhas pálpebras doridas
Têm o peso atômico do chumbo;
E a minha angústia enorme busca o azul do céu
De que os meus olhos têm sede...
O azul do céu que é descanso de vista.
Um bom descanso de vista.

Agora, sim, vejo o céu,
Como um grande cibório novamente azul,
Abrir-se em quatro partes,
Num gesto muito seu de entrega absoluta.
E no centro,
Como fronteira para os quatro ângulos,
O sinal inconfundível
De minha paz, de minha Integração.

Fortaleza, 13 de maio de 1949.

A BRISA DO MEU CREPÚSCULO

Quando no céu se calou
A orquestra das estrelas,
Sentei-me à beira do caminho
Vendo a vida passar
Num cortejo de hosanas e de hinos.

Aos meus olhos, num mundo inesperado,
Vi em desfile as estações do ano,
Sem ordem, misturadas,
Esquecidas das leis da sucessão do tempo.

Havia primaveras florindo os caminhos
E engrinaldando os braços magros dos sarçais.
Havia outonos sazonzando frutos
E amarelado os bosques
Para a farândola das folhas mortas...
Verões galvanizando a ouro
Espigas pensativas de triguais.
E havia invernos a cobrir de neves
E desencantos
Tectos de lares que abrigaram gerações...

Passam bandos de crianças
Das que Jesus abençoou:
Tão cedo, assim, meus meninos,
Por que assim subis tão cedo?
Levai, crianças, meus brinquedos de harmonia
Ao Deus que foi menino!

Passam adolescentes lindas,
Auroras de mulher, a vida em flor:
Levai, ó ninfas, o meu canto a Ela,
A totalmente bela,
A serva do Senhor.

Passam agora as mães que se imolaram
Pela vida de mais um ser humano:
Levai, mães heroínas, o meu canto
À mãe do Salvador.
Passam enfim as experiências e as virtudes
Alvejando as cãs dos sábios
Que ao passarem por mim levam também
As minhas saudações
À Rainha dos sábios e dos santos.

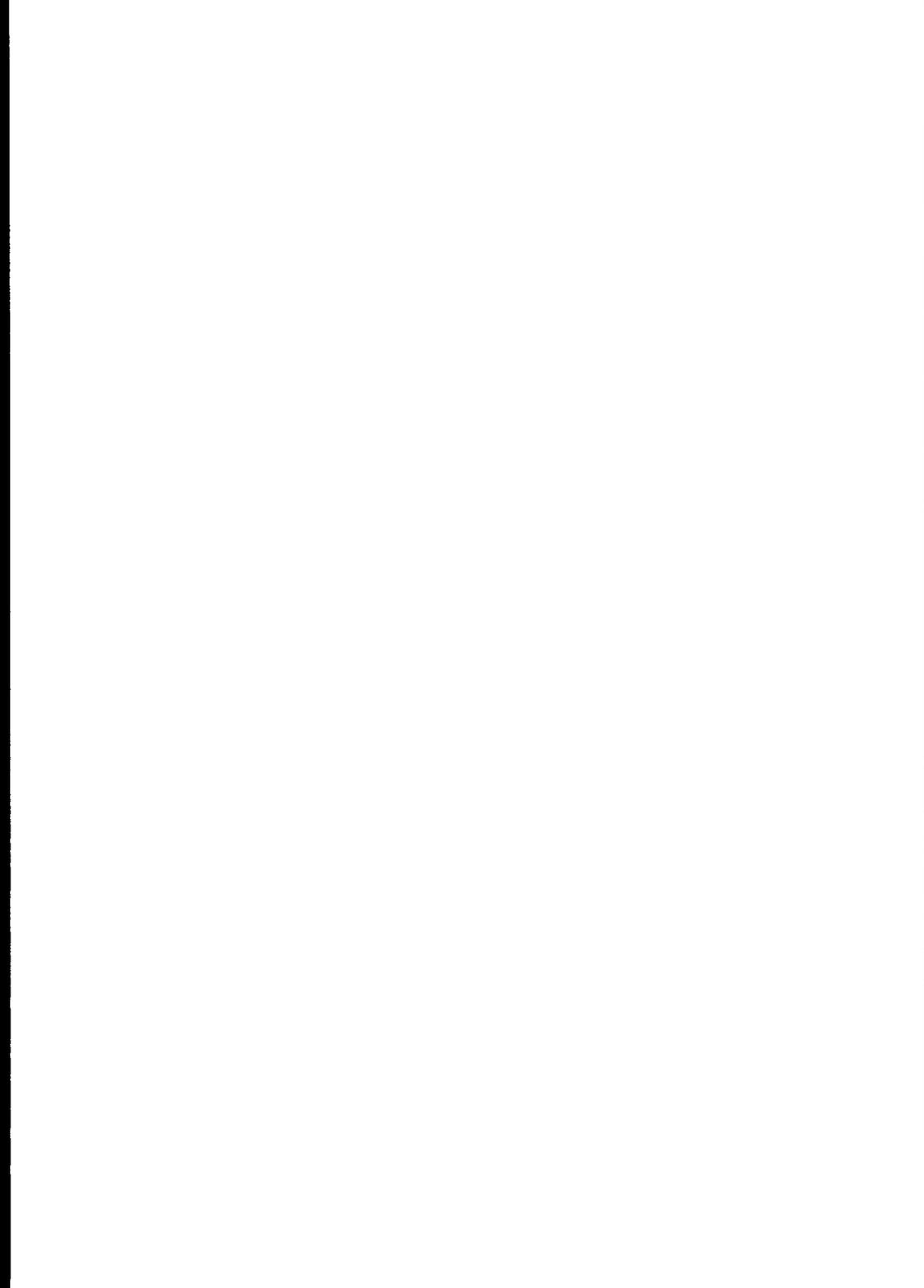
Vão passando os últimos...
E todos os que passam me perguntam
Por quem espero
E quando vou.

Espero a brisa do meu crepúsculo...
Então quando soprar a brisa fria
Do meu crepúsculo,
Eu passarei também.
E a minha alma será um cântico de glória
Na comunhão universal do além.

Fortaleza, maio de 1947.



SINUOSA OBLÍQUA



POEMA DA GUERRA MUNDIAL

A Alemanha, com muita pose,
Organizou estudo especializado
A fim de recordar suas matérias
De mil novecentos e catorze:
Estava quase tudo deslembrado...

E a América do Norte, aproveitando o ensejo,
Foi cumprir seu desejo:
Fazer um curso de especialidades.
Aí o Brasil-macaco,
Brasil-moleque-de-oportunidades,
Curioso de ver como se briga,
Ensacou-se em seus andrajos
E acompanhou sua madrinha amiga...

A América do Norte
Lá no Velho Mundo
Era gente forte,
E o Brasil era lacaio
Da América do Norte...
Mas, ainda assim mesmo fez milagre:
O de não parecer uma coisa cômica.
Passou-se.
A América do Norte doutorou-se
Defendendo sua tese: "A Bomba Atômica."

Brilhou em Hiroshima e Nagasaki
Com estrondoso sucesso.
E trouxe de regresso
Em cada fio da farda
A honra de um galão!
E para nós,
De glória para nós — uma pinóia:
Sobejo de Pistóia,
O pobre do Brasil voltou na mão...

Fortaleza, abril de 1946.

TIA ROSA MORREU

A Tia Rosa morreu.
Se ela fosse milionária,
Eu iria ao enterro.

Eu e mais gente.
O governador e membros da Assembleia,
Fardas de gala e casimiras circumspectas.
Dona Genu, ali no bangalô,
Também havia de ir
Para dar a conta exata
Dos automóveis contratados.

A Tia Rosa morreu:
Vou ver se me lembro dela,
Como era a fisionomia...

Ela era aí vizinha.
Deixou o seu casebre
Em testamento a uma Obra Pia...
Foi para as Vocações.
Não foi, Cotinha?

A Tia Rosa adoeceu.
Se fosse milionária,
A gente com certeza
Teria ido vê-la.

Não era milionária...
Quando muito,
Milionária de angústias,
Argentária da dor,
Odor
Característico da vida
De pobres e humilhados.

O certo é que ninguém sente
O odor amargo da vida
Na pele e no suor do próximo.
O azinhavre
Anestesiou as pituitárias:
Já ninguém sente
Senão o que tilinta aos ouvidos.
Tia Rosa não tilintava...
Gemia e estertorava.

Fortaleza, 19 de agosto de 1950.

O ENTERRO

Um dever social e cristão
Vai comigo
No pra lá e pra cá vespertino da rua.
Indiferença preciana dos que vêm e dos que vão.
E a vida tumultua
Na babel da gritaria
Sem nenhuma intermissão
Para a banalidade material
De todo dia.

Porém lá mais adiante
O tumulto pendeu
Descansando um instante
Pra perguntar quem morreu.
Cantigas tristes... salmos penitenciais...
E o "Misere mei, Deus" — mastigado
Por bocas clericais.

Pronto pessoal!
Não falta mais ninguém:
Até mesmo a noite da sepultura
Já aí vem
De carro funeral
Para levar o defunto!
E o tal de carro funéreo
Vem tão sério
Que parece uma falta de assunto...
E pompeia pelo calçamento,
Muito compenetrado,
Balançando vassouras de carvão
Para espanar a poeirinha alegre
Do nosso coração...
Vai-te, assombração!

E o cortejo silencioso
Sai rezando na frente do carro pavoroso
De carranca de treva
Que roda bem devagarinho,
Muito de mansinho,
Com medo de acordar
O defunto que leva...
Porque é para enterrar!

E a serpente preta
De espinhaço branco
Que o enterro corteja
Entra na igreja
E se enrosca pelos cantos,
Aos pés das paredes
Com o fito de assistir
À cena do caixão que vem se despedir.

Mas, antes que se despeça,
O cadáver se deitou
Sobre o sinal da Redenção
Que em boa atitude de perdão
Tinha-se atrevido numa essa.

Nosso Senhor é bom e entende tudo,
Até mesmo a linguagem do mendigo mudo:
"Líbera me, Dómine, de morte aeterna!"
"In Paradisum deducant te ángeli!..."

Há um arrepio ligeireza
Naquele ambiente de tristeza.
Há lágrimas abundantes,
Lágrimas grossas, amarelas,
A escorrer bamboleantes...
Do pavio das velas.

Há também um sofrível sortimento
Em questão de emoção e sentimentos:

Uns fazem condolências com os couros da cara,
Torcendo a cara por causa da hora.
Enquanto um outro põe óculos escuros
Para dizer que é duro
E fingir que não chora...

E o drama, distinto público,
O drama está terminado!
Este mundo é um caso sério...
O triste do caixão sai apressado,
Vexado
Pra chegar ao cemitério.

Fortaleza, abril de 1946.

"NUNCA, SENHOR..."

Não teve acompanhamento.
Veio sem respeito humano.
E veio sem fingimento.
Apreensão, curiosidade,
Invalidez e cansaço.
Apenas com um rapaz
Que o trazia por um braço.

Sua expressão penetrava
Na gente
E pedia esmola.
E os olhos na cara dele:
Dois ovos estrelados
Em caçarola preta, luzidia,
Pisca-piscando, tateando a luz do dia.

O pobre velho, pobre assim,
Veio buscar um pedaço de morim:
O que era que o pedaço de morim
Queria com o pobre velho?

Fortaleza, abril de 1946.

O SINO DA APARECIDA

Nigra sum, sed formosa. (Cant. 1,4.)

Saio.
Ouço um grito de luz na tarde roxa:
A brancura da igreja
Alveja
Na toalha do campo verde-gaio.
E o sino da capelinha
Lembra à gente o mês de maio.

Vem-se aproximando o povo
Nos seus trajes noveneiros,
Alegres e prazenteiros,
Tudo alegre, tudo novo.

Vestidos de pano cru
Passam fazendo frufriu.
Vestidos novos de chita
Vão dizendo adulação
Às caboclas do sertão,
Cada qual a mais bonita.

E o sino da igreja
Vai tocando, vai chamando,
Vai cantando em ladainha:
"De Davi filha mimosa
Na cor branca e no perfil,
Fez-te morena formosa
O ar e o sol do Brasil.
Virgem morena,
Virgem Maria,
Tão bonita e parecida
Com as morenas da Bahia.

Virgem morena
Da estirpe de Davi:

Bonita e tão brasileira
Como as caboclas daqui!”

Sino enxerido,
Sinozinho noveneiro:
Dobra a língua, malcriado,
Dá-te a respeito primeiro!

Mas o sino nem se importa...
Naquela vizinha sua
O teimoso continua:
“Senhora do mundo inteiro,
Senhora nossa também:
Nossa Senhora já tem
Sangue preto brasileiro!

Minha Nossa Senhora
De capa de asperges,
Mais bela quem viu?
Virgem Mãe Aparecida
Parecida
Com as morenas do Brasil...”

Sinozinho malcriado,
Psiu!
Respeita Nossa Senhora,
Padroeira do Brasil!

Fortaleza, maio de 1946.

SINOS DE PÁSCOA

Tangem sinos de Páscoa, tangem sinos,
Sinos alegres carrilhoneando,
E o universo cristão, ledo vibrando,
No bronze embora, canta alegres hinos.

Tudo canta! Reviram mais os sinos,
Sinos de Páscoa, doces, badalando...
O bronze vibra como que ensinando
Os nossos corações duros, ferinos.

Cristãos, bravos cristãos das primas eras,
Tão puras, verdadeiras, tão cristãs
Foram vossas virtudes, tão sinceras,

Que ainda ecoam com vívida ufanía,
Como brados longínquos de titãs
Nas montanhas da atual hipocrisia!

Sobral, março de 1944.

MÚSICA BRASILEIRA

Música brasileira, langorosa ou quente,
Subindo pelos pés como corrente elétrica
Para sensualizar o coração da gente:
Tiranía de ritmo,
Governo forte de pancadaria
Anulando a razão,
Dispensando os efeitos da harmonia...

Música brasileira, boa noite!
Imperatriz bacante,
Demônio moreno das favelas,
Por estas horas é que eu te saúdo,
Porque é à noite que tu podes tudo,
Ó mãe preta do sono e da volúpia,
Nos teus ensaios inconscientes
De retorno à matéria bruta...
Evoé!
Espírito sonoro do rito candomblé,
Há em ti o sabor picante
Da pimenta-do-reino
Com cheiro grosso de suor africano,
Em ti e nos teus boleios
De samba, de jongo, de frevo,
De batuque e de cateretê...

Chico Viola, Mário Reis e Noel Rosa,
Carlos Galhardo tremulando ao microfone;
Carmen Miranda vestida de rosas
Canta e requebra para o americano;
Linda Batista, Ari Barroso, Lauro Maia...
Balancê, Aquarela do Brasil,
E zé-pereira... Música brasileira
Com cheiro de caruru
E gosto de vatapá...
Zequinha de Abreu moendo semifusas
Para compor o Tico-Tico no Fubá...

O pandeiro destrona o violino,
O "jazz-band" sufoca o violão.
A tirania do ritmo
Sacoleja as pernas,
O governo forte dos zabumbas
Sensualiza o coração.
Gritos, apitos, guizos, guinchos, chocalheira,
Charangas
A espatifar timbales e tamborins
Como latas vazias
Tombando aos emboléus...

E Carlos Gomes, José Maurício
E Alberto Nepomuceno
Com inveja, talvez, lá pelos céus.

Fortaleza, abril de 1947.

QUE COISA

Que coisa mais gozada um marruá,
Desajeitado e feio como um anum,
Trazendo no espinhaço um jerimum
Com que caduco antes do tempo está!

Acorda muito cedo o macajá,
De madrugada, e com infernal zunzum
Arreia na parede o seu tuntum,
Exercitando pra o fazer baixar.

O triste do chamurro funga e sua,
De novo empina os ombros e recua,
Mas de ficar direito não é capaz.

E fica é cada vez mais indecente:
Os quartos bem chupados para a frente
E a giba arrebitada para trás.

Sobral, março de 1941.

QUE SUCESSO

Que sucesso brilhante vêm causando
Nos últimos decênios os jumentos,
Dês que o bravo orelhudo a zurros lentos
Vem dos homens os postos ocupando!

Por onde quer que eu vá, vou encontrando
Os teimosos filósofos cinzentos:
Em Clubes aos milhares, já aos centos
Em Universidades se formando.

Enchem com garbo praças e avenidas,
E entre os de classes mais evoluídas
Muitos são membros já de Academia.

Há jumentos doutores, bacharéis
Que se andarem um dia a quatro pés
Merecerão Nobel de Estrebaria.

Sobral, agosto de 1941.

ADEUS, ASTRO SAUDOSO

(Com música de Francisco de A. Alves)

I

Adeus, astro saudoso,
Branco círio de minha paixão.
Partir, pra nunca mais
Contemplar-te a brilhar na amplidão,

Por certo é doloroso,
É fatal para o meu coração...
Se, contudo, é impossível viver,
Adeus, meigo luar, vou morrer!

Lá daquela mangueira terrível
Que no chão negra sombra projeta
Penderá, daqui a pouco, a tremer
A carcaça infernal de um poeta.
Morrerei! Mas, nas sombras do além,
O eterno repouso hei de ter...

II

Ó Deus, mereço eu
O tormento satânico, eterno,
Da sorte que me deu
Uma negra entidade do inferno?

Mas o homem de alma de aço,
Valoroso e viril, não trepida
Em livrar-se dos laços da vida
Na espiral suicida de um laço.

Tu não vês, Deus do céu, Deus terrível,
Que viver para mim é impossível,
Sem a bênção dos ósculos teus?
Adeus, sonhos, adeus, vou partir...
Já que os céus não me querem ouvir,
Para sempre, adeus, sonhos, adeus!

Sobral, setembro de 1944.

A MUSA DO CARECA

Passo a mão na cabeça... vem a trouxa,
As trouxas de cabelos: com a breca!
Se a bruta alopecia não me afrouxa,
Em poucos dias estarei careca!

Estaria! Estarei é uma meleca,
Uma história sem pai, caolha e coxa,
Pois quem já não tem pelos na cachocha
Como é que ainda vai ficar careca?

Agora a testa vai-me até à nuca,
E um ar de tolo, uma expressão maluca
No meu olhar, quando com espelho cruza...

Dá vontade de rir quando percebo
Minha cabeça como um rim sem sebo
Filtrando o sangue desta fresca Musa!

Fortaleza, março de 1946.

A HONRA DOS MARIDONOS

Mulheres do mundo inteiro,
Uni-vos
E decidi-vos
A enfeitar a testa aos maridonos
Com dois chifres, no mínimo, por mês.

Eles merecem mais.
Porém virtude
É vigiar para evitar excessos.

Abaixo a pretensão de propriedade
Sobre a mulher, com rótulo de amor
E pública escritura nos cartórios!

Abaixo a tirania do poder
Do homem sobre a mulher
— Mulher-fazenda —
Onde o homem cultiva a própria honra,
E em cuja cara está sua vergonha
Como o leite nos úberes das vacas,
Como o toucinho e a banha nos suínos!

Se alguém quer ser honrado, tenha honra
No próprio proceder, tenha vergonha
Na própria cara, ou não tem honra alguma
Nem direito a ser tido por honrado.

Mulheres do mundo inteiro,
Uni-vos
E decidi-vos!

Sobral, janeiro de 1986.

LUXO É RELATIVO

Professor aposentado
Do Ensino Particular
Não anda em luxo e riqueza,
Nem pode nisso pensar.

Mas luxo não seja apenas
Ter dólar no Exterior,
Nem de uísque e de caviar
Ser alto consumidor:

Num país de poucas letras
Sob o signo do Mobral,
Também luxo é ler Virgílio
E Homero no original...

Sobral, outubro de 1984.

POR QUEM CHORAM OS SINOS?

Além, no campanário, estão os sinos
Aflitos, muito aflitos, badalando,
Num soluço plangente acompanhando
Ao remanso da Paz os peregrinos.

Que dor tamanha estão sofrendo os sinos?
Por que choram assim, de quando em quando,
Nessa angústia funérea arremedando
As badaladas frias dos destinos?

Será por mim que dobram? Mudo e quedo
Ouço-os chorando e apalpo-me com medo,
Porque esses sinos tristes, sem conforto,

Quando choram assim tão tristemente
Têm tanta coisa pra dizer da gente,
Que tenho medo de escutá-los morto!

Sobral, agosto de 1945.

DEFUNTO POBRE

Vamos, minha alma, à prestação de contas:
Alguém pode julgar que já vivi bastante.
Não tenho bens, não tenho status...
Dinheiro, um pouco mais que o do caixão.

Nunca mandei, nem desejei mandar...
Vivi!
Bebi policromias, colhi ritmos...
Não faço testamento, faço versos.

Não porque pense em não morrer agora,
Porém por já não ter o que legar.
O que tinha deixei, de tudo um pouco:
Amor, suor, gemidos e canções.

Tenho ainda o meu corpo...
Este, entretanto, não sou eu que o deixo:
É a vida!
E um cadáver não é,
Não é bem um legado.

No máximo,
Sobejos do que a vida digeriu,
Pobres carvões apagados
De um doce fogo extinto.
Não deixo o meu cadáver: ele fica!

É tão belo viver, tão doce a vida,
Que nela a dor da morte,
Como na Fênix o ovo,
É uma só vez, uma única vez.

O corpo morto é dejeção da vida...
Que devorem os vermes o meu corpo,
Não faz mal:
Eu o reivindicarei, com juro,
Da gordura dos bichos,
No dia do juízo universal.

Sobral, 13 de abril de 1962.

ESTUDOS



À TERRA GRANJENSE

Com música de Joaquim Carneiro Magalhães.

Quando o sol rasga a bruma da alvorada
Descobre entre perfumes e verdores
Um berço de cortina aurinevada
Coberto por dossel de lindas cores:

É Granja, que nas margens situada
Do rio Coreau, plena de amores
E de encantos, diz ser a Pátria amada,
Mãe querida que acalma as nossas dores.

Seu seio é para nós o de mãe pura.
Alenta-nos na dor e na amargura
E dá-nos o calor dos ternos ninhos.

Sentimo-nos felizes, berço amado,
Debaixo deste céu sempre azulado,
Cobertos pelo véu dos teus carinhos.

Granja, dezembro de 1940.

SERRANA

Tianguá, ó serrana graciosa,
Junto a ninhos assim de aves chilreantes
E ao cristal de regatos borbulhantes,
Dentre as serranas, és a mais formosa.

És bela, quando ostentas vaidosa
O vigor das mangueiras verdejantes,
O mar de mel das canas farfalhantes
E a seda de suas frechas cor-de-rosa.

A fim de alimentar os teus queridos
E de alegrar os corações doridos,
Fazes como não vejo a mãe alguma:

Moendo para eles, doce e lhana,
Do teu quérulo peito cor de cana
As fibras, palpitantes, uma a uma.

Sobral, setembro de 1943.

VELHO SEMINÁRIO

Quando eu te vejo assim tão solitário,
Tenho a impressão de ver amargo pranto
Rolar em fios do teu rosto santo,
Herói de pedra, velho Seminário.

Como uma enorme interjeição de espanto
Interrogas ao céu do teu fadário:
E tudo é mudo ao grito funerário
Que parte do teu peito. No entretanto,

Consola-te: Talvez teu largo seio
De mil recordações já estava cheio,
E os últimos alunos te deixaram

Para museu de tantos, tantos anos
De sonhos, ilusões e desenganos
De todos quantos já por ti passaram.

Sobral, setembro de 1944.

PADRE ANTÔNIO TOMÁS

Nas brancas praias do cerúleo mar
Do Acaraú, jardim em que nasceste,
Como flor entre espinhos tu cresceste,
Ó grande dos poetas luminar.

Quisera em minha lira então cantar
A glória dos poemas que escreveste
E o martírio de luz em que viveste
Meus passos de novel a clarear.

E por isto, em sinal de gratidão,
Já te guardou bem junto ao coração
Minha alma sonhadora a que pertences.

Como um vassalo aos pés de rei faustoso
Curvo-me, pois, humilde e respeitoso
Ao príncipe dos poetas cearenses.

Granja, dezembro de 1940.

A DOM LUSTOSA

Nunca mais da memória me sai esta
Manhã de sol ridente e esplendorosa
Em que ver, mesmo ao longe, Dom Lustosa
Foi pra minha alma indescritível festa.

A cantar minha lira então se apresta
O artista modelar da boa prosa
Simplicíssima, doce, harmoniosa,
Como um terno gorjeio na floresta.

Eu vi em sua face descarnada
A essência humana espiritualizada,
Sinal vivo de zelo e fé sincera.

Alguma coisa de genial se expande
Naquele vulto, fraco para um grande,
Grande demais pra glória que o espera.

Fortaleza, fevereiro de 1946.

AO PAPA

Mocidade feliz de minha terra,
Juventude sadia e varonil,
Fecha os ouvidos ao rumor da guerra,
Por um momento escuta-me, Brasil.

As quimeras sociais calem-se agora,
As sereias vermelhas silenciem,
E pelo bosque verdejante afora
Nem mais os brandos zéfiros ciciem...

E tu me escuta, mocidade forte:
Juventude feliz, idealista,
Limpa da frente esse ideal de morte,
Esse sangrento sonho terrorista!

Sai desse pesadelo, toma a lira
E dela em doce e pura alacridade
Doces acordes inspirados tira:
Vamos cantar o Pai da Cristandade!

Noite escura de horrores e de assombros
Com o véu da morte envolve e abraça o mundo:
O ruído cavernoso dos escombros
Semelha os tristes ais de um moribundo...

Em raios cor de sangue o céu se fende,
Um ódio louco os céus e a terra invade
E qual vampiro gigantesco estende
As negras asas sobre a humanidade.

"Guerra! Guerra!" aterrado o mundo clama,
Enquanto, uivando, a tétrica desgraça
Sobre a terra o pavor geral derrama
E o lúgubre sinal da morte traça!

Canhões de gorjas rubras, fumegantes,
Escarram para os ares a metralha,
Rugindo, gargalhando, retumbantes
Como atrevida e estúpida canalha.

Um bando enorme de condores de aço,
Farto de fogo, vomitando chama,
Num estralejar nervoso pelo espaço,
O espaço todo e toda a terra inflama.

Ante o inferno instantâneo da explosão
A própria inteligência fica atônita:
É fogo, é fumo, é lava de vulcão...
É o terror infernal da bomba atômica!

Depois... Só ouço, ante o geral clamor,
O silvo neurastênico da bala.
E em tudo eu vejo o açoite vingador
Que sobre as costas do pecado estala.

Rússia, Inglaterra, América, Alemanha,
Itália, França, humanidade inteira,
Tua sede de sangue é então tamanha,
Que não se farta? Gente carniceira,

Mais sublime que o ódio em tua frente,
No teu espírito um ideal não nasce?
Levanta o olhar acima do horizonte,
Se ainda podes erguer da lama a face!

Verás então sorrindo-te, bondoso,
Olhando-te a sorrir paternalmente,
Um anjo de pureza, um pai extremoso,
Chamando-te a seu lado amavelmente...

Verás em tuas trevas um fulgor
De vestes brancas a apontar-te ideais
Como o estandarte cândido do amor,
Como o sereno símbolo da paz.

Altivo, nobre, olhar superior,
Semblante esbelto, e de trajar estranho:
É Cristo militante, é o bom Pastor
Que anseia por unir-te ao seu rebanho.

É o nosso Chefe, o Pai da Cristandade,
A cujos pés receberás a plena
Absolvição da tua iniquidade,
Como aos pés de Jesus a Madalena.

Ei-lo de pé na rocha de São Pedro,
Forte, firme, seguro, inabalável,
Como no Líbano o robusto cedro
Ante a fúria dos ventos indomável.

Em redor do seu trono o inferno ruga
Com a rúbida garganta escancarada,
E rosna, e ladra, e ladra, e rosna, e estruge
Qual multidão de lobos esfaimada.

Em redor do seu trono o mundo infando
Pragueja furioso em doida luta
Vociferando, horrível, formidando
Como um leão zangado numa gruta.

Sopra rijo o tufão do ódio satânico,
O oceano da calúnia se avoluma,
E as vagas crescem num fragor titânico
Arremessando ao ar raivosa espuma.

Mas, tudo em vão... Depois que todas soltam
Seus brados fulminantes, uma a uma,
Cansadas, uma a uma, todas voltam
Transformadas, ó céus, em lama e espuma!

Grande Chefe! A calúnia, venha a afronta
Contra teu trono e teu poder celeste:
Valerá alguma coisa o mundo contra
A força divinal que te reveste?

Que rosne o inferno e ladre o mundo feio,
Que minta e que blasfeme a iniquidade!
Tens sempre contra tudo um riso cheio
Dum perfume sutil de eternidade...

Já lá se foram os tiranos feros,
Tão merecidamente desprezados:
Os Julianos cruéis, os duros Neros
Na poeira dos séculos soterrados...

Coliseus em ruínas... No abandono
Jaz a Roma pagã quase esquecida...
Enquanto permaneces em teu trono
Com as chaves do céu por toda a vida!

Mocidade feliz de minha terra,
Juventude sadia e varonil,
Fecha os ouvidos ao rumor da guerra,
Por um momento escuta-me, Brasil.

As quimeras sociais calem-se agora,
As sereias vermelhas silenciem,
E pelo bosque verdejante afora
Nem mais os brandos zéfiros ciciem...

E tu me escuta, mocidade forte!
Juventude feliz, idealista,
Limpa da frente esse ideal de morte,
Esse sangrento sonho terrorista!

Sai desse pesadelo, toma a lira
E dela, em doce e pura alacridade,
Doces acordes inspirados tira:
Vamos cantar o Pai da Cristandade!

Vem comigo à floresta, ao bosque, ao prado,
Vamos dizer a toda flor que hoje,
Mais que nunca, entre nós é venerado
O Vigário de Cristo — Pio Doze!

Por certo o grande Chefe há de escutar
Os arpejos de amor da nossa lira,
E até mesmo, quem sabe? Há de gostar
Do fogo juvenil que nos inspira.

E assim o doce Cristo há de mandar
Por prêmio à nossa lira juvenil
O mimo de uma bênção salutar
Num sorriso de paz para o Brasil.

Sobral, agosto de 1945.

ESCULTOR EXISTENCIAL

São Francisco de Assis é escultor:
Há muitos anos já no atelier
Ele estuda e se esforça por fazer
Uma estátua que lembre o Salvador.

Ora o vemos subir, ora descer
O Monte Alverne. E seja onde for
Procura a pedra, o mármore, pra o lavor
Da estátua que a Jesus pretende erguer.

Um dia o Monte Alverne se ilumina:
E a bela estátua irrompe ressupina
Das carnes de Francisco — é o Redentor!

O artista "Poverello" o mundo assombra:
Superando num salto a própria sombra,
É Jesus outra vez pregando amor.

Fortaleza, agosto de 1950.

ALCIÓN DO BEM

Num verdadeiro mar de iniquidade
Eu vejo o mundo e envolta em fúria ardente,
Em busca de prazer, a humanidade
Afastada de Deus onipotente.

Vogando qual batel na imensidade
De pélogo iracundo, muita gente
Diviso a tatear na escuridade,
À fúria entregue desse abismo ingente.

Vencendo vagas e escarcéus, porém,
O missionário, alcíone do bem,
Vai fazê-los voltar ao lar paterno.

Tens nosso aplauso, herói, em tua lida
De levar aos infíeis a luz da vida,
Cristo Jesus, o bem-estar eterno!

Sobral, outubro de 1942.

HERÓIS

Ver um mártir da fé em sofrimentos
Sorrir como quem goza uma ventura;
Ver um mártir da pátria na tortura
Mostrar-se indiferente aos seus tormentos.

Ver o santo e o patriota a passos lentos
Marcharem firmes rumo à morte escura
Como a dizer, em estos de bravura:
"Não mancham nossa face os vãos lamentos..."

É ver heróis, é ver os destemidos
Em ímpetos de heroísmo consumidos
Ardendo no calor da mesma febre.

Mais forte do que a morte, o amor profundo
Transforma tudo, e eu vejo que no mundo
Somente por amor se morre alegre.

Sobral, fevereiro de 1941.

O VAQUEIRO

Média estatura de Hércules trigueiro,
Bondoso, olhar faiscante, leonino:
Eis aqui nosso herói, nosso vaqueiro,
Eis o bravo Mazeppa nordestino!

Traz a pele morena revestida
Duma rija couraça bronzada,
E, escudado na própria força, a vida
Nunca a seus olhos mostra-se arriscada.

Pois nasceu pra o trabalho, e combater
É seu fado, sua glória é o labor.
E esse herói é valente sem saber,
Lutando sem saber que é vencedor.

No pequeno corcel, vivo, arreado,
Tem escudo, tem asa, e vida, e glória;
E é valente, e é feroz, e forte, e ousado,
E capaz de ganhar qualquer vitória.

Nunca o vistes no mato em disparada
Correndo em pós o touro furioso,
A estralar na caatinga esguedelhada
Como as chamas dum incêndio pavoroso?

Nunca o vistes assim colado ao lombo
Do campeão nos chapadões do Norte,
Abrindo no garrancho horrendo rombo,
Possante assim como um tufão de morte?

É meio-dia. A natureza dorme
Fervendo como um rúbido crisol:
Sente-se a luz assim como uma enorme
Sinfonia metálica de sol...

Golfa acordes gritantes pelo chão,
Tilinta, tine, estala, em cavatina...
Diapasão infernal a que se afina
O "jazz-band" dos grilos do verão!

Sai marchando o alazão garboso e forte,
Soltando fogo das febris narinas;
Como bandeiras sacudindo as crinas,
Batendo as patas pelo campo a trote...

O herói deste poema, no entretanto,
Vai sem pose de rei: Vai deslembado
Que tem no seu cavalo um trono alado
E nas vestes de couro um régio manto.

Adiante vê malhando calmamente,
Na sombra, a rês esquiva que procura:
Apruma-se na sela de repente,
Na mão crispada as rédeas segura,

Veste ligeiro as mangas do gibão
Finca o chapéu e desce o barbicacho,
Solta um grito feroz, e lá se vão
Como duas torrentes serra abaixo!

Corre, voa o vaqueiro entre a galhada,
O suor do alazão em bica pinga...
Semelha nessa louca disparada
Um corisco de bronze na caatinga.

Pula ponta de pau, salta barranco,
Range o mato estralando, o chão trepida...
Pra ver aquele monstruoso arranco
A natureza acorda estarrecida!

Guerreiro ousado que a desgraça afrontas,
Veloz, voando assim aonde vais tu,
Quebrando galho, esfarelado pontas
Como um raio blindado a couro cru?

Neste insano lidar, sozinho traças
O esboço colossal de um drama ingente:
O drama formidável de três raças
Fundidas no teu sangue de valente!

E tu mesmo, guerreiro formidando,
Pareces-me, no ardor que te reveste,
Um verso vivo, ardente, galopando
nas cenas desse drama do Nordeste!

Sobral, maio de 1945.

BEIJO DE LUZ

Rola em baixo a cascata enraivecida
Levando de roldão rolos de espuma,
E do palco de anil vão-se uma a uma
As estrelas, chorando, em despedida.

Vacila a lua cheia enlanguescida,
E dos vagos clarões, por entre a bruma,
Uma alegria aleluial ressuma,
Fogem os sonhos vãos, e exulta a vida.

Mostra a aurora, sorrindo, a rósea fronte,
Tudo em breve será luz e calor:
A terra verde e o céu cheio de escamas,

Colados um ao outro no horizonte,
Eram dois lábios sôfregos de amor
Na conjunção de um beijo — o sol em chamas.

Sobral, agosto de 1944.

AMANHECER

Do céu que já se tingia de safira
As estrelas desertam em cardumes
E vão seguindo, tremulantes lumes,
Da sombra os funerais... A noite expira.

A natureza é uma ciclópea lira!
Lá das montanhas sobre os verdes cumes,
Com uns tremores de pássaros implumes,
A aurora os braços preguiçosa estira.

As cortinas da névoa descerra
O luar que distraído continua,
Com impertinência, alumiando a terra...

Uns instantes no ocaso ainda flutua:
Abre-se enorme boqueirão na serra,
E a serra enorme devorou a lua!

Sobral, novembro de 1945.

SINFONIA NEGRA

O sol em sangue esvai-se. O vento dança
Com espasmos de volúpia agarrado
À floresta que inteira se balança
E, convulsa, gargalha em feio brado.

O sol tombando morre. A noite avança:
Jaguar descomunal em pez banhado,
Saltando sobre o ocaso ensanguentado,
Mil línguas negras pela boca lança.

Cai das altas montanhas nos talhados,
Arranca das cavernas contra os prados,
Querendo tudo reduzir a escombros.

Invade o mundo todo a treva bruta,
De vale em vale vai, de gruta em gruta,
Fazendo monstros, semeando assombros.

Sobral, agosto de 1944.

NO SERTÃO

Quanto diverge o meu sertão amado
Destas cidades que se dizem belas,
Neuróticas cidades tagarelas
Em que se vive zozzo e atordoado!

Lá tudo é calmo. O céu, sempre azulado,
A noite o mostra a fervilhar de estrelas,
E quanto é doce, quanto é grato vê-las,
Dali, no seu sorriso namorado!

Pelos banhados vêm-se a cada instante,
Como caídas da amplidão distante,
Estrelas vivas... Mais adiante chora

O sapo triste clamorosamente,
E a mãe-da-lua a bocejar plangente
Diz que em minha alma ainda é o sertão que mora.

Sobral, abril de 1943.

ANJO MENDIGO

São seis horas da tarde. Vou apressado,
Mas vejo ao longe vir uma criança
E me detenho um pouco na lembrança
Daquele doce tempo em vão lembrado.

Ei-la aos meus pés num ar atrapalhado:
A cabeleira traz composta em trança
E com os meigos olhares que me lança
Ilumina o rostinho acaboclado.

Vem vestida de chita — é pobrezinha,
Nem sapatos possui a coitadinha,
Talvez mal tenha um lar em que se aloje...

E entre rindo e chorando estende a mão:
"Me dá um dinheiro pra comprar de pão,
Que a mamãe nem comeu ainda hoje..."

Sobral, novembro de 1942.

A PRIMAVERA DE GAUTIER

Enquanto o homem corre em ânsia fera
Para a lama dos vícios animais,
Março rindo, apesar dos temporais,
Em segredo prepara a primavera.

No silêncio da noite, às escondidas,
Vai à sua oficina, ao seu tesouro,
Cinzela joias, botõezinhos de ouro
Para as tenras e gráceis margaridas.

O pomar e o vinhedo assalta em breve,
E vai qual um sutil cabeleireiro
Empoar de geada o amendoeiro
Com uma pluma de cisne cor de neve.

No silêncio mortal repousa tudo:
E ele sai pela noite silenciosa
Apertando os gentis botões de rosa
Nos seus verdes peitilhos de veludo.

Compondo ao mesmo tempo cançonetas
Solfejadas aos melros em surdina,
Rosas brancas nos prados dissemina,
E semeia nos bosques violetas.

Sobre a relva da fonte aonde vem
Beber a corça tímida, desata
Com mão velada as pétalas de prata
Da perfumosa e cândida cecém.

Entre as ervas, a fim de que tu o colhas,
Põe o morango tinto de arrebol;
E para proteger-te contra o sol
Tece um grande chapéu de verdes folhas.

Depois de tudo pronto, Março a rir,
As cortinas da bruma levantando,
Bate à porta de Abril, bate exclamando:
"Podes vir, Primavera, podes vir!"

Sobral, maio de 1945.

EROS EM FLOR

Marrom ou cor-de-rosa, cheira a mel
E tem gosto de sal. Liso e macio,
Pétalas não serão assim macias
Como o seu glúten de ostra ou mexilhão...
Trinta e sete a quarenta graus à sombra
De espesso bosque, em plena primavera
De desejo e de cio — amor ou febre,
Sonha com Phallus vigoroso e teso,
Eros em flor, um lindo flanco aceso.

Sobral, novembro de 1985.

NO JARDIM

Essa noite, mimosa margarida,
Namorei uma estrela, da janela;
Não queria dizer-to, porque ela
Pedi segredo, pela minha vida.

Vi-a sorrir-me, trêmula, insofrida...
Como Bilac então pude entendê-la.
E, sem ver-te ao meu lado, flor querida,
Tive ouvido capaz de ouvir estrela!

Mas, se em meu peito o seu olhar ardia,
Se mais que o teu perfume recendia,
Como era, ó flor, que eu não devia ouvi-la:

Portanto não te zangues, anjo meu:
Não fosses flor, mas homem como eu,
Também tu não podias resisti-la.

Sobral, maio de 1945.

SONHO DE GLÓRIA

Em redor do meu leito solitário
Bailavas em requebros langorosos:
Cri ver nos teus olhares voluptuosos
Toda a luz do sistema planetário.

O teu colo desnudo era um sacrário
Ostentando aos meus olhos cobiçosos
A hóstia dos teus seios perfumosos
Como o ar ambiente de um santuário.

Trêmulo círio crepitando beijos
Vibrantes de convites e desejos,
Olhaste-me nos olhos, e eu te amei.

Levantei-me, corri para abraçar-te,
Corri com a alma em fogo pra beijar-te,
Não mais te vi... Sonhava e despertei.

Sobral, setembro de 1943.

GÊNESIS

Eloim sobre o caos profere o brado
Da criação: Faz-se a terra encantamentos,
E eis levadas as ondas pelos ventos
Pastando a espuma em flor do salso prado.

Tudo é aroma e canções! E o céu, bordado
De pássaros, estrelas, sóis, portentos,
Vê dos ásperos campos poeirentos
Erguer-se o humano vulto sublimado.

Diz Deus ao rei da natureza inteira:
"É bom que o homem tenha companhia!"
Disse e foi logo a augusta Sapiência

Ferindo o tronco da viril beleza,
Dele arrancando a flor da natureza,
A mulher — alegria da existência.

Sobral, outubro de 1942.

ANTIGÊNESIS

Ei-la em gritos de dor, trajando luto,
Blasfemando e em furor rangendo os dentes
Entre chamas larvais, incandescentes,
Por ter negado do seu ventre o fruto.

Arfando ao peso esmagador e bruto
Do remorso, nas pernas impotentes
Do infausto amigo enrosca quais serpentes
O tronco e os membros. E a tremer, lhe escuto

Do desespero o grito pavoroso,
Ao vê-la assim nesse infernal furor
Morder as carnes do infeliz esposo

E, os olhos retorcendo hediondamente,
Lacerar-se a si própria... Ó Deus, que horror!
É possível sofrer eternamente?

Sobral, novembro de 1942.

FLUXO E REFLUXO

Coleando entre cerros e freguedos
Lá se vai o almo rio tumultuando,
Campos, várzeas, florestas fecundando,
A rebanhos nutrindo e a passaredos.

Rolam as águas entre bosques ledos,
Mas logo em breve, turvas, marulhando,
Remanseiam cansadas demandando
Seu berço e sepultura — os mares tredos.

Como chega ao seu fim uma caudal,
Assim também a nossa doce vida,
Gota dágua da Fonte Celestial:

É orvalho e dulçor na mocidade,
Mas lágrima que rola dolorida,
No final, para o mar da eternidade.

Sobral, junho de 1942.

LIBERDADE

Ó liberdade eternamente amada,
Luz ideal que em toda a trajetória
De minha vida brilha para a glória
Do triunfo que tive sobre o nada:

É por ti que os heróis entram na História.
Ainda quentes da luta encarniçada,
Levando em fogo a frente iluminada
Como um rubro diadema de vitória!

Ó Liberdade, ó minha glória e amor,
Pra bendizer-te quero ao teu fulgor
Desfeita em luz minha alma sempre unida.

E quando eu me encontrar na eternidade,
Por certo hei de exaltar-te, ó Liberdade,
Ó única razão de minha vida!

Sobral, abril de 1945.

DEUS CRIADOR

Existe um ser de força e de saber profundos
Que está em toda a parte e mora nas alturas,
E cuja voz tonante abala as criaturas,
A terra treme, o mar também, o céu, os mundos.

A um simples gesto seu os ventos iracundos
Tornam-se calmos como as brandas auras puras,
E a aura mais mansa por sua vez perde as doçuras
E é furacão que rugem em estos furibundos.

Por ele existe vida e paz no lar, nos ninhos;
E o ar, e o fogo, e a luz, e os maternais carinhos,
O amor, e tudo, enfim, são dons supremos seus.

Encerra em sua essência o bem, a glória, o gozo
É bom, é justo, é sábio, é forte, é poderoso,
Existe eternamente, é meu Senhor, é Deus.

Sobral, setembro de 1941.

FORNAX ARDENS

Que sussurros, que rumores,
Que notas melodiosas,
Que doce aroma de flores!
Músicas harmoniosas...
Aqui são ternas canções,
Mais ali são orações,
Que voam dos corações
Como o perfume das rosas.

Donde vem tanta harmonia?
Que notas melodiosas...
Donde vem tanta alegria?
Dizei, Musas amorosas:
É a terra da Santa Cruz
Que banhada em graça e luz
Ao Coração de Jesus
Faz festas esplendorosas.

Cobre-me, Virgem bendita,
Com teu manto de safira;
Meus sentimentos excita,
O meu estro acende e inspira:
Ao Coração dos Amores,
Consolo dos pecadores,
Também sinceros louvores
Quero arrancar desta lira.

Meu Jesus, meu Redentor,
Meu Mestre e Senhor, meu Deus,
Com brasas vivas de amor
Purifica os lábios meus!
Eu quero entoar um canto,
Louvar o teu nome santo
E, longe a dor, longe o pranto,
Cantar só louvores teus.

Coração imaculado
Que o erro e o vício abomina;
Remédio contra o pecado,
De Salvação oficina...
Foste ferreiro: E, fornalha,
Teu Coração hoje espalha
Amor, enquanto trabalha
Nas almas tua mão divina.

Fervem nos peitos mortais
Ira, discórdia e ambição:
Inspira-se em Satanás
E luta irmão contra irmão...
Porque o mundo não procura
Essa luz serena e pura,
Cheia de graça e candura
Do Sagrado Coração!

Tu tens no peito, ó Jesus,
Um coração todo chama,
Todo calor, todo luz
Onde o teu amor se inflama
Pela nossa Redenção,
E de luz numa explosão
Esse teu bom coração
Guia os passos de quem te ama...

Agora já compreendo
Porque é que Santa Teresa,
Sempre de amor, sempre ardendo,
Amou com tanta firmeza;
E a outra que em seu ardor
Dizia: "Amor, ó Amor,
Tu matas-me de calor,
Vais-me queimar com certeza!"

E enquanto assim clamava,
Sobre o seu peito inflamado

Água fria derramava;
E o tendo mais moderado
Dos arroubos da Paixão,
Dizia com gratidão:
"Amar, amar, coração,
Que o Amor não é amado!"

Dá-nos, bondoso Senhor,
Meu Redentor, meu Jesus,
Dá-nos também desse amor,
Desse calor, dessa luz!
Queremos mais Madalenas,
Margaridas às centenas,
Marias mil, todas plenas
De amor a Deus, junto à Cruz!

Sobral, novembro de 1944.

ESTRADA DE LUZ

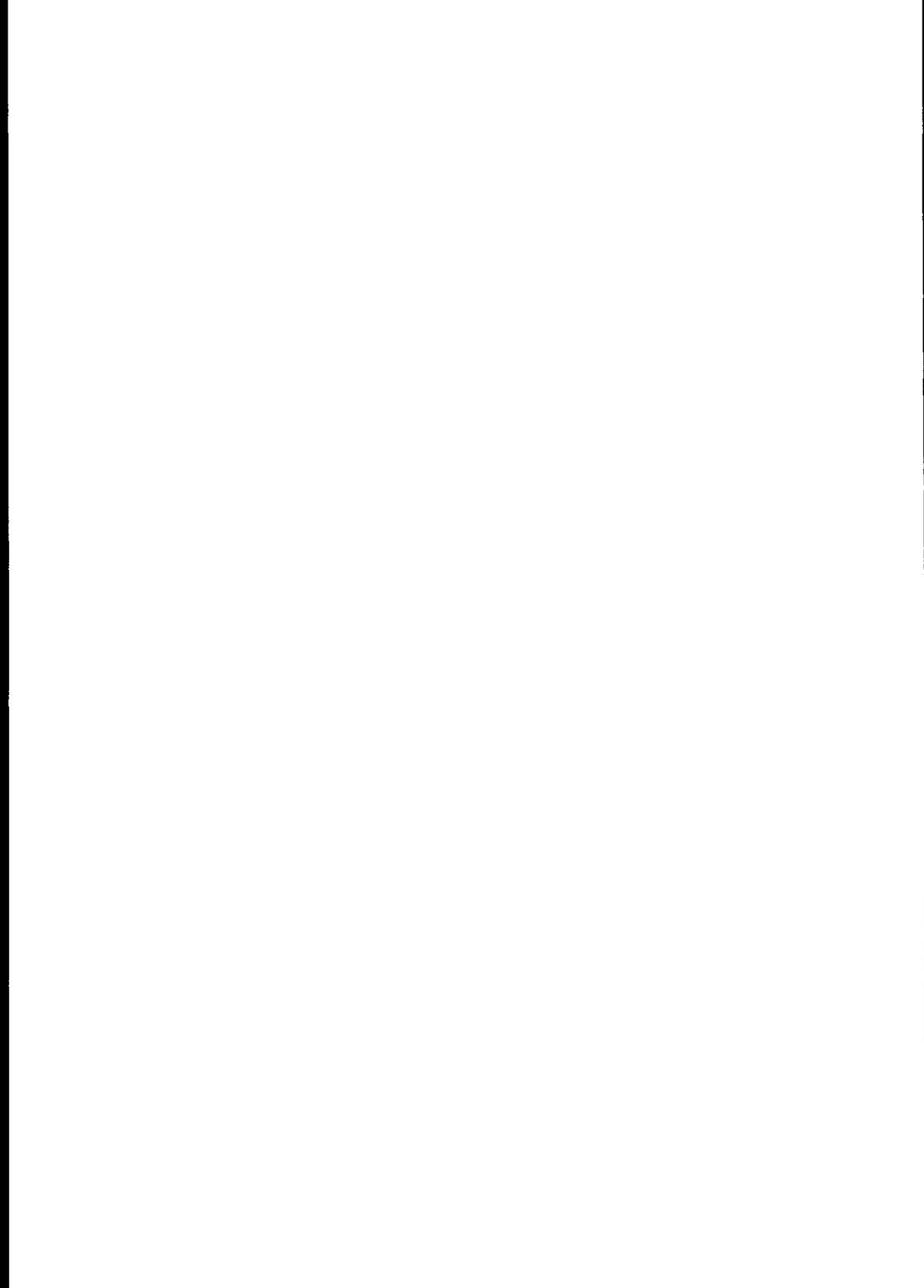
Ó minha fita azul, doce candura,
Cerúlea flama a tremular ridente,
Se estás comigo, o coração fremente
Sinto e coragem, destemor, bravura.

Mimosa fita, emblema de ternura,
Conservo-te em meu peito alegremente
E beijo-te ansioso, tendo em mente
As palmas oscular à Virgem pura.

Ó minha fita azul da cor do mar,
Pareces-me, ó sorriso constelar,
Um pedaço do trono de Maria.

Um pedaço do céu com glória e amor,
Tu me lembras a estrada de esplendor
Por onde eu subirei a Deus um dia.

Alegre, fevereiro de 1942.



DIVINOS

A Dom José

A vida, vasto mar de inquietas ondas,
Tem mistérios de enormes proporções
Que tu, ó Deus, entendes porque sondas
Os abismos, os céus, os corações:

Jaime, Inocêncio, Manuel Simões
E eu também, na onda deles, fomos ver
O homem montanha que mudou meu ser
Livrando o meu destino de ilusões.

Os grandes homens são como as montanhas
Que só de longe azulam e são tamanhas,
Por isso é que só hoje eu me dispus

A completar o que iniciei menino:
"É divino o Balzac, e tu és divino,
Mas Deus humanizado é só Jesus."

Sobral, 9 de outubro de 1992.

HUMANO

Homero, aqui, é mais que o poeta jônio:
É Juarez, é Loyola, é Luciano...

Humano, antes de tudo, é um doce beijo
Inspirado em olhar de simpatia;
Minha mesa frugal, meu pão, meu queijo
E o meu verso de Homero todo dia.

Humano, muito humano também vejo
Quem deseja a do Céu plena alegria,
Mas muito mais humano o meu desejo:
Ela será melhor, se mais tardia.

Homem, portanto, eu paro mudo e quedo
Ante o mistério e sinto-me, com medo,
Cada dia mais pobre entre os mortais:

Sem os doces encantos da Beleza,
Vazio o meu lugar, em breve, à mesa,
E poemas de Homero... nunca mais.

Sobral, 7 de julho de 1998.

NÃO PRECISO VIAJAR

Cancelem, por favor, meu voo a Java.
Já não vou ao Japão. Não viajarei
Ao Laos, tão cedo. E nem mesmo sei
Se vou à China, como desejava.

É certo que não vou. Nem precisava
Sair do meu País, porque te achei,
Valdorinda, e estou certo já encontrei
O mundo oriental com que sonhava.

Tenho Java, e Japão, e Laos, e China
— O Oriente — em teus olhos de menina,
Valdorinda, e com brilho e muita graça:

Não preciso viajar por Oriente,
Basta-me o teu sorriso adolescente
E esse traço oriental de olhos de raça.

Sobral, 1989.

BRASIL 500

Parodiando A. dos A.

Um povo sobre quem caiu a praga,
A peste do desmando, um Brasil triste
Só para Bancos Mundiais existe
Em dívida que nunca será paga.

Já nada espera? Nada há mais que traga
Remédio ao mal a que só ele assiste?
Em roubo e crime aqui a Lei consiste,
E a impunidade é sua eterna chaga!

Sabe que sofre, e muito, mas não sabe
É o que fazer para que um dia acabe
Essa desgraça e humilhação infinda.

E vai vivendo, como um corpo inerte
Que se deixa cobrir de praga e verme,
A pobre Pátria que eu sonhei tão linda.

Sobral, 14 de junho de 1999.

ONZE DE SETEMBRO

Bin Láden, meu herói, meu justiceiro,
Átila sem Aécio e Teodorico,
Em ti nós saudamos o primeiro
Que deu lição ao prepotente rico.

Neste onze de setembro eu te dedico
Aplausos, como aplaudo o pioneiro
George Washington e Franklin, seu parceiro
De luta contra o opressor iníquo.

Seja este o dia mundial das vítimas
Da tirania, o dia das legítimas
Protestações na servidão global.

Tudo a seu tempo. O tempo faz a flor,
Sazona o fruto... O tempo é o vingador
Inexorável, frio, universal.

Sobral, 10 de maio de 2002.

DANTE

Ó Dante, donde vem que a alma em culto
Levo adorando o teu sublime aspecto,
E sobre os versos que esmeraste tanto
O sol me deixa, e a aurora já me encontra?

Não me creio perdido em selva escura,
Nem impuro me sinto que precise
De favores de Lúcia e de Matilde,
Nem de Beatriz para subir a Céus.

Odeio essa política de papas
Aliados a reis e imperadores,
Aquilo que chamavas santo império.

Igreja e império são ruínas tristes
Que o teu alto poema sobrevoa:
Júpiter morre, o hino do poeta fica.

Giosuè Carducci
Rime Nuove II, 16 (trad.)

Sobral, 19 de maio de 2001.

MARTIM LUTERO

Dois inimigos teve, a ambos venceu,
Trinta anos a lutar, Martim Lutero:
O diabo triste que ele estrangulou
Entre o bom vinho e o cântico sagrado;

E este outro — o alegre papa, a quem opôs
Um Jesus Cristo muito austero e duro,
Cingindo os rins de imensa fortaleza
E de serenidade a mente excelsa.

— “Nosso castelo e nossa espada é Deus” —
Seu povo em redor dele assim cantava,
Num hino de esperança no porvir.

Contudo ante o passado suspirava:
Senhor, chama-me a ti, estou cansado,
Orar não posso sem amaldiçoar.

Carducci (trad.)

Sobral, 27 de maio de 2001.

A UM JUMENTO

Ó paciência antiga, para além
Da cerca, em meio a bamburrais floridos,
Que fitas, entre as moitas, no oriente,
Assim de olhar atento e como em lágrimas?

Por que zurras ao céu com tanta dor?
É porventura amor que te estimula?
Que lembrança te aflige, ou fugitiva
Esperança te incita a exausta vida?

Pensas na ardente Arábia ou ricas tendas
De Jó como feroz competidor
A enfrentar destemido os ganhões?

Refúgio queres na Hélade guerreira
Chamando Homero para comparar-te
Ao telamônio resistente Ajax?

Carducci (trad.)

Sobral, 25 de maio de 2001.

A GLÓRIA DE SERVIR

Faz-se a fêmea mulher servindo ao homem,
Que é o macho feito servo da mulher.

Hoje eu canto a mulher,
Perpetuação da vida e espécie humana.
Cérebro e entranhas ocupados sempre,
Tempo integral, ato ou disposição,
Em conceber, gestar e nutrir a existência.
O corpo feminino desconhece
Ócio e lazer genésico.
Eu amo o feminino, generosa
Disponibilidade
De existência e de vida.

Do homem, variante da mulher,
Ócio e lazer genésico perene,
Exija-se,
Para direito de existir,
Que seja condição, que seja meio e clima,
Proteção da mulher.
É ela causa. É ele condição.
Ela cria e mantém a espécie humana:
Que ele a proteja e aperfeiçoe,
Com o estudo, e com a ciência, e com a arte, e com a guerra,
Pese o céu, meça a terra e esquadrinhe os oceanos...
O pão para a mulher, sombra, luz, agasalho,
Garanta-lhe sossego, segurança e paz,
E músicas divinas para os seus ouvidos
E os versos mais sublimes para o seu espírito,
Esplendores de forma e colorido
Para a delícia dos olhos,
Os seus olhos divinos.
Faça a terra cobrir-se de flores,
Encha o ar de perfumes,
Tudo para a mulher.

Servir é a nossa glória:
Para nós o trabalho, a dura luta, a morte,
Em função da mulher,
Dinâmica da vida.

Sobral, 1995.

JÁ E AINDA NÃO

Toda mulher que teve filho é minha mãe:
Antes de eu ser em mim, já fui na humanidade.
Comi cru, senti frio, antes de dominar-se o fogo.
Com os que ampliavam seu mundo fiz a roda,
A jangada e, depois, o avião a jato.
Com os que davam avisos a distância,
Fiz fogueiras, icei bandeiras e, depois,
Mandeí recados pelo rádio,
E minha imagem por televisão.
Com os que aplaudiam Homero ouvi rapsódias,
Depois enchi estantes de Balzac,
De Dostoievski, Proust e James Joyce...

Toda mulher que vai ter filho é minha mãe:
Depois de eu ser em mim, serei na humanidade.
Entre ninfas em flor, continuarei resposta
À indagação — “Por que me nascem seios?”
Por certo farei parte dos que em breve
Terão o seu planeta restaurado,
Sem medo à destruição.
E com certeza um dia ainda havemos de ter
As coisas boas da vida
Sem pecar, sem lesar direitos de ninguém.
A humanidade não é toda ainda:
E já, e ainda não,
Eu sou a humanidade.

Sobral, 2002.

DEZOITO PARA SEMPRE

Olhares de ternura,
Sorrisos e carinhos,
Seios em flor oferecidos,
Em flor, aos dezoito anos:
Era a idade daquela
Que me deu vida e amor.
Talvez por isso eu veja nessa idade
Toda mulher que eu amo;
E as vejo irredutivelmente amáveis
Como a primeira,
Aquela,
Tão ternamente bela,
Visão inaugural do Paraíso.
Tinhas, também, Mardul, dezoito anos
Quando te conheci:
Vi-te num banho. O rio
Transbordava e invadia
Ruas e casas, e o teu banho
Era ali mesmo, à beira da calçada,
Na onda fluvial.
Belo rosto moreno e um traço oriental
Nos olhos de criança
Iluminavam com um sorriso
O busto delicado em plena floração.
Águas da enchente enchiam as casas,
Tua graça, Mardul, enchia o coração.
Tinhas, então, dezoito anos,
E eu sempre te hei de ver à mesma idade
Tanto é verdade
Que te amei sempre e te amo.

Sobral, 24 de setembro de 1998.

MISELLUS PASSER

(Catulo)

Espíritos que presidis o amor,
Há razão para choro.
E todos quantos sois sensíveis à beleza,
Chorai também: morreu Mansinha,
A mais mansa das rolas de minha amiga.
Mansinha, sim, delícias de minha amiga
E que ela amava mais que os próprios olhos.
Era um amor de rolinha:
Conhecia sua dona tanto quanto
Conhece uma filhinha a sua mamãe.
Não se afastava nunca de sua dona,
Ora voando do ombro para a mão
E da mão pra aninhar-se no cabelo...
Carente, turturinando,
Dava a entender que conversava com ela.
Mansinha agora por caminho escuro
Viaja ao país chamado Ida-sem-Volta.
Malditas, cruéis trevas, clima infando,
Que tudo o que é bonito devorais,
Levastes-me Mansinha,
Mansinha, tão bonita e tão amiga!
Foi um desastre! Ó pobre passarinho,
Por tua causa vi dois belos olhos
Vermelhos de chorar, desfigurados.

Sobral, 3 de outubro de 2004.

AMADA AUSENTE

Sabiá longe na mata
É o amor da amada ausente:
Quanto de mais longe canta,
Mais canta dentro da gente.

Sobral, 18 de maio de 1995.

AMIZADE

Este caminho
Aberto na alma
Fecha-se à míngua
De dois pés amigos,
Desaparece
Quando não trilhado.

Sobral, 2001.

ESSA GRANDE MULHER

Não quero
Dos hotéis-constelação,
Que medem luxo em número de estrelas,
Destes hotéis não quero os gênios culinários
Sequer nomear:
Eu canto a cozinheira!

Eu canto a cozinheira, que não mede
Seu valor em estrelas, mas em sóis:
Ela é de todo dia, e são trezentos,
Três vezes cem e mais sessenta e cinco
Os sóis que exaltam seu valor por ano.
Ela é do ano todo e de todos os anos:
No princípio do dia,
Está ainda escondido o sol pra o seu trabalho,
E bem antes do fim de sua dura jornada,
O sol já se escondeu...

É Sara preparando os pães de casa
E dos divinos hóspedes;
É o mágico poder das mãos abençoadas
De Rebeca, fazendo, de cabritos,
O guisado de caça ao gosto de Isaac;
Euricléia, em Ítaca, cozinha
Pra Ulisses e Telêmaco;
Maria, em Nazaré, para os dois Carpinteiros...
Maria e Joana e Antônia e outras muitas Marias,
Pra mim e pra você.

Erija quem quiser seus monumentos
Ao vaqueiro, ao romeiro, ou ao soldado
Desconhecido.
Erija quem quiser suas estátuas
A Sampaio, Tibúrcios, a Caxias,
Napoleões e outros fabricantes
De viúvas e de órfãos e famintos:

Eu quero um monumento à verdadeira
Dona de casa
Humilde e boa
Que nos dá de-comer.

Eu faço do meu poema um monumento
A essa grande mulher
Que lava e enxuga o meu talher
E me dá de-comer:
Eu canto a cozinheira!

A NUTRICIONISTA

De copa em copa eles vão,
Os pés da nutricionista
Que, sábia, passa em revista
Quem é que come e quem não.
Encontro-a sempre, e ela ensina:
"Não somente proteína
E hidrocarbonado é pão;
Também a graça, a beleza,
A feminil gentileza,
Com certeza, é nutrição."

Sobral, 14 de setembro de 1998.

SETE MARAVILHAS

Um dia disse o Pai
Ao Filho e ao Santo Espírito:
"Fiz Homero, fiz Dante, fiz Camões,
E há muito tempo não se faz um outro
De gênio igual, de igual inspiração...
Por exemplo, na língua do Luís,
Tirando, com razão, Gonçalves Dias,
Só se encontram medianos, atualmente".
E bocejou, com enfado onipotente.
"Vamos fazer um poeta!"
E o Filho secundou: "Um grande poeta!"
E o Espírito insistiu: "Um poeta e tanto,
Um verdadeiro espanto
Entre os que falam língua portuguesa!"
Jeová levanta a mão
Repete a mesma expressão
Com que no início fez surgir a luz,
E plantas, e animais, e peixes, e aves:
"Faça-se um poeta! E seja brasileiro,
Chame-se Antônio, o gênio condoreiro,
Antônio Frederico de Castro Alves!
Matéria-prima tem-se aí para sobrar.
Do resto que ficar
Vamos fazer, pois não, Guerra Junqueiro;
Vamos fazer mais três,
Um só de cada vez..."
E segue no mesmo tom:
"Nós queremos coisa boa,
Haja Fernando Pessoa,
Haja Bandeira e Drummond!"

Sobral, 1987.

CULTO DE RICARDO REIS

A um infiel

Horácio é um rio...
Batiza-te, infiel, nas santas águas,
Receberás o Espírito!
Mergulha de uma vez,
Terás em plenitude
A graça e a saúde
Para entender e amar Ricardo Reis.

Sobral, 5 de setembro de 1996.

PODER DO DINHEIRO

Como o poder do ar que respiramos,
Tranquilo e silencioso
É o poder do dinheiro.

Como o poder do mar que faz as nuvens
Que nos dão, generosas,
Chuva em tempo oportuno
É o poder do dinheiro honesto e moderado.

O ar em movimento é vento, é tempestade;
Mar de leite se agita e é turbilhão de morte.
Cresce o dinheiro na arca e faz-se fome
De mais dinheiro ainda e sempre mais:
E o que foi como o ar que respiramos,
E o que foi como o mar que faz a chuva
Agora é vendaval de luxo e vaidade,
Ou escarcéu de mando e arrogância,
O poder transtornado, enlouquecido.
Bom é o poder tranquilo e silencioso,
O poder do dinheiro honesto e moderado.

Sobral, 16 de setembro de 2003.

MONUMENTOS

Toda cidade grande tem seu monumento;
Tu, meu poeta e meu santo,
Condômino no Reino do Messias,
Na memória dos teus amigos construístes
Uma grande cidade.
Uma grande cidade
Com uma população
Imensa dos mais ricos testemunhos
De fé e simplicidade.
E de pureza
De coração que sempre nos fez ver
Reflexos do Divino a conviver com a gente.

No centro da tua urbe populosa
Edificaste o grande monumento,
A tua Torre Eiffel, o teu Big Ben,
Teu Coliseu, teu grande monumento
À renúncia cristã, ao desapego:
Tua própria vida de homem que passou
Na terra sem manchar-se de ganância,
Com mãos puras, sem nódoa de dinheiro.
Monumento imortal para nós todos,
Como o foi em Vicente
De Paulo a caridade, e a ciência de Deus
No Angélico Doutor.

Sobral, 4 de outubro de 1995.

HONRA AO MÉRITO

Dois grandes, posso dizer:
Pitanguy por certo é bom,
Mas bem melhor — Massilon.
Pitanguy no humano ser
Conserta o que vai ser visto;
Massilon, mais do que isto,
Recompõe o que vai ver.
Um atende a vaidade,
O outro a necessidade,
Tudo enfim é merecer.

Sobral, 15 de fevereiro de 1999.

NASCUNTUR POETAE

Não basta já nascer feito:
É preciso ser perfeito.
Para atingir essa meta,
O talento não é tudo:
Necessita muito estudo
O que quer ser bom poeta.

A arte é que faz o verso,
Por isso em todo o universo
Ficam aqueles, somente,
Que vêm de estudo e trabalho.
O restante é rebotalho,
Não vale atenção da gente.

Sobral, 12 de maio de 2001.

JUREMA PRETA, ESPINHEIRO DE JOATÃO

(Juízes 9,15)

Aos estéreis e corruptos.

Profissional da eleição,
Só nisto é que emprega a vida:
Elege a esposa querida,
Mais o filho, mais o irmão,
Sempre à base de "mutreta."
Alma de jurema preta,
Espinheiro de Joatão,
Não dá sombra, não dá fruto,
Só vale o seu peso bruto,
No fogo, feito carvão.

Granja, 2000.

NÃO DESÇA

Não desça; é sempre arriscado
Pisar alguém no caminho.
Suba e levante o vizinho,
Suba sempre acompanhado.
Indo assim com outro ao lado
É mais difícil baixar.
Mas nisso não o vou forçar:
Se quer descer, então desça,
Talvez seja o que mereça,
Mas desça sem me pisar.

Sobral, 2 de maio de 1987.

MAIS CEDO É MELHOR

Língua, justiça, fé, ciência e trabalho,
Pentágono do homem integral,
As cinco chaves do ideal humano:

Aprender a falar, claro, falando
E aprender a justiça respeitando.
A fé, que é dom de Deus, guardar pela oração,
Somando-a à dos irmãos no culto do Senhor.
Aceitar, generoso, o que oferece a escola
E habituar-se ao trabalho trabalhando.

Não existe trabalho degradante,
A pior degradação é ser inútil.
Quem desde a infância trabalhou fez bem:
Bendito o que aprendeu a respeitar limites,
Seja bendito agora e sempre. Amém.

Sobral, 20 de novembro de 2001.

GANGORRA, MEU AÇUDE

Carro Quebrado, Alegre, Baixa Fria,
Sambaíba, Angelim e Jaburuna,
Mocambo, Folha Larga, Ipueira,
Vereda dos Tomás e Baixa dos Galdinos
Mandam a água das chuvas ao Gangorra
Pelo Manuel José, ou riacho do Alegre,
E riachos do Juá e Mororó.
Meus pastos! Meu rincão! Minha querência!
E a minha Granja, assim, banha-se em águas
Que lavam cada inverno o chão calcado
Por meus passos de infância e adolescência.

Sobral, 1º de dezembro de 1998.

GUÊRAS E THÁNATOS

(Homero – Od. XIII, 59-60.)

Velhice diz-se Guêras; morte, Thánatos:
Caminham ambas ao encontro do homem.
Guêras pode falhar, tem prazos certos;
Thánatos, nunca: a qualquer hora é Thánatos,
É fonte amarga de incontáveis dores
Dentre as quais a maior é morrer jovem,
É Thánatos chegar antes de Guêras.
Guêras, velhice, sonho bom da vida,
Velhice, analgesia à dor global
De quantos que ao tombar em campo raso
Têm consigo essa irmã de caridade
— Alegria de vida em longos dias —
Abençoada irmã de caridade.

Sobral, 11 de agosto de 2006.

DOCE E BREVE

Quando eu morrer, vai lá, olha os meus restos,
Apenas com saudade:
Uma saudade breve,
Com a duração das rosas.

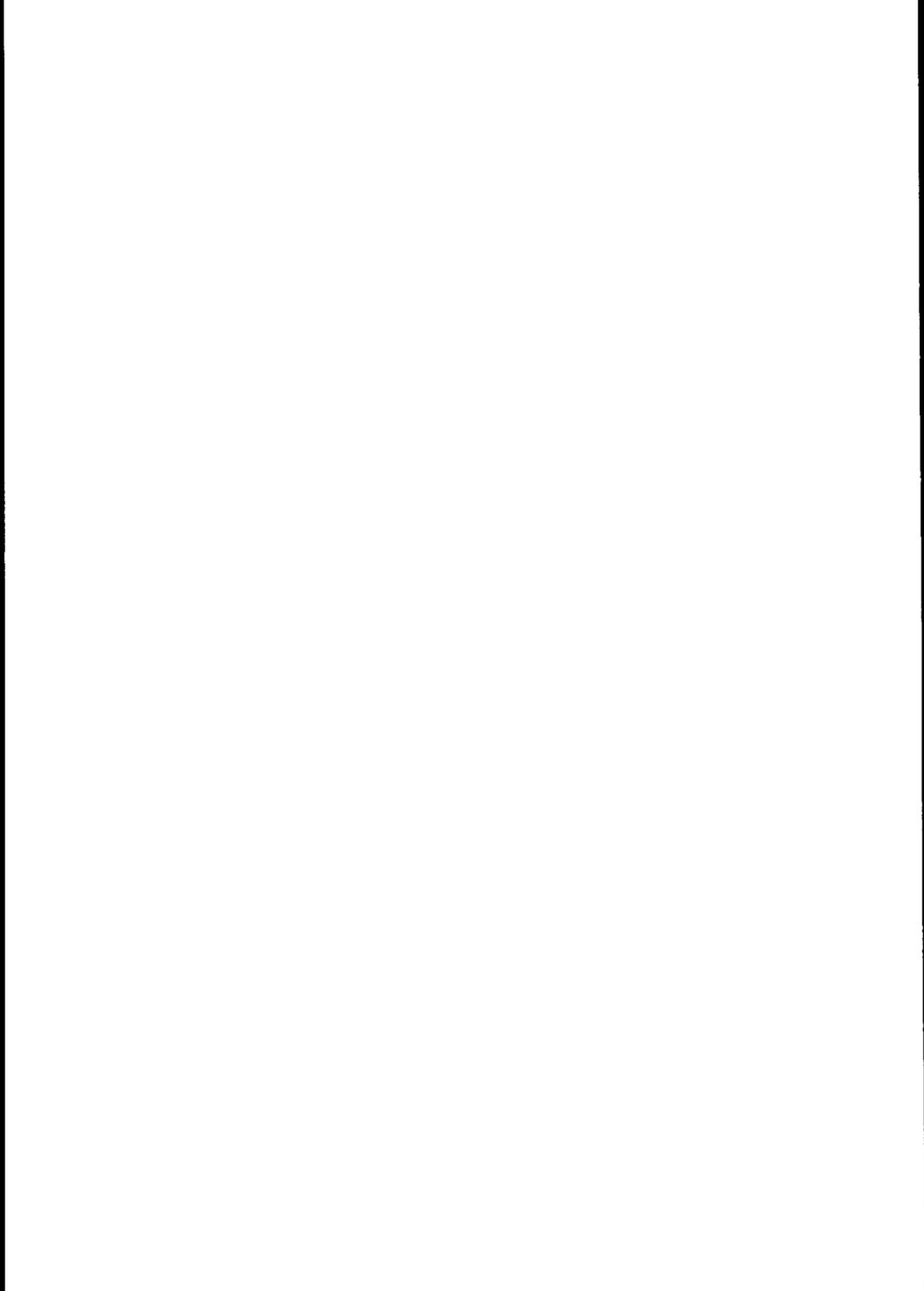
Poupa-me dos protestos de "saudade
Imorredoura e eterna":
Sobre o meu corpo a terra
Já é por demais pesada.

O eterno, assim como o infinito,
Me dá vertigens.
Eu amo a flor
Que vive "o espaço de uma manhã",
Eu amo o entardecer, eu amo a aurora,
Que duram menos,
Ainda menos que a flor,
Um pouco mais de uma hora;
E a onda que se eleva, e se encrespa, e se abate
Em flor de espuma,
E o êxtase do amor que dura alguns segundos...
Eu amo a vida!
A vida,
Tão doce e breve,
Que tem na flor, no entardecer, na aurora
E tem na onda e no êxtase do amor
A mais perfeita imagem.
Eu amo a vida!

Quando eu morrer, vai lá, olha os meus restos,
Apenas com saudade:
Uma saudade breve,
Com a duração das rosas.

Sobral, 24 de outubro de 1986.

EXÍGUAS 3



NÓS SOMOS RICOS

Nem sei bem explicar a dor que sinto
Quando estou visitando em cemitérios
Amigos meus e gente do meu sangue,
Gente boa que um dia me quis bem:
Que frustração, meu Deus, quanta pobreza!
Não enxergam, não ouvem, não se movem.
Não falam mais. De nada. De ninguém.
Já não podem medir, pesar o mundo,
Apenas fazem parte do seu peso...
Que frustração, meu Pai do Céu, meu Cristo!
Todos tão pobres, mas tão pobres mesmo,
Mais pobres do que nós, do que eu que existo.

Sobral, 2 de novembro de 2007.

RESGATANDO DÍVIDAS

Pássaro-Preto era grande,
Era maior do que eu,
Porque "ser grande é ser todo,
Todo, sim, em cada coisa":
Ele era um cavalo bom.
Era árdego, estradeiro,
Galopeiro e bralhador.
Estradar assim vi poucos.
Macio, o muito estradar,
Uns passos de equilibrista
De copo d'água na testa
Cheinho sem derramar.
Ficava sem água e milho
Das duas da madrugada
Até quase o meio-dia.
Era assim todo domingo,
Feito minha montaria
Do Alegre ou Bom Sucesso
À Granja de São José.
Seis léguas ou mais até.

Pássaro-Preto, o meu verso,
Meu verso agora é de dor,
Gemido de penitente.
É para ti que eu escrevo,
Para ti e os teus parentes
Em que eu via apenas coisas,
Meios de transporte apenas
E não viventes reais,
Em esquema, iguais a mim.

Esporas? Para que esporas?
Para que ferro dentado
Servindo de focinheira?
Para que saca-bocado,

De ferro, esmagando a língua?
Por que no punho um chicote
Em relhos de couro cru?

Graças a Deus enxerguei:
Para sair de viagem,
Sela, em jejum, nunca mais.
Nunca mais viajar com sede.
Para eu agir como gente
Devia ter-me informado
Do teu destino na vida,
Invalidez ou velhice...
Sabendo eu do teu fim,
Não serias desprezado,
Mas serias, te garanto,
Sepultado no que é meu:
Debaixo do Cajueiro
A que se liga o meu nome.
Pássaro-Preto, eu cresci,
Sou quase do teu tamanho.

Sobral, 25 de agosto de 2010.

AMOR À VIDA

Amor à vida é pena de morrer:
Eu amo a vida e tenho muito medo
De morrer aos noventa e assim tão cedo
O mundo encantador deixar de ver.

Sobral, 2012.

TRIO MATERNAL

É lei da natureza, é o seu maior preceito
A que todo ser vivo está sujeito,
A mais dura das leis - "o mata e come."

Dez luas em jejum... Nasci com fome...
Foi com Rosa e Isabel, foi com Maria
Que iniciei repor as energias...

Posto na mesa o pão, vejo de Rosa,
De Isabel e Maria as pomas generosas,
Restauração de alento e de vigor.

A Rosa, a Maria e a Isabel
Quero ser grato enquanto vivo for:
Sejam benditas junto a Deus no Céu.

Sobral, 15 de maio de 2014.

O GRANDE SONO

Tarcísio, Austregésilo e Chico Aldo,
Gotardo, mais Rodrigues e Pereira,
Aloísio Tavares, Zé Landim,

Jairo Ferreira, Tito e Estelita,
Moreira, Zé do Vale e Geraldinho,
E, por fim, Assaré, que é Antônio Onofre,

Dormem sem se mexer nem rressonar:
O bom Deus me escolheu para vigia
Do sono de meus quinze companheiros,

Saudosa turma de cinquenta e um.
O primeiro a dormir foi Aloísio,
E dormiram com ele os próprios ossos:

Vimos isso no chão de Mulungu.
Dormem todos agora, dormem todos.
Também já tenho sono. Espera um pouco,
Um pouco apenas: vou dormir também.

Sobral, 21 de agosto de 2015.

GRANJA E LÍVIO

Eu quero Granja que mereça Lívio
Barreto, o iluminado de Dolentes,
E sempre diga tenho-o e não só tive-o,
Como convém a não-indiferentes.

Sobral, 3 de novembro de 2015.

NUMA URNA

Flores... Flores mais lindas
São as suas cinzas:
Lembranças que não murcham.

18 de março de 2016.



A elaboração deste livro contou com apoio da
Sobral Gráfica e Editora.



Sobral: Av. Monsenhor Aloisio Pinto, 406
Dom Expedito - **(88) 3112.3100**
Fortaleza: Av. Desembargador Moreira, 2120
Sala 1008 - Aldeota - **(85) 3061.0044**
Teresina: Rua Dr. Natan Portela Nunes, 4127 - Térreo
Ininga - **(86) 3061.3228**

www.sobralgrafica.com.br  /sobragraficaface  @sobralgrafica



Padre Osvaldo Carneiro Chaves é natural da Granja-Ceará. Coursou Filosofia e Teologia no Seminário Maior de Fortaleza. Em 1951, na Catedral de Sobral, é ordenado sacerdote por Dom José Tupinambá da Frota. No Seminário de Sobral, iniciou o magistério como professor de Português, Francês e Música. Concluiu a Licenciatura em Filosofia Pura pela Universidade Federal do Piauí em 1971. Aposentou-se como professor de Língua Portuguesa no Colégio Sobralense em 1981. Publicou a primeira edição do livro Exíguas em 1986.

Oswaldo Chaves



Fecerat

EXIGUAS

jam sol altissimus umbras
(Ovídio - Met III, 50)

POESIAS

3ª edição

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-60474-30-1



9 788560 474301

Sobral- Ceará
2016